



CRIANÇAS Índigo

Uma Nova Consciência
Planetária

Sylvie Simon



MADRAS®

CRIANÇAS ÍNDIGO

Uma Nova Consciência Planetária

Sylvie Simon

Chegamos a uma época em que devemos escolher entre a sobrevivência da Terra e a pilhagem cotidiana de suas riquezas, e esta obra faz o balanço disso.

Ao mesmo tempo, observamos o surgimento de crianças que pensam e agem fora das normas, contestam nossas instituições e são apaixonadas pelas tecnologias modernas. O olhar que elas trazem sobre o mundo é bem diferente do nosso e se assemelha ao dos físicos quânticos que nos falam da solidariedade do homem com o Universo e do pertencimento de tudo ao Todo.

São chamadas "crianças índigo", por causa da cor de sua aura descrita pelos videntes. Elas teriam vindo para ajudar a humanidade a evoluir?

O objetivo deste livro é tentar responder a essa pergunta, refletindo sobre as mutações atuais da Terra e de seus habitantes e a chegada maciça dessas crianças.

* * *

Sylvie Simon é autora de várias obras sobre os fenômenos ditos "paranormais", esoterismo e também a respeito da desinformação relacionada à saúde e à ecologia.

E autora de *La Mémoire de l'au-delà*.

Nesta obra, ela trata especialmente a questão das crianças índigo, que são cada vez mais numerosas em nosso planeta, e, na verdade,

poucos estão aptos a lidar com elas. Tanto os pais como os educadores W sentem dificuldade em orientar essas crianças, pois geralmente elas recusam a autoridade deles, bem como qualquer pressão exterior, mas obedecem se consideram que a ordem dada é justa e lhes convém.

Sylvie Simon publica diversos casos verídicos de situações vivenciadas por famílias que convivem com crianças índigo e que denotam a necessidade de se estar preparado para esse tipo de relação.

"Elas são obstinadas, decididas, ignoram o medo, o espírito de competição e não ligam para a noção de pátria, pois não somente se dizem cidadãs do mundo, mas também" do Universo. São absolutamente conscientes de sua individualidade e de seu valor pessoal e falam sobre isso abertamente, mostrando grande confiança em si mesmas", explica a autora.

Saiba, por meio desta leitura, o que pode ocorrer se esses casos não forem direcionados corretamente, especialmente quando os pequeninos são tratados com medicamentos como a Ritalina ou o Prozac, destinados ao tratamento da hiperatividade.

CRIANÇAS ÍNDIGO

Uma Nova Consciência Planetária

Você pode dar às suas crianças seu amor, Mas não suas ideias. Você pode conceber seus corpos, Mas não sua alma. Você pode tentar se tornar como elas, Mas não pode exigir que elas se tornem como você, Pois a vida é projeção adiante, E não um retorno ao passado.

Texto tibetano.

Índice

Prefácio

Primeira parte - As crianças não são mais o que costumavam ser

Uma nova geração.....

As Índigo e os outros.....

A escola

Os pais.....

As relações com os outros

A morte

O sentido de sua essência divina

Seria um problema tão recente?.....

Segunda parte - O fim de um mundo

A manipulação midiática.....

A sobrevivência da Terra.....

Somos aprendizes de feiticeiro.....

A poluição do planeta.....

Nossas crianças irão salvar o mundo?.....

A evolução da matéria

Terceira parte - Eis chegado o tempo dos mutantes.....

Uma nova humanidade

Os calendários maias e o Apocalipse.....

Vamos ouvir as crianças

Bibliografia

Prefácio

de Stéphane Audran

Ler este livro, como a maior parte dos livros escritos por Sylvie Simon, é uma prioridade.

Ele é uma advertência gratuita para nos ajudar a sair de nossa letargia suicidária.

O elementar bom senso nos leva a refletir sobre o estado da Terra e, conseqüentemente, sobre o estado de seus filhos. Estamos perfeitamente desinformados, "cortados de nossas raízes, banhando-nos na poluição, química e eletromagnética, interconectados em uma rede de informação e de vigilância"...

Sylvie Simon nos imerge no mundo das crianças "índigo", as crianças do terceiro milênio. Elas nos obrigam a revisar inteiramente nossos sistemas de pensamento, a colocar o contador no zero. Vamos ouvi-las! Elas falam com as estrelas e com o que existe de precioso em cada um de nós. Elas se dizem "seres do futuro encarnados em um planeta que vive no passado".

Elas são o futuro da humanidade. As posses materiais não as interessam, nem a competição. Elas poderiam dizer como aquele aborígene da Austrália: "Não é agradável para aquele que perde". Vamos cuidar delas e aceitar sua diferença. Elas vão abalar o mundo, pois prefiguram a humanidade de amanhã.

Essas crianças nos dão coragem para continuar a acreditar que não somos apenas moléculas e que o divino não é uma secreção da massa cinzenta. E se, no fundo de nosso coração, existisse em cada um de nós uma pequena criança adormecida e cuja voz, abafada por nossos medos e condicionamentos, não conseguisse se fazer ouvir?

Talvez, há muito tempo, todos nós fomos índigo, banhando-nos na inocência e na simples felicidade de existir.

PRIMEIRA PARTE

As crianças não são mais o que costumam ser



Uma nova geração

"Os problemas que devemos resolver não podem ser resolvidos se permanecerem no mesmo nível de pensamento em que foram colocados."

Einstein

Sempre existiram crianças difíceis, rebeldes, revoltadas com o mundo dos adultos e com a ordem à qual se referem; crianças que se recusam a obedecer, comer, dormir; outras que desprezam abertamente seus pais e a maior parte dos adultos. Atualmente, essas "exceções" quase se tornaram a regra, e muitos pais consultam psiquiatras para tentar compreender o que se passa na cabeça de seus queridos filhotes.

Essa situação degradou-se tanto nos últimos anos que atualmente existem, na França, 370 institutos de reeducação para acolher crianças de 5 a 12 anos em dificuldade. Inúmeras delas são rejeitadas pela escola, pois, para algumas, o único meio de comunicação é a agressividade. Nos Estados Unidos, esses casos se multiplicam de forma considerada "inquietante" pelos pais e pelos educadores, e o único meio utilizado oficialmente para amenizar a agressividade e a

hiperatividade que caracterizam essas crianças é a administração de medicamentos psicotrópicos.

Nos Estados Unidos, a *Drug Enforcement Administration* constatou que as receitas prescritas com esse tipo de medicamento aumentaram em 700% ao longo dos últimos dez anos. Desse modo, o número de crianças tratadas com psicoestimulantes, venenos prescritos para melhorar a concentração e a obediência e acalmar a impulsividade, passou de 55% em 1989 - porcentagem já alarmante - para 75% em 1996. Seis milhões de crianças americanas estariam sendo tratadas com a Ritalina, uma anfetamina cujos efeitos são comparáveis aos da cocaína. Essa droga vendida com prescrição médica é tão perigosa que o exército americano se recusa a alistar os jovens que tenham sido tratados com ela antes dos 12 anos.

No entanto, ninguém pode demonstrar que medicamentos como a Ritalina ou o Prozac melhoram o rendimento escolar das crianças assim tratadas. Seu único efeito "benéfico" é o de permitir uma gestão a curto prazo da hiperatividade.

"Damos Ritalina às crianças, em parte, porque não podemos tolerar que elas se situem abaixo da média ou que não estejam acima da média", declaram alguns pais. Esse tipo de atitude explica, por si só, o comportamento agressivo de seus rebentos.

O fabricante da Ritalina, a sociedade Novartis Pharma, reconhece que seus pesquisadores ignoram totalmente como esse remédio funciona e de que maneira age no sistema nervoso central. Aliás, os "peritos" da Novartis são incapazes de prever seus efeitos a longo prazo, mas descobriu-se recentemente que ele provoca tumores cancerosos no fígado dos ratos de laboratório.

De todo modo, esse tratamento químico é uma faca de dois gumes. Ele pode, com efeito, permitir que essas crianças hiperativas se integrem às normas em uso e, assim, tranquilizar os pais, mas, como todas as drogas desse tipo, gera uma certa euforia que permite aos consumidores esquecer sua diferença e seus complexos em relação aos outros. Contudo, paralelamente a essas vantagens teóricas, ele

destrói a personalidade, a intuição, os dons espirituais, as faculdades extrassensoriais dessas crianças e, sem sombra de dúvida, sua saúde física.

A única vantagem que essas drogas oferecem é a de facilitar a vida dos pais e dos professores e não a das crianças, que correm o risco de um dia pagar muito caro essa inconsciência de suas famílias e dos médicos.

No Canadá, apesar dos riscos, quase um milhão de crianças são igualmente tratadas com a Ritalina, ou com outras drogas similares, com o objetivo de controlar esses comportamentos aos quais nenhuma causa médica jamais foi associada.

Em 1990, na Grã-Bretanha, 3 mil crianças eram tratadas com esses tóxicos. Hoje, elas são 345 mil. Algumas delas são drogadas assim, dentro da lei, desde os 18 meses de idade.

E evidente que todas as crianças de nossa época não são agressivas ou nervosas além da medida, mas muitas delas apresentam comportamentos fora das normas e essa porcentagem, que não para de crescer desde o pós-guerra, aumentou sensivelmente desde o final dos anos 1980.

Na maioria das vezes, essas novas crianças recusam a autoridade dos pais, bem como qualquer pressão exterior, mas obedecem se consideram que a ordem dada é justa e lhes convém. Todavia, elas precisam de explicações e não se contentam mais com o "porque sim", conciso e sem réplica, recebido pelas gerações precedentes em resposta às suas questões. Elas detestam a rotina e também rejeitam as ideias estabelecidas. Em sua totalidade, e isso é um dado surpreendente nessas crianças, elas não suportam a mentira que detectam assim que esboçada. Exigem sempre a verdade, toda a verdade.

Elas são obstinadas, decididas, ignoram o medo, o espírito de competição e não ligam para a noção de pátria, pois não somente se dizem cidadãs do mundo, mas também do Universo. São absolutamente conscientes de sua individualidade e de seu valor pessoal e

falam sobre isso abertamente, mostrando uma grande confiança em si mesmas.

Particularmente criativas, desejam inovar mais do que copiar, o que muitas vezes gera dificuldades escolares e as faz passar por perturbadoras. Quando se sentem incompreendidas, recusam-se a sair de seu universo protegido e logo se fecham em um mutismo que, em alguns casos, pode assemelhá-las às crianças autistas que não se exteriorizam. Nesses casos, como não se expressam de maneira comum, desenvolvem outros meios de comunicação, como a telepatia. Ressaltemos que, na África, uma criança que não fala é considerada um mensageiro dos deuses.

Em seu conjunto, elas manifestam aquilo que comumente é chamado déficit de atenção, mas, quando esse comportamento é censurado, respondem apenas que seus pais não lhes dão a atenção que elas exigem.

Admiravelmente à vontade com as tecnologias modernas, elas as utilizam de forma habilidosa mesmo quando ainda não sabem ler nem escrever. As vezes ajudam seus pais em dificuldade diante de um computador como se fosse uma operação simples, ao alcance de todos. Aliás, elas são extremamente hábeis e se viram muito bem.

"Por favor, papai, eu sei", respondeu Nicolas (de 3 anos) ao seu pai que tentava lhe explicar como funcionava um computador.

De modo geral, são mais precoces e espertas do que as crianças de sua idade, andam e falam mais cedo.

Algumas possuem dons qualificados como paranormais. Assim, na China, já existem tantas crianças dotadas de poderes psíquicos que o governo nomeou peritos para estudar cuidadosamente seus casos. De vez em quando, elas descrevem mundos distantes, aos quais a ciência ainda não tem acesso, ou civilizações antigas, conhecidas ou míticas, como se delas já tivessem feito parte. Além do mais, a noção de reencarnação lhes é familiar e, na maior parte do tempo, elas evocam a escolha que fizeram antes de reencarnar na Terra.

A visão de mundo delas é bem diferente daquela da maioria dos mortais. Ela é global, universal e vai contra os dogmas religiosos, unindo-se assim aos físicos que nos falam de campos mórficos ou do holograma do Universo e do pertencimento de tudo ao Todo.

Outras, ainda, dão prova de uma inacreditável resistência às doenças, inclusive à contaminação pelo HIV. Inúmeras crianças nascidas de mães contaminadas pelo vírus da Aids tornam-se soronegativas desde os primeiros anos de sua existência e, posteriormente, desenvolvem um sistema imunológico bem mais resistente às doenças do que a maioria dos adultos saudáveis.

A revista *Science News*, de abril de 1995, ressalta que pesquisadores da escola de medicina da UCLA, Universidade da Califórnia, em Los Angeles, acompanharam um menino cujo teste apresentou soropositividade ao vírus da Aids 19 dias após seu nascimento e um mês mais tarde. Mas, aos 4 anos de idade, esse menino tinha se tornado soronegativo. A dra. Yvonne J. Biyson e sua equipe relataram esse caso no *New Journal of Medicine* em 30 de março de 1996. O vírus não ficou adormecido no corpo, esperando a oportunidade de se tornar ativo, como acontece muitas vezes, ele desapareceu totalmente.

Segundo os especialistas, essas crianças, entre as quais algumas superdotadas, estão determinadas a levar adiante projetos que iniciam, o que as distingue das hiperativas, que abandonam suas resoluções ao longo do caminho. Quando sofrem pressões externas, podem tentar de tudo para alcançar seu objetivo, tanto se prejudicando quanto prejudicando os outros, pois suas noções de bem e de mal nem sempre são iguais às nossas.

Lee Carroll, engenheira em ciências econômicas e psicóloga, especialista no assunto, considera que esses adolescentes realmente particulares lhe dão, durante seus encontros, a convicção de que ela conversa com sábios encarnados em corpos jovens: "Eles são a encarnação dos contrastes, uma mescla divertida de juventude caprichosa e de sabedoria milenar". A maior parte das mães faz esse

tipo de constatação e declara que tem a impressão de que seus filhos são bem mais velhos do que elas e os compara a um "velho sábio". Elas realmente sabem que são diferentes das outras e se sentem velhas desde a mais tenra infância; têm em comum a impressão de serem estrangeiras em nosso planeta, mesmo estando certas de que têm um papel a desempenhar sem, no entanto, conhecer a natureza desse papel.

"Já faz cinco anos que estou nesta Terra", observou muito naturalmente Elga, de 5 anos, enquanto se deliciava com um chocolate no dia de seu aniversário.

Uma dessas crianças, um jovem argentino chamado Flávio Cabobianco, anunciava aos 8 anos: "Crianças de um novo tipo estão nascendo. São humanos diferentes, ainda que nada o deixe supor. Sou apenas uma delas, uma das primeiras. A humanidade está mudando. A conexão com o mundo espiritual está mais aberta. Atualmente, todas as crianças podem se manter unidas a essa fonte espiritual, à sua essência".

Com apenas 6 anos, Flávio já tinha prevenido seus pais: "Os bebês choram porque viver neste planeta é muito difícil. Um bebê tenta se exprimir por via telepática, mas isso não funciona porque tudo aqui é muito mais denso. Ele vê tudo, o bom e o mau, o verdadeiro e o falso. Nos outros planetas, vemos o que queremos. 'Ver' é uma maneira de falar, uma vez que os olhos físicos não existem: o ser se concentra naquilo que lhe interessa e pode parar quando assim desejar. O recém-nascido está aterrorizado por seu aprisionamento na realidade física. Lamenta a unidade essencial de onde ele vem, de forma que se apega rapidamente às pessoas que cuidam dele. Ele transfere a relação que tinha com o Ser Supremo aos seus pais. Quando estes acreditam somente no mundo material, irão aprisioná-lo cada vez mais ao plano físico. Ao ensiná-lo a falar, eles limitam seu pensamento. Quando crescem, as crianças perderão a conexão com sua origem. Se os pais são abertos, eles cuidarão de suas crianças sem lhes impor suas próprias ideias, sua visão de

mundo. O cérebro humano é como um computador, mas este tem uma memória limitada, reflexo do cérebro físico. Em contrapartida, o espírito é o reflexo do Espírito Divino que é infinito".

E difícil admitir que uma criança tão jovem seja capaz de manter uma linguagem que inúmeros físicos atuais não renegariam. No entanto, isso é uma realidade, constatada por vários psicólogos, e ainda mais surpreendente quando a criança não recebeu qualquer ensinamento particular sobre os assuntos de que fala. Seu pai, de origem católica, é agnóstico.

Em contrapartida, sua mãe, Alba, passou por uma experiência surpreendente quando tinha 9 anos. Ela vivia, então, em um vilarejo perdido no campo e seus pais deviam se mudar para Buenos Aires. Um dia, na hora da sesta, enquanto se lamentava de deixar esse lugar que tanto amava, teve uma visão do que ela seria mais tarde. Viu-se adulta, com seus dois filhos, e junto daquele que se tornou seu marido e que ela, anos mais tarde, reconheceu quando o encontrou. Ao falar de seus filhos, ela diz: "Eles são da mesma raça, da nova raça".

Em sua obra publicada em 1998, *Alien Dawn*, Colin Wilson, pesquisador inglês que muito investigou sobre os fenômenos estranhos ditos "paranormais", declarou que um pouco antes da morte de Andrija Puharich - outro especialista nesses fenômenos -, tinha sido convidado a escrever um artigo sobre ele, e tinha lhe telefonado nos Estados Unidos. Quando perguntou em que trabalhava naquele momento, Puharich lhe respondeu que estava estudando as crianças supranormais. "Você não vai acreditar no total desses garotos. Eles parecem estar no nível do gênio. Conheço dezenas deles, e com certeza existem milhares."



As Índigo e os outros

"O drama do ser humano não é sua pequenez! Seu verdadeiro drama é o de não reconhecer sua própria potência interior, sua divindade interior!"

Nelson Mandela

Essas crianças são cada vez mais numerosas, são encontradas em todos os países e em todas as civilizações. São chamadas "crianças *índigo*", por causa da cor de sua aura descrita pelos videntes. Alguns as nomeiam também "crianças das estrelas", ou "crianças da luz", ou então "crianças do novo milênio".

A primeira pessoa que se dedicou a esse fenômeno foi uma parapsicóloga americana, Nancy Ann Tappe, que, há muitos anos, estuda as cores por meio de sua percepção da aura humana. Quando ensinava no colégio experimental da Universidade de San Diego, na Califórnia, e trabalhava com um psiquiatra, o dr. McGregor, ela foi a primeira a perceber a aparição dessa nova cor na aura de seus alunos. Ela já havia observado que a cor fúcsia tinha desaparecido, que o magenta tinha se tornado raro e, no começo dos anos 1970, detectou pela primeira vez uma aura *índigo*, mas esperou até o ano de 1980 para estudar melhor esse fenômeno que ela denomina a "cor vital". Atualmente, segundo ela, cerca de 80% das crianças que nascem teriam uma aura índigo.

Ela acha que antes do século XVIII as auras violetas eram praticamente inexistentes. O azul predominava, bem como o marrom, o amarelo e o verde. O número das auras violeta teria pouco a pouco

se multiplicado, bem como o das auras índigo hoje em dia. Assim, uma nova cor seria introduzida a cada dois séculos, e a civilização dela se impregnaria a partir de então. Mas, como o tempo se acelera, o índigo progride em um ritmo muito mais rápido do que qualquer outra cor.

Segundo Nancy Ann Tappe, as *violeta* seriam então precursoras das *índigo*, mas elas viveriam no passado, com lembranças meio esquecidas, enquanto as *índigo* são futuristas. Elas vêm nos revelar nosso dia seguinte e não o que fazer com o antigo.

A luz é percebida sob forma de cores e, quanto mais rapidamente essa luz vibra, mais ela tende para as cores frias. A cor índigo é aquela do céu durante as noites de verão, ao mesmo tempo sombria e luminosa. Ela dá acesso a uma renúncia que permite ter respostas às nossas questões, mesmo não formuladas, e nos predispõe à intuição, à percepção. Ela também protegeria das influências negativas, facilitaria as relações com os outros e aceleraria nossa evolução.

Também é preciso saber que a cor índigo se obtém por um arco de mercúrio e, na astrologia, Mercúrio é o planeta da comunicação.

Para aqueles que sentem o magnetismo humano e as vibrações que o corpo libera, as *índigo* são, principalmente, seres que vibram de modo diferente do restante da humanidade, em uma frequência que ainda não está difundida. Desse modo, sua energia se situaria nos planos mais elevados do que a norma atual, o que explicaria sua hiperatividade, sua incessante necessidade de se mexer.

Alguns pesquisadores, particularmente os físicos, afirmam que essa nova raça de crianças teria aparecido na Terra no momento das explosões solares de 13 de março de 1989. Para eles, as *índigo* são muito diferentes das outras crianças superdotadas, hiperativas ou simplesmente mais evoluídas do que o restante da humanidade, pois elas viriam de outro espaço-tempo, do futuro, e só teriam encarnado na Terra a partir dessa época.

Qualquer que seja a data, muito discutida, do surgimento dessas crianças, elas são bem diferentes das outras. Para a psicóloga Doreen Virtue, que também se dedicou longamente a esse fenômeno, são "seres do futuro encarnados em um planeta ainda ancorado no passado". Essa definição nos parece muito interessante e corresponde às declarações de inúmeros pais.

Muitas vezes tendemos a fazer o amálgama entre as crianças *índigo* e as crianças que sofrem de transtornos obsessivos do comportamento, de hiperatividade ou de déficit de atenção. Quase todas as crianças *índigo* manifestam um déficit de atenção, mas as crianças que sofrem de déficit de atenção não são de forma alguma *índigo*.

Existem inúmeras diferenças entre elas e é impossível constatar qualquer anomalia física nas crianças *índigo*. Nenhum estudo constata um desequilíbrio bioquímico ou lesões do cérebro. Em contrapartida, qualquer que seja a natureza das crianças que são acalmadas com a Ritalina, elas correm o risco de sofrer graves prejuízos cerebrais.

O dr. Peter R. Breggin, diretor do Centro Internacional de Estudos de Psiquiatria e diretor adjunto da Universidade Johns Hopkins, afirma: "Não são as crianças que têm problemas, mas o mundo no qual elas vivem. Quando os adultos lhes oferecem um ambiente melhor, seu comportamento melhora consideravelmente. Em contrapartida, pode acontecer de as crianças e os adolescentes estarem tão perturbados, tão desconcertados ou tão autodestruidores que se rebelam e voltam essa dor contra eles mesmos. Jamais devemos deixar que pensem que são doentes ou anormais, uma vez que a causa fundamental de seu conflito encontra-se na família, na escola ou na sociedade".

Segundo Nancy Ann Tappe, existiriam quatro tipos de crianças *índigo*: o humanista, o conceituai, o artista e o interdimensional. Depois de longas pesquisas, particularmente baseando-se nas variações das cores da aura que envolve essas crianças, ela elaborou um método para classificar esses comportamentos. Esses quatro

tipos possuem inúmeros pontos em comum, mas algumas características são próprias a cada um dos grupos.

O humanista é muito sociável, fala com desenvoltura de tudo e para todos, com opiniões bem definidas. Sua energia parece inesgotável e sua hiperatividade, contínua. Ele brinca, muitas vezes sozinho, com todos os seus brinquedos ao mesmo tempo e lê com uma avidez tudo o que cai em suas mãos.

Vive muito no imaginário, discutindo às vezes com entidades invisíveis aos olhos dos outros. É um sonhador e um idealista, às vezes distraído, tomado de justiça e de harmonia. É um ardente protetor da natureza e dos animais e tranquilamente lutaria ao lado de associações como o Greenpeace.

Adora ler, devora tudo o que encontra, tem ideias bem definidas, mas deixa os outros livres para pensar de uma forma diferente. Tem vontade de mais tarde se colocar a serviço da humanidade, como médico, advogado, professor ou como dirigente político.

O conceituado é mais atraído pelos projetos do que pelas pessoas. É ágil e esportivo, é um líder e até mesmo um manipulador. É habilidoso e desmonta com prazer seus brinquedos tecnológicos só para ver como funcionam. Entusiasmado com a informática, possui um grande senso prático; sabe organizar, inovar, aconselhar.

Não é de forma alguma emotivo e sabe manter distância em relação aos seus próximos. Pode às vezes se entregar à droga. Sonha em ser engenheiro, arquiteto, piloto ou cosmonauta.

O artista é mais sensível e muitas vezes o menor de todos. Muito criativo, possui dons artísticos inatos, mas muitas vezes se recusa a domesticá-los, a continuar seus estudos especializados ou simplesmente a codificar sua inspiração. Ele pode pintar ou desenhar, cantar ou compor, e até mesmo tentar tocar vários instrumentos. Graças às suas faculdades sensoriais bem afinadas, ele será capaz de compor uma música muito inspirada, mesmo sendo incapaz de memorizar as aulas de música ou mesmo as notas. Ele também poderá desenhar ou pintar com talento, mesmo permane-

cendo impermeável aos conselhos de um professor que lhe ensinaria como segurar um lápis ou um pincel.

Muitas vezes ele tem o dom de curar e, mais do que os outros, o de comunicar por telepatia. Muitas vezes se lembra de suas vidas anteriores. Ele se tornará um criador e se especializará em um campo depois de ter tentado vários outros.

Quanto ao interdimensional, ele parece conhecer tudo desde sua mais tenra idade. É o mais raro dos diferentes tipos. Ele aceita mal os conselhos, pensa saber mais do que os adultos, e se recusa a se integrar. Detesta os limites, a autoridade, as obrigações.

Ele é bem mais resistente do que as outras crianças e, de longe, a mais robusta das crianças *índigo*. Em geral, é grande para a sua idade. Mais do que os outros tipos, ele tem necessidade de estar em contato com a natureza, andar, respirar e refletir no campo.

Desde sua mais tenra idade, ele fala da "missão" que veio realizar na Terra e suas ideias filosóficas e iconoclastas podem chocar os bem-pensantes. Tem tendência a se conduzir como um chefe que domina sua função e atrai os outros para o seu caminho.

Pode-se pensar que é o tipo de *índigo* que instaurará e ensinará as filosofias e religiões novas.

Segundo Nancy Ann Tappe, as diferentes cores vitais de cada um evoluirão para o puro *índigo*.



A escola

'Nossa capacidade de duvidar, de criticar e de desobedecer t, sem dúvida, o único meio de evitar o fim da civilização e de assumir o futuro da humanidade!'

Erich Fromm (Professor de psicologia)

Antigamente, podia-se comparar a criança a uma conchinha vazia que os professores deviam encher de conhecimento. Esse bom e velho sistema se dedicava a inculcar conhecimentos que permitiam aos alunos encontrar mais tarde uma situação digna. Ensinava-se a ouvir, a recitar de cor ensinamentos estereotipados; cultivava-se seu gosto pela competição, comparando-os aos outros e cifrando seu sucesso. Punições, castigos, repetências eram utilizadas para moldar a criança e lhe permitir colecionar um saber necessário.

Esses métodos disciplinares se perpetuaram por gerações, mas não são mais eficazes hoje em dia, e muitas crianças chegam ao Ensino Médio sem saber ler, o que era inimaginável há apenas 30 anos.

No entanto, essas crianças do terceiro milênio mostram uma insaciável necessidade de conhecimento. Elas fazem perguntas pertinentes e exigem respostas apropriadas. Não desejam absolutamente um ensino estereotipado e se recusam a aprender o que consideram desinteressante e que, sem dúvida, lhes é inútil para a vida.

"Para que serve saber onde o Loire começa?", perguntou-nos uma *índigo* de 8 anos, que se recusa a seguir a aula de geografia na escola. Essas crianças não têm qualquer tipo de problema nos primeiros anos da escola primária, pois são manuais e sabem desenhar e construir bem. As complicações se apresentam quando se trata de seguir

explicações verbais ou escritas bem estruturadas, que não deixam qualquer lugar ao imaginário ou à comunicação intuitiva.

Ao longo dos anos, a escola se tornou uma empresa dedicada ao aprendizado do comércio do pensamento pré-formatado e bem esterilizado, o que não corresponde em nada às aspirações de uma enorme parcela dessas crianças. Ninguém pode negar sua falta de interesse pela escola em geral e, em particular, pelo ensino como é praticado em quase toda parte do mundo. O fracasso do sistema educacional é patente, o analfabetismo aumenta cada vez mais, principalmente em nossa civilização ocidental. As crianças se entediam na sala de aula, julgam que não lhes ensinam nada de muito interessante, que essas lições só servem para encher seu espírito de noções inúteis, algumas acham até mesmo que já sabem tudo o que lhes é ensinado.

"O que você quer que eu aprenda de um professor que acha que a água vem naturalmente da torneira?", respondeu Arthur (de 6 anos) à sua mãe que o recriminava por não escutar seu professor.

"A tia não entende nada da vida e quando, por acaso, ela diz uma verdade, eu já a conheço", afirma por sua vez Sarah, do alto dos seus 7 anos.

No entanto, a educação escolar está no primeiro plano das preocupações de seus pais. Para algumas crianças, os testes psicométricos não são brilhantes e demonstram uma hiperatividade e, principalmente, um déficit de atenção que inquietam tanto os professores quanto os pais. Mas o que exatamente indicam esses testes? Qual tipo de inteligência se mede com o QI ou quociente intelectual? Algumas crianças têm um QI alto, mas os testes demonstram que sua criatividade está sufocada.

De maneira geral, essas crianças revelam um QI mais alto do que a média normal nas questões que dependem da inteligência não verbal, porém mais baixo no campo das aptidões verbais. É como se tivessem dificuldades em conceitualizar seu pensamento com nossas palavras ou no âmbito de nossos paradigmas.

Com 8 anos, Jude era uma criança desobediente, incapaz de fazer seus deveres, de se concentrar, de se organizar; no entanto, construiu sozinha, com elementos disparatados, uma cidade em miniatura com ruas bem organizadas, água corrente, com energia solar, jardins com grama e flores.

Muitas dessas crianças desenham engenhos que dependem de tecnologias que os cientistas começam apenas a descobrir, tais como carros com captadores de energia. Elas são igualmente capazes de resolver em alguns segundos problemas matemáticos, mas permanecem incapazes de fazer sua demonstração. Isso nos faz pensar em Einstein, considerado em sua infância uma criança pouco dotada, de uma inteligência muito medíocre.

De todo modo, um nítido aumento do coeficiente intelectual geral foi observado há 50 anos. As estatísticas indicam que, de cada mil crianças, 50 têm uma inteligência acima da média; 20, uma inteligência brilhante, e uma é suscetível de se tornar uma criança prodígio. Mas, entre as crianças superdotadas, bem poucas se tornam gênios autênticos na idade adulta.

Em geral, o QI das *índigo* está próximo de 130, mas algumas delas atingem 160 e até mesmo mais, o que, segundo os critérios atuais, corresponde a um gênio. Um QI de 130 não equivale ao gênio, mas, antigamente, uma única pessoa em apenas 10 mil poderia esperar alcançar esse resultado. A banalização dessas performances prova que a inteligência da espécie humana está certamente se desenvolvendo.

Sem poder explicar sua razão, os médicos e os psicólogos descobriram que o computador parece ser um prolongamento natural do cérebro dessas crianças. Elas o utilizam espontaneamente, às vezes antes de saber ler ou escrever, e compreendem seus programas melhor do que seus pais.

O dia em que seu pai comprou um computador, Stéphane, de 4 anos, sentou-se diante dele, ligou-o e começou a utilizá-lo sabiamente quando seu pai entrou correndo na sala, inquieto.

- Não se preocupe, eu sei muito bem utilizá-lo - tranquilizou a criança.

- Como você poderia saber se nunca aprendeu? - perguntou seu pai.

- Eu aprendi antes. Portanto, eu sei.

Os interesses intelectuais dessas crianças se deslocaram para o benefício das ciências, da tecnologia. Ao recusar a metodologia, elas aprendem pela invenção e pela prática. Ainda que todas as *índigo* não possam ser classificadas na categoria das crianças superdotadas, a maioria delas possui uma inteligência superior à média em um setor bem definido.

Os superdotados podem se tornar gênios em matemática, física ou informática, pois o hemisfério esquerdo de seu cérebro é hipertrofiado, e possuem dados racionais e analíticos. Mesmo assim, elas não têm uma visão sintética do mundo, ao passo que, nas crianças *índigo*, os dois hemisférios são bem equilibrados, o que lhes permite utilizar o pensamento global ou o pensamento concreto, de acordo com as circunstâncias.

Enquanto ainda era um bebê, a conduta do pequeno David foi diagnosticada como um transtorno de comportamento e um déficit de atenção. Contudo, seus pais logo compreenderam que ele assimilava rapidamente o que lhe era explicado e se recusaram a lhe administrar o Prozac prescrito por seu médico. Eles o envolveram de cuidados atenciosos, tratando-o mais como adulto do que como criança, retardada ou não.

David sabia ler aos 3 anos, mas não pôde entrar na sala de aula, pois era jovem demais, segundo os critérios atuais, para aprender a ler, o que ele já sabia. Portanto, seus pais o instruíram em casa e ele pôde entrar no Ensino Médio com 9 anos, sendo sempre o primeiro de sua classe nas matérias científicas. Quando seu pai tem um problema com o computador, David o ajuda imediatamente, mesmo por telefone quando está longe de sua casa.

Ele tem a sorte de ter pais lúcidos que o ajudaram e, principalmente, compreenderam que não deveriam absolutamente lhe administrar drogas que o teriam transformado em um verdadeiro zumbi.

Seu caso se assemelha ao de Marton Szasz, pequeno prodígio húngaro, que já sabia ler e contar com 2 anos e meio. Seu pai é chefe de seção em uma fábrica; sua mãe, educadora em uma escola maternal. Aos 5 anos, o QI de seu filho era de 158; aos 6 anos, ele atingia 195, enquanto somente 1% da população possui um QI superior a 155. Marton passa horas diante de seu computador, oferecido por uma companhia de seguros. "O computador é meu *hobby*; sempre que tenho um momento livre, eu escrevo programas", explicava ele aos 8 anos.

Mas nem todas as *índigo* têm o espírito científico, algumas são poetas, criadoras.

"A poesia", dizia Anna aos 6 anos, "é um pouco como a costura. Com um monte de pedaços diferentes, faz-se alguma coisa absolutamente nova".

Quanto às punições, além de não melhorarem o comportamento da criança, despertam violentas cóleras, novos conflitos ou, ao contrário, um isolamento e o mutismo total. E inegável que sua recusa à autoridade absoluta, à ordem estabelecida, não melhora suas relações com os professores, habituados a dar ordens sem que estas sejam discutidas ou questionadas.

Aliás, essas crianças muitas vezes procuram chamar a atenção por meio de comportamentos que os professores podem considerar perturbados ou agressivos, enquanto o que desejam é apenas um certo reconhecimento daquilo que representam, ainda mais que seus colegas bem conformistas recebem cumprimentos por sua atitude submissa.

Muitas dessas crianças julgam não poder debater com toda objetividade assuntos que os interessam na escola, pois continuam persuadidas de que os professores não poderiam compreendê-las. Elas preferem trocar ideias com os outros alunos mais do que ouvir

aulas que as aborrecem e durante as quais não estão autorizadas a levantar a contradição.

"Os cursos são muito lentos, e a professora sempre repete a mesma coisa, como se estivéssemos bloqueados", reclama Emma (de 6 anos).

É a mesma reclamação de David (de 8 anos): "Contam coisas que já sei há muito tempo e, para estarem certos de que compreendi bem, repetem sem parar. É muito chato".

Elas raciocinam e aprendem por imagens mentais, pois são dotadas para visualizar tanto o futuro quanto o passado. Julgam as pessoas à primeira vista e observam sua aparência de acordo com aquilo que mais lhes interessa: aspecto físico, odor, voz, sentimentos que liberam. Estudos mostram um aumento da atividade no lobo occipital, que está associado à visão.

"Eu sei que meu professor se aborrece tanto quanto eu durante as aulas. Sem dúvida ele faz isso para ganhar a vida, mas não gosta do que faz. Estou certa disso", afirma Estelle (de 10 anos).

Enquanto seu pai lhe explicava que precisava ler para compreender a verdade, Flávio Cabobianco, então com 6 anos, respondeu-lhe: "Claro, para você Deus transmite a verdade por meio dos livros. Eu não preciso ler livros, tenho uma conexão direta. Eu sinto a verdade". Seu pai então comentou com ele sobre o seu medo de influenciar seus propósitos. "Não, isso não pode acontecer comigo. Os seres humanos têm ideias, eles se agarram às ideias como eu ao meu travesseiro. Às vezes, trocam suas ideias por outras que lhes agradam mais ou lhes parecem mais interessantes. Eu não posso mudar minhas ideias porque sou assim. As ideias fazem parte da minha natureza, elas são minha natureza, fazem parte de mim. É por isso que você não pode me influenciar. Mas você pode me ajudar muito se me ensinar palavras que me ajudem a explicar o que eu já sei."

Uma mãe de *índigo* nos revela: "Minha filha Allyson, que tem 4 anos e meio, faz e diz coisas que nunca lhe ensinamos e ela ainda não vai à escola. Ela sabe o que estou pensando no exato momento em que o penso e, às vezes, termina minhas frases com palavras que eu teria utilizado. Além do mais, quando não estou bem, ela sente a mesma dor e no mesmo lugar que eu".

Muitos pais estão tanto surpresos quanto admirados com a sabedoria espiritual de seus filhos e com sua maturidade.

As crianças *índigo* levaram alguns cientistas a se conscientizarem de que é indispensável colocar em prática um novo sistema de educação.

Por sua vez, o matemático René Thom, titular da medalha Fields (equivalente ao Prêmio Nobel para a matemática), pensa que o conhecimento e a ciência não são sinônimos: "Há o conhecimento científico e o conhecimento não científico, e acho que o conhecimento não científico, do ponto de vista do indivíduo, pode ter um valor superior ao conhecimento científico".

Aí está toda a diferença entre o saber e o conhecimento.

Flávio respondeu um dia ao seu pai: "Você pensa demais. Você deve viver e esperar a resposta. Você pensa e repensa. Você acha que, cavando com uma pá, vai chegar mais rápido às fundações. Você chegará do mesmo jeito arranhando com o seu dedo. Não utilize tanto a vontade pessoal, não se agite tanto no interior de sua cabeça. É preciso se deixar guiar pela sua alma".



Os pais

"Pois certa é a morte para quem nasceu, Certo é o nascimento para quem está morto."

Bhagavad Gita

As crianças *índigo* estão de acordo ao declarar que escolheram seus pais, particularmente sua mãe, antes de encarnar.

Duncan é uma criança hiperativa, com um coeficiente intelectual bem acima da média, mas não pode se adaptar à vida escolar; opõe-se aos seus professores e, muitas vezes, manifesta uma atitude provocante em relação aos colegas. Aos 3 anos, ele contou à sua mãe como a escolhera: "Quando ainda estava com Deus, eu observei em todos os lugares do mundo e, entre todas as outras mães possíveis, eu a escolhi para que se tornasse a minha, e papai, meu pai. Pensei que vocês seriam os melhores pais para mim. Então, cheguei à sua barriga, e não lamento!".

Essas crianças muitas vezes utilizam termos e conceitos abstratos para explicar sua vinda à Terra, sua escolha dos pais, sua hesitação em se encarnar, e isso desde a mais tenra idade.

"Você sabe, mamãe", dizia aos 2 anos a pequena Laura, "se eu a escolhi antes de vir para a Terra, foi porque eu preferi você. Eu tive escolha entre várias mães".

Em relação aos seus pais, Flávio Cabobianco, essa criança fora do comum que mora em Buenos Aires, escrevia quando tinha 9 anos: "Eu me lembro de centenas de bolas luminosas, pois tudo o que vive

é bola de luz. Vejo algumas que podem me ajudar a viver neste planeta tão difícil. Vejo duas mães possíveis: uma com uma personalidade forte e outra com uma personalidade mais suave, mais justa. Esta última está acompanhada por outra bola de luz que brilha muito. Posso dizer que ela é de cor verde e violeta. Elas me atraem porque estão unidas pelo amor; elas serão meus pais. Sei que é necessário que eu vá. Começo a me sentir cada vez mais atraído por elas. Aparece um túnel luminoso; em volta há a escuridão.

Quando entro ali, sinto-me muito comprimido, muito fechado. Para mim, nascer nesse mundo é como morrer para os humanos: é passar para um plano difícil e desconhecido. Quando entro na minha mãe, o processo físico de minha existência começa. Vou ao meu mental, porque é a parte mais sutil que encontro; por isso, eu observo a evolução de meu corpo.

No nascimento, permaneço ligado ao mental de minha mãe, mesmo que meu corpo já esteja na Terra. Acredito que é por isso que não me lembro de nada de pessoal até a idade de 3 anos; eu permaneci muito unido a ela. A seguir, mamãe me contou que, durante toda essa época, ela via o mundo de maneira às vezes estranha e clara. Era assim porque eu tentava compreender o mundo por meio do seu mental."

Sua narrativa do túnel luminoso pode se aproximar dos inúmeros testemunhos daqueles que viveram uma experiência fora do corpo (EQM).* Quanto à noção de compressão, de estreiteza, de dificuldade para entrar em um corpo humano, ela se assemelha às declarações de retorno à terra após essas EQM.

Rébecca também "escolheu" sua mamãe, Andréa, mas ela a chama de Ena desde que tinha idade para falar, o que ela fez bem cedo. Assim que articulou suas primeiras palavras, ela pronunciou esse nome em vez do habitual "mamãe", ou "mama", ou "mam", ou "mãe", ou "amama", como se diz na maior parte das línguas. "Eu a

*N.T.: Experiência de quase morte (EQM).

chamo assim, pois é o seu verdadeiro nome", explica. Atualmente ela tem 7 anos, mas continua chamando sua mãe de Ena, quando se dirige a ela e quando fala dela às outras pessoas.

"Eu a conheço há muito tempo", disse-lhe um dia. A seguir, esclareceu que foi muito antes de sua encarnação. "Eu encarnei quando o bebê já estava em seu corpo. Eu entrei no bebê."

Essas proposições poderiam levar a supor que a alma só se incorpora ao corpo quando ele já está formado.

Sua mãe, Andréa, ficou surpresa com o olhar de sua filha quando a colocaram em seus braços no nascimento: "Seu olhar era surpreendente. Como se ela já fosse bem velha, com um corpo de recém-nascido. Esse olhar parecia conter uma sabedoria milenar".

Rébecca acha que ela deve "educar" seu pai, que mudou alguns de seus pontos de vista sobre o mundo desde o nascimento dela.

Ela jamais aceita algo sem razão ou provas. Sempre é necessário lhe explicar o porquê e o como daquilo que lhe pedimos.

Com efeito, essas crianças respeitam seus pais na medida em que estes também as respeitam. Elas resistem ao tom autoritário, mas ouvem as explicações sensatas. Detestam se sentir depreciadas ou ser criticadas em público e suportam com dificuldade que lhes seja sugerida uma orientação de vida, pois julgam saber melhor do que ninguém o que farão mais tarde, mesmo que isso não corresponda aos hábitos familiares. Recusam receber ordens injustificadas, mas buscam o diálogo e desejam principalmente ser interlocutores para seus pais.

Uma garotinha de 5 anos disse à sua mãe: "Vocês não são meus verdadeiros pais. Meus verdadeiros pais estão além, no país dos elfos e das fadas. Mas eu os escolhi para que cuidassem de mim nesta Terra".

Aos 7 anos, Flávio possuía uma ideia muito clara sobre a reprodução: "Existem duas categorias de humanos: os homens e as mulheres. Cada uma delas é constituída por dois tipos de energias: feminina e masculina. De acordo com o sexo, domina a energia de

uma das duas categorias. Além do mais, cada uma delas tem uma parte do corpo especial para a reprodução. Em outros planetas, a reprodução é diferente. Como não há corpos físicos, dois seres de poios distintos trocam sua energia e produzem outro ser".

Todos os psicólogos que acompanham essas crianças acham que elas obrigam seus pais a ser francos, a se questionar e a sair das trilhas batidas e dos costumes ancestrais. Elas julgam que fazem parte da família e acham que têm sua opinião a dar, ainda que não perguntem sua opinião. São muitas as que respondem aos seus pais que "não os autorizam a falar nesse tom"!

"Ela não está bem", declarou bruscamente Carla (de 6 anos) à sua mãe, que acabara de deixar uma amiga. Sua mãe lhe explicou que sua amiga estava em plena forma, mas Carla teimou em afirmar: "Nada disso, eu sei o que estou dizendo". Ela tinha razão. Enquanto lia em um canto, aparentemente não prestando atenção na conversa, ela conseguiu perceber um mal-estar na amiga de sua mãe sobre o qual não tinha comentado nada a respeito naquele dia.

Desde a mais tenra idade, essas crianças exigem ser tratadas como adultos, parceiros, e não como bebês. Elas buscam em seus pais a honestidade e a abertura de espírito e estão à vontade em um ambiente em que os limites são bem definidos e respeitados.

Elas precisam estar sempre ocupadas, física ou intelectualmente. São acusadas de desatenção, pois ignoram as conversas que acontecem à sua volta se estas não correspondem ao seu interesse. Essa acusação é ridícula, pois, quando lhes falamos de um assunto que as cativa, sua atenção não diminui um só instante durante horas a fio. Da mesma maneira, elas se recusam a obedecer ordens que consideram injustificadas, ou seja, estúpidas, quando os adultos pretendem saber mais do que elas.

Muitas vezes dão prova de uma lógica implacável que incomoda os pais, pois elas os confrontam em relação ao seu aprisionamento social, ao seu medo da diferença, à sua necessidade de obedecer aos dogmas, a todas noções fortemente rejeitadas pelas *índigo*.

Elas não aderem às necessidades de dinheiro dos adultos. Elas sabem que é útil ter, mas se recusam transformar isso em um ideal, um objetivo de vida. O mesmo acontece com aquilo que seus pais chamam, quase sempre erroneamente, de "êxito". Não têm desejo de superioridade, nenhum gosto pela competição; a ideia de ser o melhor não as atinge de forma alguma.

"Para que serve ser o primeiro?", pergunta Effram em um tom *blasé* a seu pai, que lhe explicava que ele deveria chegar em primeiro lugar na classificação escolar.

Quanto a Janice (de 7 anos), ela respondeu a seu pai, que lhe fazia a apologia do sucesso universitário:

- Isso serve para quê, seus estudos brilhantes, já que agora você está desempregado?

- É um estado provisório, vou rapidamente encontrar outro trabalho.

- O pai de minha amiga Katie não estudou e nunca está desempregado.

- Sem dúvida, mas ele é apenas um operário, e eu tenho um cargo importante.

- E daí? O que essa importância te dá a mais do que a ele? "Nesse mundo, vale mais a pena ser o primeiro, mas isso não tem importância", constata Caliste, de 6 anos.

Todas essas crianças concordam em dizer que não suportam qualquer entrave, seja ele psicológico ou físico. Assim, por exemplo, elas detestam roupas austeras ou apertadas, os calçados pequenos demais, os colarinhos muito altos.

Enquanto sua mãe queria que ela experimentasse lindos sapatos de couro envernizado, Gwen, de 7 anos, pegou um par de sapatos de tecido, espessos e deselegantes, mas confortáveis.

- São esses que eu quero.

- Eles são muito feios.

- Eu não acho de todo jeito, eles são bem confortáveis, e, com eles, eu ficaria mais bonita dentro de mim. O externo é menos importante. Eu não quero outros.

Quanto à alimentação, não é uma prioridade, e elas têm tendência a se servir de pequenas porções. Têm horror aos hábitos alimentares, gostam de comer quando têm vontade, e não nas horas fixas. Podem comer todos os dias a mesma comida caso gostem, e preferem os cereais, as frutas e os legumes, os alimentos vivos. Muitas delas se recusam a comer carne.

Ao falar de sua infância, Flávio conta: "Me servir de meu corpo e principalmente comer de tudo, me custava muito. Comer é uma maneira muito indireta de conseguir a energia de que precisamos, e eu não conseguia me habituar". Aos 5 anos, ele conheceu uma mulher que lhe confiou que quando era criança ela também tinha sofrido muito por ter encarnado. Ela lhe explicou que seu corpo era um instrumento para desempenhar sua tarefa na Terra, que ele devia aprender a se servir dele e a alimentá-lo com a energia conseguida no plano físico.

As vezes, essas crianças estão a par dos costumes de países estrangeiros sobre os quais nada jamais lhes foi dito, e exigem pratos desconhecidos em nossos climas.

Assim, a pequena Inês, que é portuguesa, pede com frequência que sua mãe lhe faça tabule "bem verde", como se come no Líbano, salpicado com muita salsinha e hortelã, ainda que esse prato seja desconhecido em seu país.

Da mesma maneira, em sua obra *Célébration des enfants índigo* [Celebração das crianças índigo], Lee Carroll e Jan Tober citam o caso de Samuel, que pediu à sua mãe que colocasse manteiga em seu chá porque "é assim que se bebe chá na China".

Enfim, elas podem ter alergias, pois sua sensibilidade está à flor da pele. Elas detestam os corantes e os conservantes alimentares, as roupas de fibras sintéticas, os produtos químicos de lavagem. A *National Academy of Sciences* e a *American Academy of Pediatrics* afirmam

que essas crianças são particularmente sensíveis aos poluentes ambientais e que os produtos químicos, que detectam com muita facilidade, podem agravar seus transtornos de comportamento.

Assim, Rébecca tem uma intolerância ao açúcar, é alérgica aos corantes alimentares e alimenta-se quase que exclusivamente de cereais, recusando-se a comer carne.

Por outro lado, elas não estão sujeitas às doenças, pois estão em equilíbrio com elas mesmas. Algumas delas, como veremos mais adiante, são até mesmo capazes de oferecer uma resistência às doenças até 3 mil vezes superior à média.



As relações com os outros

"Todos os seres humanos tropeçam um dia com a verdade. A maior parte se ergue rapidamente, sacode suas roupas e retorna às suas ocupações, como se nada tivesse acontecido."

Winston Churchül*

Suas relações com os outros, adultos ou crianças, são diferentes daquelas das outras crianças. Elas são perfeitamente autônomas

*N.E.: Sugerimos a leitura de O Caráter e a Grandeza de Winston Churchül, de Stephen Mansfield, Madras Editora.

desde a mais tenra idade, têm um espírito crítico muito afiado e adoram lançar desafios; são particularmente dotadas para saírem sozinhas de situações delicadas.

"Sou ao mesmo tempo orgulhoso de ser uma *índigo* e triste de ser um pouco diferente do resto do mundo, pois não posso me envolver verdadeiramente com um monte de pessoas. A troca de ideias é às vezes difícil, e me sinto frustrada por não conhecer realmente outras crianças que se pareçam comigo", constata Hillary, de 12 anos.

Elas podem parecer antissociais caso não encontrem em seu interlocutor uma afinidade de consciência e preferem a solidão à companhia das outras crianças consideradas "normais".

Rébecca tem poucos amigos, pois sabe que é diferente. Ela declara: "Elas não me compreendem, não me conhecem". Ela prefere a companhia de sua mãe que lhe consagra todo o seu tempo, mas confessa sofrer por não ter amigos. Ela sonha encontrar outras *índigo* com visões semelhantes.

Ela se sente muito "responsável" e tem um sentido inato da justiça..

Detesta música barulhenta, a violência sob todas as formas, o espírito de competição que descobre nas outras crianças de sua idade. Gosta de brincar, mas ganhar não é importante. Critica os exaltados que torcem barulhentemente por seus ídolos esportivos e não compreende por que eles competem para ganhar.

"Eu prefiro três equipes, assim tem uma que é neutra", declara Caliste, de 6 anos.

Rébecca respeita tudo o que vive sobre a Terra, não somente os animais, mas também as plantas. Ela evita esmagá-los, maltratá-los. Ela sempre repete: "Cada coisa tem sua razão de viver".

Ela parece ler no interior daqueles que encontra. "Talvez ela não seja bonita no exterior, mas é no interior", disse ela um dia sobre uma pessoa um pouco sem graça cujo aspecto físico era criticado.

Marton Szasz, já citado, não tem amigos e prefere a companhia do acadêmico György, professor de física atômica, com quem se corresponde e que muitas vezes o convida a ir a Budapeste. É evidente

que seus pais estão surpresos com os acontecimentos, mas apreciam a ajuda que seu filho recebe para seus estudos, financiados por um programa de TV e pelo prefeito de Szendrő, cidade onde a criança mora. Livros e enciclopédias lhe são enviados de todas as partes do país.

"Eu gostaria um dia de ajudar a Hungria com meus conhecimentos. Não somente a Hungria, mas a humanidade inteira", declarou ao enviado do jornal *Fígaro*, que o entrevistou em 1995, quando Marton tinha 8 anos e meio. Ele insiste particularmente na necessidade de "não fazer guerra".

Gregory (de 5 anos) também concorda: "É muito feio lutar e fazer guerra, mata-se por nada. Deus não está contente".

E Virginie (de 7 anos) é pródiga nesse sentido: "Os homens lutam em vez de tentar se explicar. A guerra torna as pessoas cruéis, eu a detesto".

Rébecca também lamenta a violência que causa estragos em todos os lugares e declarava aos 5 anos: "Se as mulheres governassem o mundo, não haveria guerra, com certeza".

A pequena Melissa (de 6 anos) logo compreendeu que a maior parte do mundo exterior não era seu universo e sofre de "mutismo coletivo". Ela se dirige, no entanto, a algumas pessoas: seus pais, seu irmão e alguns privilegiados, mas não fala com seus colegas de classe. Ela se comunica, no entanto, com alguns deles, mas sem a ajuda de palavras.

As crianças *índigo* se reconhecem entre si, e quando uma está triste ou doente, as outras se aproximam e se reúnem em torno dela. Muitos educadores observaram que, com frequência, elas formam duplas. As vezes, representam triângulos ou formas geométricas habilmente dispostas. Geralmente, permanecem assim silenciosas, e então se distanciam pouco a pouco, sempre sem dizer uma palavra. Quando lhes perguntam sobre esse tipo de comportamento, evitam responder e recomeçam suas brincadeiras como se nada tivesse acontecido.

Enfermeiras e terapeutas relataram sua surpresa diante do comportamento dessas crianças à cabeceira dos doentes, jovens ou velhos, à beira da morte. Elas os envolvem com cuidado e amor, reconfortam-nos, falam com eles sobre o além em termos surpreendentes de sabedoria. Após a morte, elas explicam frequentemente à família como "as coisas se passam no céu".

Quando Alex tinha 2 anos, seus pais às vezes o levavam até a cabeceira de sua avó que morria lentamente da doença de Alzheimer. Ele era incapaz de se exprimir, mas sentava-se na cama dela, segurava as mãos da avó e a olhava. De tempos em tempos, ele murmurava palavras afetuosas, e a velha senhora parecia então recuperar um pouco de lucidez e de energia. Ela morreu quando Alex tinha 3 anos. No dia de seu enterro, enquanto observava o caixão, ele disse aos seus pais: "Olhem, ela não está na caixa, ela está no ar, eu posso vê-la e ela sorri". Meia hora depois, ele anunciou que ela "tinha partido". Depois disso, ele "encontrou" sua avó várias vezes, sempre sorridente. "Ela está feliz agora, mais do que na Terra", ele disse.

Essas crianças sabem ouvir com compaixão e atraem assim aqueles que precisam de ajuda. Gostam das plantas e dos animais e afirmam se comunicar com eles por telepatia.

Oona tem longas conversas com as flores que ornaram o jardim de seus pais. "Eu falo com elas e elas me respondem. E quando eu as deixo, elas ficam tristes".

Aos 5 anos, Flávio Cabobianco explicava: "As plantas também têm uma vida e um mental, um mental diferente do nosso; elas sabem que devem permanecer ligadas à terra e crescer. Também são ligadas ao Sol. São muito concentradas e espirituais; têm um corpo muito sutil; assim que você se aproxima, elas já o sentem. As plantas se alimentam diretamente da terra, não como nós que nos alimentamos das coisas que se alimentam da terra. As flores precisam dos humanos e os humanos precisam das flores. Elas cuidam de nossos sentimentos e até de nossas feridas físicas".

Não poderíamos qualificar melhor os "Florais de Bach", utilizados para cuidar dos males da alma e, conseqüentemente, dos prejuízos físicos.

Flávio se interessa igualmente pela vida dos animais, com uma visão perfeitamente coerente: "As formigas também têm uma vida diferente; elas estão ligadas entre si, fazem parte de um único mental. O formigueiro é um único mental que tem um corpo disperso em cada formiga. O mental humano é individual, é solitário. Os humanos acreditam que o mental está no cérebro e que a vida está no corpo, mas a vida passa através do corpo e do mental; somos todos partes da Vida. A Vida vem da estrela de cada um de nós e a estrela vem de Deus".

Essas afirmações se assemelham à noção de alma-grupo dos animais, que algumas tradições evocam.

Enquanto observava uma planta, Marcos Cabobianco, irmão mais velho de Flávio e também *índigo*, constatou quando tinha 7 anos: "É o anjo da guarda das plantas. E como um fantasma porque ele aparece e desaparece. Cada pessoa tem um anjo da guarda, mas as plantas não têm necessidade deles, elas têm apenas um que anda por toda parte. Ele cuida também das plantas de baixo, as plantas que estão nos vasos. Ele aparece na casa onde há plantas, mas não se reflete nos espelhos".

Sua intuição é excepcional e elas sabem intuitivamente ir ao essencial. Quando lêem ou veem um programa de televisão, desde os primeiros minutos já sabem se continuarão interessados.

"Se isso é a televisão, prefiro falar com as estrelas, é bem mais interessante", observou Colin, de 5 anos, ao ver a telinha pela primeira vez em sua vida.

Quando ouvem conversas de adultos, são advertidas sobre as informações que podem extrair dessas conversas, mas não parecem se interessar. Muitas vezes elas parecem já saber o que os outros contam. As vezes, ouvem por alguns minutos e então afirmam com autoridade que aquilo não tem qualquer importância.

Elas também são muito impulsivas. A criatividade lhes permite exteriorizar seus sentimentos e suas emoções; é um antídoto ao excesso de energia que é uma de suas características comuns. Essas crianças parecem não parar no lugar, vão e vêm, tocam em tudo. Reagem com violência quando estão em um ambiente exaltado, pois captam o estresse e as angústias dos adultos. É nessas manifestações que se baseiam aqueles que não as compreendem para qualificá-las como hiperativas e até mesmo agitadas.

Lee Carroll e Jan Tober citam um caso surpreendente: Jere Neal tem uma garotinha *índigo* que, desde o nascimento, soube manipular sua família e fazê-la compreender do que ela gostava e do que não gostava. Quando tinha 18 meses, sua mãe a instalou diante da televisão e colocou no videocassete o desenho de Walt Disney, *A Pequena Sereia*, mesmo que sua filha quisesse ver *A Dama e o Vagabundo*. Quando sua mãe voltou à sala um pouco mais tarde, sua filha assistia *A Dama e o Vagabundo*. Ela soubera, portanto, apertar o botão de ejeção da fita, que ninguém lhe mostrara, e, depois, havia encontrado a fita desejada, introduzido no sentido correto, o que não é muito evidente, e então selecionado o botão para dar início ao desenho

Quanto aos seus desejos, elas querem que sejam realizados assim que manifestados, sua concretização deve ser instantânea. Essa impaciência explica sua incapacidade de ficar em uma fila, mesmo para ver seu filme preferido.

"Quando quero alguma coisa, tem que ser na hora ou não precisa mais", confessa Emily (de 6 anos). Ela acrescenta: "Era assim antes da Terra. Quando queria viajar, eu era logo transportada para onde desejava".

Os médicos descobriram que seu sono é mais agitado e mais ativo do que o das outras crianças. Elas precisam de pouco sono, mas de boa qualidade.

Todas essas crianças têm em comum uma profunda necessidade de viver na paz e na harmonia, e são particularmente sensíveis ao

medo que seus pais demonstram quando constatarem sua impotência em controlá-las. Elas tendem a privilegiar seu cérebro direito, que representa a criatividade, a intuição, a imaginação, as atividades artísticas, enquanto a escola e a educação familiar clássica favorecem o desenvolvimento do cérebro esquerdo, razoável, racional.

Elas consideram seus dons de telepatia perfeitamente naturais. No mesmo instante em que seu irmão era vítima de um acidente de moto, Justine, de 2 anos e meio, contou para sua mãe, enquanto degustava tranquilamente seus pãezinhos do café da manhã: "Thomas teve um acidente, mas não se preocupe, ele está bem".

Martin, de 4 anos, brincava tranquilamente na sala de seus pais quando, de repente, levantou-se e pegou a foto de sua tia em cima de uma prateleira. "Ela está partindo, ela se foi", ele disse então, depois voltou a brincar. Sua tia morria naquele exato instante, a milhares de quilômetros dali.

Enquanto também tomava seu café da manhã, Fiona, de 3 anos, declarou de repente: "O vovô veio me ver na noite passada e me disse que ia partir para não mais voltar". Ela tinha acabado de terminar sua frase quando alguém, por telefone, anunciou que seu avô não tinha sobrevivido a um ataque cardíaco repentino.

Otto, de 3 anos, beijou um dia o cão de sua avó por mais tempo do que costumava fazer. "Eu te digo adeus porque não vamos mais nos ver nesta Terra, mas somente quando estivermos perto de Deus." Na manhã seguinte, o cão sucumbia de maneira inesperada a um ataque cardíaco.

Lisa fala frequentemente com sua avó que morreu antes de seu nascimento. Quando a descreveu pela primeira vez, ela tinha 3 anos e ainda não tinha visto nenhuma foto dela. A última vez que sua avó veio "visitá-la", Lisa tinha 12 anos. Ela não a reviu desde então.

Os dons dessas crianças se manifestam igualmente com desconhecidos. Geórgia não hesita em abordar as pessoas nas ruas, no metrô ou no ônibus para lhes contar o que "vê" a respeito delas. É

evidente que todos ficam surpresos, não somente com essa abordagem amigável, mas, principalmente, com a verdade de seus propósitos. Ela começou a se comportar assim desde que tinha 3 anos.

Quanto a Sarah, ela retardou o momento de seu irmãozinho poder falar, pois lia seus pensamentos e não lhe pedia para se exprimir verbalmente. Reciprocamente, ele parecia compreendê-la ao olhá-la. E certo que aqueles que vivem em um mundo "real", racional, onde somente o que se pode ver ou tocar existe, um mundo que se pode medir e que se refere aos princípios determinados pela ciência, são desestabilizados com essas afirmações.



A morte

Vejo sem medo o túmulo com sombras eternas, Pois sei que o corpo ali encontra uma prisão, mas que a alma ali encontra asas."

Victor Hugo

Sua compreensão do mundo espiritual ultrapassa, de longe, a de seus pais. Elas falam muitas vezes de vidas passadas, na Terra ou em outros planetas, e parecem ter lembranças muito precisas. Para

essas crianças, a morte não é um fim. Lee Carroll e Jan Tober interrogaram inúmeras crianças sobre esse assunto:

"É parar de existir neste planeta, mas passar para outra coisa." "E deixar seu corpo material." "O fim de uma etapa e a passagem para outra." "A transição de um estado a outro. A viagem para outra dimensão." "O que há de melhor na morte é o que está do outro lado." "E quando você tem a chance de deixar este planeta." "Você nasce, vive e passa para outra coisa." "Estou certo de que a alma continua. Quero dizer que não acaba. Eu sei."

"Sua alma habita um corpo, ela o toma emprestado aqui na Terra e um dia será necessário devolvê-lo."

"A alma voa para um lugar qualquer; imagino que permanece nesse lugar até um pouco antes de voltar sob outra forma."

Com 5 anos, Flávio Cabobianco explicava para sua mãe: "Os humanos se lembram apenas da vida que estão vivendo. E a vida continua. Quando viro uma página, essa vida acaba e vou para outra vida."

Você sabia que existem muitas espécies de vidas? Da mesma forma que em sua agenda existem diferentes formas, números, letras, a vida humana é somente uma das formas da Vida. E a Vida é Deus". Ele também esclarecia: "Quando nasci, este mundo era para mim como um mundo de fantasmas, fantasmas físicos. Para ser físico, primeiro é preciso nascer. Para ser fantasma, primeiro é preciso fazer o esforço de morrer. Quero dizer que os humanos que se tornaram fantasmas tiveram muito trabalho para morrer, eles não queriam morrer. Por causa disso, não flutuam em direção ao Sol, permanecem perto da Terra. Os fantasmas esqueceram que todos nós saímos de Deus e que, quando morremos, retornamos para Deus".

Ele então abordava com frequência o problema da morte: "Algumas pessoas acreditam que tudo acaba com a morte. É certo que, quando o homem morre, seu corpo físico desaparece, mas o homem não morre por inteiro, sua alma se vai com Deus. Podemos ter medo

porque deixar de ser físico é uma mudança muito grande. Mas é como acabar a escola e depois continuar aprendendo, ir para um nível superior ou para uma escola diferente".

"A morte é o descanso; quando você morre, pode olhar para trás e reorganizar tudo antes de continuar", explicava Anna aos 5 anos. "Estar morto faz parte da vida, e a vida, da morte." Anna perdeu a vida em uma queda acidental e deixou nossa Terra aos 7 anos.

Georges Osorio, engenheiro em física, química e biologia do Instituto de Energia Atômica, membro da Academia de Ciências de Nova York, acha que nós vivemos a cavalo sobre dois mundos: o mundo do real e o mundo que os matemáticos chamam de "o mundo imaginário".

"Somos ao mesmo tempo corpúsculos do lado do real e ondas do lado do mundo ondulatório", diz ele. "O dia em que a parte material se desagrega, resta apenas a parte ondulatória que memorizou tudo o que ela viveu. E, quando desaparecemos, restam essas partículas que constituem o espírito, pois a matéria pode se destruir, mas a energia, não. Esta parte não é inerte, pois nada é inerte no Universo e ela continua vibrando com nossas informações quando desaparecemos. Esse 'pacote de ondas' indestrutível tem uma vida, uma consciência; ele é tributário das informações que carrega."

Charlotte, que nunca conheceu seu avô, que já havia morrido quando ela ainda era um bebê, fala com frequência com ele e afirma que ele conversa muito com ela: "Ele não está morto, está em outro lugar e fala muito comigo. Ele também fala com você, mas você não o escuta".

Rébecca tem a mesma visão da morte. Quando sua mãe lhe ensinou que seu avô acabara de deixar este mundo, ela lhe respondeu: "Eu sei, mas você não deve ficar triste. Ele está bem melhor lá onde está agora. Ele tem outras coisas para fazer".

As vezes, ela anuncia à sua mãe que pode ver seu avô em algum lugar da casa. "Ele está sentando ali, eu o vejo. Não chore, ele está muito bem."

Ela sempre confirma que não tem medo da morte.

O *Bhagavad Gita* ensina: "Assim como abandonamos roupas usadas para pegarmos outras novas, a alma abandona corpos usados para ocupar novos corpos".

Aos 5 anos, Flávio evidentemente não tinha lido o *Bhagavad Gita* - aliás, nem seus pais -, no entanto, ele contava nessa época: "A alma sai de Deus e coloca uma roupa. Assim se formam os humanos. Existe uma espécie de vestiário no qual estão todas as roupas. Deus diz à alma que ela deve colocar tal roupa. A roupa é o corpo. A forma do corpo depende da forma do mundo para onde a alma vai. Para mim, Ele deu uma roupa para vir para a Terra. Os humanos têm todos a mesma forma; claro, existem diferenças, como as diferenças de rostos. As mulheres também são diferentes dos homens, mas a diferença é pouca".

Essas proposições também vão ao encontro daquelas do filósofo Arthur Schopenhauer, que reuniu um material considerável sobre a reencarnação: "Quando morremos, rejeitamos nossa individualidade como se fosse uma roupa velha e nos alegamos porque vamos receber outra, nova e melhor".

Aos 7 anos, Flávio afina seu ensinamento sobre esse assunto sério: "Em cada vida, aprendemos um pouco mais todos os dias e levamos conosco as experiências construtivas, mas às vezes também desejos e coisas negativas. Na realidade, a vida é uma grande escola: alguns acabam de começar, outros repetem, cada um progride nos diferentes níveis de aprendizado até se tornar professor. Somos então um profissional da eternidade e temos a missão de descer para ajudar os alunos para que cheguem ao mesmo nível, e lhes ensinar que todos somos parte de Deus e que a vida nos molda até chegar à perfeição".

Esses discursos evocam a declaração de Henry Miller, o famoso romancista americano, falecido em 1980, que, em 1951, respondeu a um jornalista que o questionava sobre esse assunto: "Claro, não morremos, ninguém morre. A morte não existe. A gente apenas

espera um novo nível de visão, um novo reino da consciência, um novo mundo desconhecido".

Enquanto Manuel (de 8 anos) morria de leucemia, ele tranquilizava sua mãe que chorava em sua cabeceira: "Eu sei que vou deixar esta Terra, mas' não chore. Vou encontrar Deus. Sei também que lá não sofrerei mais. Deixarei meu corpo, que é apenas um clichê, uma representação, mas meu verdadeiro Eu, meu Eu interior, viverá para sempre. Estarei com frequência perto de você".

Ao falar da reencarnação, Flávio contava: "Hoje, realizei um dos meus desejos. O que é negativo não são os desejos, mas se prender a eles, particularmente quando alguém se aproxima da morte. É bom morrer sem desejo. Quando alguém tem um desejo muito forte, retorna com ele na vida seguinte. Quanto mais o desejo é pessoal, mais é certo que se terá de carregá-lo como um fardo na próxima vida".

Aos 8 anos, Flávio prosseguia: "O nível astral, em seu lado positivo, é a zona de purificação dos desejos. Na hora da morte, as almas atravessam uma porta para ir à Fonte. Nesse nível, existem seres que ajudam depois da morte. E preciso respeitar a porta. Não se deve chamar os seres astrais porque eles correriam o risco de obstruir o sistema".

E depois acrescentava: "O nível astral, em seu lado negativo, é o que as pessoas chamam 'inferno'. E o nível para onde vão as pessoas que não sabem que estão mortas, ou aquelas que não realizaram sua missão; por exemplo, aqueles que se suicidam. Esses seres permanecem ligados ao nível físico, são almas na confusão. Quando saem de sua confusão e compreendem seus erros, passam para o lado positivo do astral e retornam para a Fonte".

Em relação aos fantasmas, seu irmão Marcos explicava com a mesma idade: "Claro que os fantasmas existem. Eu já disse que eles não podem te fazer nada, eles são energia sem matéria. Podem apenas assustá-lo. Você não deve ter medo deles, mas sim, pena. Eles são como uma nuvem com uma forma humana. São almas que

não sabem como voltar para Deus. Os fantasmas podem atravessar as paredes, mas não podem tocá-la. Eles não têm corpo, mas têm um espírito. Têm energia, mas não matéria. Você sabe o que é matéria? A matéria pode ser tocada. Quando se morre, deixa-se sua roupa, que é o corpo, mas às vezes sobra a roupa interior, que passeia por aí, flutuando próximo da terra; ela não vai para o alto."

Essas afirmações vão ao encontro daquelas de Régis Dutheil, médico e professor agregado de física, que considerava que o Eu superior ou consciência total, constituído de matéria supraluminosa, persiste após a morte biológica do ser humano. Não se trata de sobrevivência, mas de um simples retorno à realidade fundamental do ser. Nosso corpo físico, com todos seus órgãos, pertenceria ao mundo sublumínico e nossa consciência pertenceria ao mundo supraluminoso: "Nosso corpo é o avesso da roupa cujo direito seria a consciência. Como uma poeira situada no forro da roupa poderia imaginar que essa mesma roupa possui um lado direito? A questão se coloca da mesma maneira para os seres humanos. Eles não podem observar sua consciência e o mundo ao qual ela pertence. A morte produz uma espécie de mudança. O corpo físico desaparece, na medida em que os órgãos físicos, e particularmente o cérebro, não podem desempenhar seu papel de filtro, e a consciência se encontra livre de qualquer entrave. O grão de poeira que somos passa brutalmente do forro da roupa para o seu lado direito ao atravessar o tecido da roupa, isto é, a parede da luz".

Essa teoria permite que se compreendam melhor as declarações de todas as pessoas que se aproximaram das portas da morte e declararam terem percebido uma luz extraordinária. Essa luz seria a da parede que separa nosso mundo do universo supraluminoso. Quanto ao professor Itzhak Bentov, especialista na pesquisa sobre a consciência e partidário da teoria holográfica, ele acha que o famoso túnel, muitas vezes atravessado ao longo de uma EQM, seria uma zona de transição entre dois níveis de consciência.

Mas o que é perturbador é que Marcos Cabobianco e seu irmão Flávio jamais encontraram Régis Dutheil e também não leram suas obras. No entanto, suas afirmações são perfeitamente semelhantes àquelas do físico.

Com 13 anos, Marcos contou uma experiência vivida em uma vida anterior, na qual ele tinha morrido asfixiado por um vazamento de gás. Isso lhe permitiu remontar ainda mais longe para outra vida, quando ele devia condenar um homem a morrer em uma câmara de gás. Ele não tinha certeza de sua culpa, mas não pôde resistir à pressão do júri: "Eu o vi respirar, aspirar a última onda de oxigênio, e então conter sua respiração até não poder mais e aspirar a onda de gás mortal. E por isso que voltamos nesta vida. Para aprender, para sair dessa lei de causa e efeito, para no final das contas terminar com ela de uma vez por todas".

Rébecca fala muitas vezes sobre o que chama *The world beyond* [O mundo do lado de lá]. Ela menciona com frequência aquele que foi seu irmão em outra vida.

Aos 2 anos e meio, percebendo pela primeira vez um velho forno a carvão muito aperfeiçoado, ela explicou para sua mãe como ele funcionava e para que serviam todos os acessórios que o acompanhavam.

- Como você pode saber de tudo isso? - perguntou-lhe sua mãe.

- Eu tinha um igual em outra vida.

Um dia, vendo uma senhora que possuía uma esplêndida cabeleira acobreada, ela se aproximou dela, tocou seu cabelo e declarou: "Minha mãe, em outra vida, tinha exatamente a mesma cor de cabelos".

Ela é de origem alemã, mas, sem jamais ter aprendido, compreende perfeitamente o inglês desde que nasceu. Acontece o mesmo com a matemática: ela muitas vezes dá respostas exatas sem fornecer explicação a essas respostas. "Eu sei, só isso", replica. E quando lhe pedem para realizar outro gesto, ela responde com frequência: "Eu

nunca fiz, mas vou tentar". Para ela, esse "nunca" significa: "nem mesmo em outras vidas".

Por seu lado, aos 5 anos, Robin começou a contar longas histórias em uma linguagem incompreensível, mas que, no entanto, parecia absolutamente coerente. Um dia, fizeram com que encontrasse um especialista em línguas orientais que reconheceu um dialeto utilizado no Tibete. Questionada, a criança respondeu que tinha aprendido essa língua na escola. Como sua mãe comentasse que ele ainda não tinha ido para a escola, Robin respondeu: "Sim, eu fui para a escola antes".

Enquanto Dorothy tentava decifrar os hieróglifos, sua mãe lhe fez observar: "Mesmo que saiba ler um pouco, você não pode compreender o que está escrito em uma língua que não conhece". E a garotinha, então com 6 anos, respondeu: "Sim, eu a conheço, mas eu esqueci".

Quando Deborah tinha 4 anos, sua mãe surpreendeu uma conversa entre ela e seu irmão, dois anos mais velho. Deborah pedia que ele fosse mais respeitoso com ela.

- Antes, você não me falava nesse tom quando eu era sua mãe! Então sua mãe interveio.

Do que você está falando? Você nunca foi mãe de seu irmão!

- Sim, antes, em outra vida.

- De que vida você está falando?

- Antes, quando eu era a mãe dele e papai era meu marido. E eu, o que eu era então?

- Você não estava lá!

Deborah adora sua mãe e, se essa conversa foi fruto de sua imaginação, teria sido normal que tivesse mencionado sua mãe e que encontrasse um papel para ela representar nessa família de outra vida.

Além das crianças *índigo*, que prefiro chamar de crianças do terceiro milênio para não enclausurá-las em um conceito redutor, sempre existiram crianças que surpreenderam e ainda surpreendem o

mundo com sua precocidade inexplicável. Elas parecem ter nascido com um conhecimento excepcional em certos campos, como música, literatura, ciências, e, em regra geral, em todas as disciplinas do pensamento. A teoria da reencarnação seria uma resposta muito satisfatória às questões que esses dons levantam.

Assim, Christian Heinrich Heineken, nascido em 6 de fevereiro de 1721, em Lübeck, falava fluentemente aos 10 meses e já aprendia na *Bíblia* os ensinamentos de Moisés. Aos 15 meses, ele se interessou pela história mundial; aos 3 anos, aprendeu francês e latim (e ele era dinamarquês) e começou a estudar a história das religiões, mas morreu com 4 anos.

Nascido em Hamburgo em 1824, Johann Martin Zacharias Dase foi um calculador prodígio. Aos 15 anos, seus dons eram reconhecidos por todos, e a Academia de Hamburgo ajudou financeiramente esse precursor dos computadores que estabeleceu em um tempo recorde as tábuas de logaritmos.

Aos 3 anos, Frédéric Gaus traçava na poeira figuras geométricas e fazia cálculos avançados.

Mesmo privado de livros de matemática por seu pai, que desejava que ele aprendesse primeiro o latim e o grego, aos 12 anos, Pascal tinha reinventado a matemática e chegado até a 32ª proposição do primeiro livro dos *Elementos* de Euclides. Aos 16 anos, escreveu um *Tratado das seções cônicas* que surpreendeu Descartes, e, aos 18 anos, inventou uma máquina de calcular.

Com 10 anos de idade, Alexis Claude Clairault (1713-1765) tinha lido e compreendido tratados complexos de matemática. Perto dos 13 anos, compôs um relatório sobre *As propriedades de algumas curvas novas* que foi aprovado e impresso pela Academia das Ciências da qual se tornou membro aos 18 anos.

Louis Lagrange (1736-1813) foi, desde a infância, um extraordinário gênio matemático e um espírito enciclopédico. Nomeado professor de matemática na Escola da Artilharia quando ainda não tinha 16

anos, ele empregava seus raros momentos de lazer para estudar a história das religiões, a metafísica, a botânica e a música.

Léonard Euler (1707-1783) é um dos maiores matemáticos de todos os tempos. Ele folheava as obras mais complexas em alguns instantes e poderá recitar completamente todos os livros que tinha lido desde a mais tenra idade. Distinguia-se também na física, na química, na zoologia, na botânica, na geologia, na medicina, na história, nas literaturas grega e latina.

Ampère efetuava impressionantes operações de cálculo mental e dominava perfeitamente o cálculo diferencial aos 12 anos. Já o ilustre físico inglês lorde Kelvin (1829-1907) ganhou, aos 10 anos, um prêmio científico na Universidade de Glasgow com um ensaio sobre a configuração da Terra.

Com 3 anos, Brunswick calculava e resolvia problemas numéricos.

José Comas Sola, astrônomo espanhol, escreveu sua primeira obra de astronomia aos 10 anos e fez suas primeiras observações da Lua e do Sol, assim como das manchas solares, com 13 anos, apenas com a ajuda de uma pequena luneta de 50 milímetros de abertura.

Shakuutuka Devi, nascida em Bangalore, na Índia, manifestou, desde os 6 anos, um impressionante gênio matemático, encontrando, em alguns segundos, as soluções dos problemas de cálculo mental mais complicados. Em 1967, em Nova York, diante de uma multidão de espectadores, conseguiu dar as respostas bem mais rapidamente do que um computador com o qual foi confrontada.

O bispo inglês Whately confessou que, entre os 3 e 4 anos, teve um curioso dom para o cálculo. Conseguia resolver de cabeça as operações mais complicadas e mais rapidamente do que matemáticos armados de lápis e papel. Mas esse dom desapareceu quando atingiu a idade de frequentar a escola, onde se revelou um medíocre aluno em cálculo.

E, no entanto, entre os músicos que se podem encontrar as crianças superdotadas mais precoces, quando se sabe que uma criança di-

facilmente consegue se concentrar por mais de dez minutos e ainda menos ouvir ou reter uma partitura que às vezes dura horas.

O caso mais célebre nesse campo é o de Mozart que, aos 3 anos, começava a tocar piano. Aos 4 anos, compôs um concerto para cravo e mostrou que sabia tocar violino sem ter aprendido. Aos 5 anos, já compunha peças em um estilo leve e charmoso. Aos 7 anos, tocava em público em Viena, Salzburg, Veneza, Londres, Paris, e em todos os lugares provocava entusiasmo. Aos 8 anos, publicava sonatas para piano. Aos 10, escrevia sua primeira ópera cômica, *La Finta semplice*, e uma pequena ópera-bufa, *Bastien et Bastienne*, que é executada até hoje. Aos 13, era nomeado chefe de orquestra na Corte de Salzburg e, aos 16, deu uma prova particular de seu extraordinário talento musical ao reescrever inteiramente o *Miserere*, de Allegri, para várias vozes, depois de ter ouvido duas ou três vezes apenas.

Aos 5 anos, Alicia de Larrocha, Arthur Rubinstein, Claudio Ar-rau, Georges Cziffra, davam seu primeiro recital de piano em público. Samson François obteve o 1ª prêmio do Conservatório aos 7 anos, bem como Daniel Barenboim e Yves Nat.

Entre os compositores, Händel compôs sua primeira obra aos 8 anos; Beethoven, sua primeira sonata aos 10 anos e Chopin, sua primeira missa aos 12 anos. Gioacchino Rossini já tinha composto seis sonatas para instrumentos de cordas aos 12 anos e, aos 14, sua primeira ópera *Demétrio e Políbio*.

Aos 2 anos e meio, Camille Saint-Saëns decidiu aprender a tocar piano e deu seu primeiro recital com 5 anos. Aos 11 anos, ele obteve um triunfo na sala Pleyel. Sua memória musical era prodigiosa e ele encantou Liszt com sua técnica. Do mesmo modo, Wagner admirou sua maneira de decifrar a partitura de orquestra de *Tristão*, façanha que poucos pianistas poderiam ter realizado.

Franz Liszt começou a tocar piano aos 6 anos e deu concertos aos 8 anos.

Aos 11 anos, Schubert já tinha escrito algumas sonatas, sinfonias, óperas. Beethoven deu seu primeiro concerto aos 8 anos. Aos 13, ele já tinha composto e publicado três sonatas, consideradas obras-primas.

Aos 12 anos, Weber tinha composto seis sinfonias, três sonatas, e uma ópera. Aos 14 anos, Mendelssohn tinha escrito a abertura de *Sonho de uma noite de verão* e composto quatro óperas.

O mais precoce foi Grotch, que começou a tocar piano aos 2 anos e, em 1779, com 3 anos e meio, tocou em Piccadilly suas composições para órgão.

Um pouco mais próximos de nós, em 1911, Willy Ferreros dirigiu uma orquestra quando tinha 4 anos e meio e, em 1912, Paul Maigre, com 7 anos, conduzia a orquestra Le Luth, enquanto tocava piano. Pietrino Gamba e Roberto Benzi dirigiram de calças curtas grandes formações orquestrais com uma segurança e uma precisão incomparáveis.

Quanto aos pintores, Rafael desenhou algumas de suas obras-primas a partir dos 8 anos e adquiriu sua celebridade aos 16. Joseph Ver-net começou a desenhar bem aos 4 anos; Greuze, com 8 anos; Giotto e Van Dyck, aos 10 anos; Miguelangelo, aos 13 anos. Dürer, Ticiano, Rubens e Jordaens também foram muito precoces. É bom observar que Picasso dominava inteiramente sua técnica e não tinha mais nada a aprender das academias aos 14 anos.

Na literatura, os exemplos de crianças precoces também são numerosos. Foi assim que, no século XVI, Jacques Grévin publicou, quando tinha 13 anos, uma tragédia e duas comédias, logo acompanhadas por outras obras.

François de Beauchâteau, nascido em 1645, de pais artistas, aos 14 anos produziu suas primeiras poesias. Recebido na Corte, o cardeal Mazarin lhe ofereceu ricos presentes e uma pensão de 500 libras.

Goethe, que, como se sabe, foi um gênio universal, escreveu e fez representar peças de teatro aos 6 anos.

As irmãs Brontë, Charlotte, Emily e Anne, escreveram romances com cerca de 13 anos.

Outras crianças prodígios, Henrich Heineken, Philippe Baratier, Kart Witte, Stuart Mili M. Trombetti, aprenderam muito jovens, às vezes desde os 2 anos, várias línguas estrangeiras.

Quanto a Picco della Mirándola, nascido em 1453, ele se distinguiu por uma surpreendente precocidade, pela universalidade de seus conhecimentos e pela originalidade de suas teses filosóficas. Falava 22 línguas aos 16 anos.

Daniel Tavvry, nascido em Lavai em 1669, aprendeu latim e grego ainda no berço, defendeu uma tese de lógica com 9 anos e meio e uma tese de filosofia no ano seguinte. Aos 15 anos, foi recebido como doutor em medicina.

Com 5 anos, Bobby Gordon conhecia o nome das principais estrelas e, em latim, o das 180 constelações. Aos 6 anos, escreveu um relatório sobre a constituição do átomo. Aos 7 anos, começou seus estudos sistemáticos de química na Western University e passou nos exames aos 10 anos. Em 1950, com 11 anos, sustentou uma tese de química nessa mesma universidade, o que lhe valeu obter o doutorado em ciências.

Contudo, seu caso não é único nessa época, pois, em 1956, o jovem Fred Safier foi admitido, aos 12 anos, na Universidade de Harvard, antes de se tornar um especialista em fenômenos nucleares. Aos

11 anos, ele já dava cursos de química em um colégio. Sua distração favorita era o jogo de xadrez, em que ele se distinguia.

Em 1962, Élmer Eder, então com 4 anos, já contava até mil e quinhentos. Aos 7 anos, conhecia o cálculo integral e diferencial. Aos 9 anos, conhecia perfeitamente a teoria da relatividade restrita de Einstein e fez sua primeira conferência sobre esse assunto na Universidade de Erlangen. Nessa idade, ele também conhecia as séries de Fourier e os elementos do cálculo vetorial.

Desse modo, o fenômeno de precocidade intelectual sempre se manifestou espontaneamente, como podemos constatar. Sem

dúvida, não tem nada a ver com a nova consciência das crianças *índigo*, mas nós o citamos em relação à teoria da reencarnação que representa uma evidência para essas crianças.



O sentido de sua essência divina

"É somente com o coração que se pode ver; o que é essencial é invisível a olho nu."

Saint-Exupéry* (*O Pequeno Príncipe*)

Desde o nascimento, essas crianças excepcionais - cujo número é cada vez menor - afirmam que são crianças de Deus. Elas exprimem sua compaixão por tudo o que vive sobre a Terra, homens, animais e plantas, e não toleram nem crueldade, nem injustiça. Sentem a necessidade de estar em contato com a natureza, de andar, de respirar, de refletir no campo. Não são minimamente materialistas e

*N.E.: Sugerimos a leitura de *A Vida Secreta de Antoine de Saint-Exupéry - A Parábola do Pequeno Príncipe*, de Renée Teller, Madras Editora.

pensam que sua missão é tentar refazer o mundo e torná-lo melhor. Elas evocam frequentemente o cosmos, as estrelas, a Luz.

"Eu venho do Sol", declarava Flávio Cabobianco quando tinha apenas 3 anos. Mais tarde, aos 8 anos, ele acrescentou aos seus comentários que não se tratava do Sol físico, mas do sol espiritual.

Anna também mantinha estreitas relações com Deus, ao qual se dirigia muitas vezes, mas a ideia de um culto coletivo chocava suas convicções. Quando o padre lhe perguntou por que não ia à igreja, ela respondeu: "Porque eu sei tudo isso". Ela achava que se podia ir até a igreja para aprender certas coisas, mas, uma vez que se tinha aprendido, era inútil retornar. "Uma vez que Deus está em todos os lugares, não vejo por que seria necessário ir até um lugar particular para lhe falar".

Para ela, existia apenas um Deus, apesar da diferença dos lugares de culto, das denominações dadas aos crentes e aos rituais. "Todos nós tocamos o mesmo acorde, mas com nomes diferentes", explicava.

Aos 9 anos, nascida em uma família católica, Elga se recusava a se confessar: "É com o próprio Deus que falo de meus pecados, não ao padre, que é apenas um homem, e ainda mais um homem que não sabe muita coisa". Ela também dizia: "O padre acha que somente os católicos detêm a verdade. Não é verdade. Todo mundo detém uma pequena parte da verdade, mas somente Deus a detém inteiramente".

"Deus é Deus, qualquer que seja o nome que lhe damos. Meu amigo Tahar o chama de Alá, mas continua sendo Deus", constata Kevin (de 7 anos).

Rébecca tem o mesmo discurso: "Podem existir diferentes religiões, não existe apenas uma". Ela compartilha a opinião de Anna e perguntou várias vezes, ao mostrar uma igreja: "Por que as pessoas precisam ir a essa casa?". Também para ela, Deus está em todos os lugares e não vê a utilidade de ir a um lugar determinado para encontrá-lo.

"Venho de outros mundos", declara. Ela também vê anjos e entidades, com ou sem asas. Também conversa com elfos que se encontrariam nas palmeiras de sua casa em Portugal.

Todas as *índigo* parecem se relacionar com o mundo etéreo. Elas afirmam com frequência que veem anjos ou outras criaturas celestes às quais, às vezes, se dirigem como se estivessem ao lado delas, ou então pessoas falecidas que descrevem com precisão.

Rodd fala regularmente sobre os anjos que percebe desde que tinha 18 meses e os descreve com exatidão.

Quando Carlotta era bem pequena, muitas vezes se referia a um monge com roupa açafrão com o qual conversava. Como essa mania não passou quando cresceu e como aos 9 anos ainda conversava com esse ser invisível, seus pais a levaram para ver um psiquiatra, que receitou calmantes. Carlotta jamais mencionou isso, mas não perdoou seus pais pela falta de confiança nela. Quando se tornou adulta, encontrou uma vidente que lhe confirmou que ela tinha como guia um lama tibetano.

Por sua vez, com apenas 4 anos, Marcos Cabobianco explicava: "Os anjos não têm asas, nem pés, às vezes brincam comigo. Fazem círculos no ar, círculos de luz. Eles têm uma espécie de manto branco, brilhante. Quando estou com eles, também os vejo flutuar, mas não temos necessidade de asas. Flutuamos porque somos de ar".

Algumas crianças, por outro lado, declaram utilizar "asas" para voar para outros mundos. Seja como for, muitas delas afirmam que são capazes de sair de seu corpo para passear no cosmos e visitar planetas distantes.

Flávio dizia muitas vezes que, ao longo do dia, sentia-se cansando, pois à noite viajava para outros planetas. "Meu trabalho enquanto durmo é de ser um 'informante'. Eu transmito aos seres de outros mundos, por telepatia, informações sobre a Terra. Tudo lhes parece muito surpreendente."

Flávio encontrou outras crianças que lhe confiaram que tinham vindo para a Terra fazer o mesmo trabalho que ele. "Nossa missão é ajudar na mudança. A Terra está começando a ficar menos física, mais espiritual. Alguns dizem que vou me fechar para o espiritual quando for maior, mas não creio. Sei que não posso esquecer nada do que é minha essência."

Depois, com 9 anos, ele deu mais esclarecimentos: "Antes de nascer, eu via tudo, tinha todas as perspectivas. Minha visão não tinha limites, porque não tinha olhos físicos. Era a primeira vez que estava tão próximo de um planeta tão denso. Eu tinha me preparado, passando por outros planetas onde pude treinar para essa dimensão física. Era como aprender a escrever no ar sem utilizar lápis. Mas essa era uma experiência muito diferente, muito rara: eu teria um corpo de matéria. Trazia comigo alguns dados de base para poder estar aqui: sim e não, tempo e espaço. Esse é um mundo de oposição".

No entanto, Flávio se lamentava, pois a telepatia, a transmissão direta por ondas mentais, não funciona bem por causa da densidade da Terra. "Além do mais, em lugares diferentes, utilizamos sons diferentes para dizer a mesma coisa. É muito complicado. Além disso, existe a gravidade, que é o peso que nos mantém sobre a Terra. E preciso fazer esforços para se deslocar; ficamos esmagados e não podemos voar. Podemos apenas voar nos sonhos ou com as ondas do pensamento."

Por sua vez, aos 5 anos, Anna declarava: "A sua alma não vai longe durante o dia, porque ela se detém naquilo que você vê. À noite, é melhor. Isso estica sua alma até as estrelas. E isso é muito, muito longe. A noite, nada o impede de sair. É como suas orelhas. Durante o dia há tanto barulho que você não ouve nada".

Essas novas crianças, espiritualmente mais despertas do que as das gerações anteriores, parecem possuir uma consciência muito diferente da nossa. A chegada dessa nova geração está ligada à evolução da consciência humana, e esses seres do futuro estão ainda

em um outro tempo, pois encarnaram em um planeta cujos habitantes, pelo menos aqueles dos países ditos "evoluídos", funcionam ainda como na época em que a ciência lhes ensinava que eram o centro do mundo, chegados à Terra pelo maior dos "acazos". Evidentemente, para essa ciência, a consciência é apenas um produto do cérebro, o que as *Índigo* negam em massa.

"As pessoas deveriam se tornar mais sábias ao envelhecer, mas é o contrário", lamenta Anna.

Aos 5 anos, ela observava: "As pessoas podem apenas gostar do lado de fora e abraçar o lado de fora, mas Deus pode gostar do interior, pode abraçar o interior. Deus não é como nós; somos um pouco como Ele, mas não muito ainda. Deus conhece as coisas e as pessoas por dentro, e nós as conhecemos por fora. Então as pessoas não podem falar com Deus do lado de fora. Só podemos falar com ele quando estamos dentro, dentro dele. Todos têm um ponto de vista, o seu próprio, mas Deus não tem um, Deus vê por uma infinidade de pontos".

Encontramos aqui o ensinamento do *Bhagavad Gita*, que Anna, evidentemente, nunca leu: "Você leva em si um amigo sublime que não conhece, pois Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo".

Aos 8 anos, Flávio Cabobianco tinha afirmações muito semelhantes quando explicava sua maneira de ver o mundo: "Os humanos aprendem a utilizar um só ponto de vista: o cotidiano que serve para o psíquico e para viver em sociedade. Quando brincam, as crianças praticam essa realidade. Permanecer aberto significa permitir outros pontos de vista. Por exemplo, o ponto de vista exterior consiste em 'ver' do exterior da Terra, e mais ainda da parte manifestada do Universo. O ponto de vista central consiste em ver a partir do núcleo, essência energética de Deus. O ponto de vista interior consiste em "olhar" a partir do núcleo interno de seu próprio ser e ver o núcleo dos outros seres".

"Fazemos com que as crianças pratiquem apenas o ponto de vista cotidiano. Dessa forma, elas limitam o uso de suas ondas mentais e aprendem a se concentrar no plano físico. É como utilizar apenas uma pequena parte de um computador. Já que são programadas dessa maneira, é muito difícil se reabrir. Depois é preciso muita paciência para restabelecer o contato espiritual."

As *índigo* veem regularmente as auras e as descrevem com precisão. Aos 4 anos, Marcos Cabobianco explicava: "Você sabia que os anjos têm cabelo violeta e que tudo é violeta em volta? Todas as pessoas têm cores em volta. Algumas cores são bonitas e outras são tristes, isso depende de como as pessoas estão".

É fácil se comunicar com essas crianças utilizando imagens mentais, metáforas visuais. Algumas se referem a uma pequena voz interior que lhes dita sua conduta.

"Você me pede para brincar com Jean e diz que ele é muito gentil, mas a pequena voz me diz o contrário", respondeu Gaél (de 5 anos) para sua mãe que o aconselhava a brincar com o filho de uma amiga.

Lee Carroll conta que, enquanto o pai do pequeno Zacharie pedia ao seu filho para que arrumasse seus brinquedos, a criança lhe respondeu: "Agora não, papai. Estou discutindo com meu Eu superior e ainda não terminei". Quando essa criança explica aos seus pais coisas que não pode ter aprendido na escola, e ao lhe perguntarmos como conhece esses detalhes, ela simplesmente responde: "Eu sei, é tudo". Essa resposta é clássica nas crianças *índigo*. Elas "sabem", é tudo.

Algumas dessas crianças começam a falar bem mais tarde, o que faz com que seus pais temam o autismo. Mas, na maior parte do tempo, os testes para descobrir uma deficiência física são negativos. A criança não fala, pois se comunica com sua família por telepatia, lendo o pensamento e enviando mensagens da mesma maneira. Ela capta as emoções sentidas à sua volta.

A pequena Eva não falou até os 10 anos. Seus pais e os médicos acreditavam que fosse autista. De repente, nessa idade, ela começou a falar muito apropriadamente e alcançou as crianças de sua idade de maneira surpreendente. Ela explicou, então, que se fechara em seu mutismo porque antes "não tinha nada de interessante para contar".

Entre todas as *índigo* conhecidas - pois devem existir muitas não repertoriadas -, os dois irmãos argentinos Cabobianco são os mais surpreendentes por suas afirmações. Seu pai, Omar Nestor, confessa:

"Pouco a pouco, compreendo que as duas crianças têm um núcleo de sabedoria interior em comum, mas funções diferentes. Sem qualquer dúvida, Flávio é o porta-voz. Sua missão, como ele diz, é transmitir a informação sobre a realidade espiritual. Ele sempre percebe com exatidão, sem se enganar, quando, onde e com quem pode se exprimir com toda liberdade. Educar meus filhos e ao mesmo tempo aprender com eles é uma experiência difícil, mas apaixonante. Minhas concepções sobre a realidade sofreram uma verdadeira revolução. Eu cresci com minhas crianças. No entanto, a despeito de sua luz interior, elas precisam de mim para orientá-las no plano concreto e cotidiano ou, como elas dizem, em sua experiência com o 'denso'. Estou certo de que muitas crianças são como Marcos e Flávio, esperando somente a possibilidade de uma atitude aberta para poder exprimi-la, para não precisar mais perder sua conexão com a luz."

Aos 3 anos, seu filho Marcos declarava: "Eu vejo com os olhos fechados. Vejo Deus, mas Deus não tem corpo. Não tem boca, mas fala. Está em todas as coisas, está também na alimentação. Está no ar. Está no interior das pessoas e também no interior dos ladrões, ainda que estes sejam maus. Eles são maus porque não sabem que têm Deus em seu interior. Eles não o sentem. E Deus está também nos animais. Mesmo nos ratos".

Ele dizia na mesma época: "Não acredito no céu e no inferno de que minha mãe fala".

Aos 4 anos, ele persistia em contestar os dizeres de sua avó: "Minha avó diz que Jesus é Deus. Ela não compreende que Deus é Tudo. Jesus é um ser humano, mas evidentemente um ser humano diferente... Eu sei que Jesus vem de Sírius, que é a estrela da vontade e do amor".

Ele acrescentava: "Às vezes, eu parto quando adormeço. Vou com Deus. Vou como um foguete para as estrelas, e estou com Deus. Mas é difícil explicar, porque é um Deus que está além das palavras. Sinto alguma coisa no coração, na alma, mas não existem palavras".

Aos 6 anos, ele contava suas viagens noturnas e seus elos com seres angélicos. "Quando era pequeno, acreditava que, para ir até Deus, eu ia com meu corpo e tudo. Agora, sei que vou flutuando com a alma. Posso ir com Deus quando estou acordado. Fecho os olhos, desenho uma pequena porta mágica e vou alto para o céu, para as estrelas, até Deus."

A partir dos 3 anos de idade, seu irmão Flávio substituiu-o e também relatou sua visão do cosmos. A mãe então anotou suas reflexões, como já anotara as do filho mais velho.

Aos 6 anos, ele esclarecia: "Há palavras que existem somente neste planeta tão físico, como, por exemplo, as palavras 'vazio' e 'morte'. A palavra 'vazio' em si mesma não pode existir. Pode existir nada de alguma coisa, mas nada de nada não tem sentido, porque sempre existe Deus. Jamais qualquer coisa de Deus pode desaparecer ou não existir. O vazio é impossível, e também nada é impossível. Se você diz a um ser muito espiritual, a um anjo, por exemplo, que alguns humanos acreditam no vazio, ele não pode compreender; ele se dá conta de que esses humanos são muito ignorantes".

Aos 11 anos, Marcos declarou: "Assim que meu irmão Flávio nasceu, soube que tínhamos uma missão a cumprir. Meu trabalho foi lhe explicar as leis desse mundo".

Jean Spinetta, que, em 1992, traduziu para o francês os célebres cadernos de Flávio, encontrou-o pela primeira vez em 1991, na Argentina. Uma amiga queria muito que ele conhecesse essa criança, que ela considerava como excepcional. A mãe de Flávio os recebeu e começou a lhes contar algumas das teorias filosóficas veiculadas por seu filho. "A um certo momento, um conceito me pareceu um pouco obscuro", conta ele. Ela chamou Flávio. Uma criança bastante franzina apareceu. Fiquei chocado com sua imensa testa e seu olhar faiscante de inteligência e, ao mesmo tempo, distante. Sua mãe lhe pediu que esclarecesse algumas afirmações de ordem metafísica que eu tinha achado meio confusas. O rosto de Flávio se animou e, com uma clareza estupenda para sua idade, começou a explicar o conceito."

Flávio respondeu a essas questões de uma maneira detalhada e totalmente pessoal, e Jean Spinetta teve a oportunidade de verificar que não se tratava de noções intelectuais apreendidas com outras pessoas. Era seu pensamento estritamente pessoal que ele expunha. "Nesse sentido, algumas respostas eram notáveis e eu jamais as tinha encontrado em qualquer livro antes, principalmente uma demonstração sobre a noção de determinismo e livre-arbítrio."

Temendo cansar a criança por causa das inúmeras questões que fazia, Jean Spinetta sugeriu interromper sua entrevista. Flávio reagiu: "Oh não, por favor, me faz tão bem falar sobre essas coisas, muitas vezes eu não tenho oportunidade".

Em março de 1992, Jean Spinetta fez uma nova viagem para encontrar Flávio e se hospedou dois dias na casa dos pais dele. "É uma criança adorável, extremamente afetuosa e muito bem adaptada à vida cotidiana, pelo que pude observar. Seu irmão, Marcos, também é um bom exemplo de equilíbrio e de criatividade. Nós três tivemos uma conversa sobre astrologia. Eles tinham incorporado incrivelmente o simbolismo, que associavam aos exemplos da vida cotidiana."

Jean Spinetta insistiu sobre o fato de que Flávio muitas vezes se insurge contra aqueles que gostariam de transformá-lo em um superdotado e afirma com veemência que é uma criança normal.

"Ele tem razão. É como cada um de nós deveria ser. É ao mesmo tempo um exemplo para todas as crianças, para todos os jovens e todos os seres humanos que aspiram desenvolver o mais alto potencial em sua existência. E ele prefigura o ser humano de amanhã."

Encontramos em muitas crianças *índigo*, de 3 a 5 anos de idade, longos discursos sobre a impermanência das coisas, a física quântica, os átomos, o que de forma alguma é "normal" nessa idade. É possível que essas crianças sejam precursoras de uma nova ciência e de uma nova visão do mundo e que já participem, sem medir sua amplitude, de um movimento que talvez seja considerado no futuro como um dos mais importantes da história da humanidade, pois ele pode mudar a maneira de pensar e o comportamento de vários bilhões de indivíduos. Teriam elas descido sobre a Terra para ajudar a humanidade a evoluir? Foram escolhidas para desempenhar a missão de salvar o planeta? Se devem representar um papel essencial dentro de alguns anos, elas conhecem sua urgência e sua finalidade?

Ocorre que elas carregam em si a esperança de uma vida melhor, cheia de amor e não de ódio.

Aos 5 anos, Flávio já explicava: "O ódio é o amor comprimido. O amor, ao contrário, não é nem acumulado nem separado, ele é normal".



Seria um fenômeno tão recente?

"Se quiser salvaguardar seu conteúdo filosófico, uma ciência deve conhecer seus limites. As sensacionais descobertas sobre as propriedades dos fenômenos naturais isolados são apenas possíveis com a condição de não definir de antemão a natureza geral desses fenômenos"

Werner Heisenberg

(A Natureza na física contemporânea)

Segundo os especialistas, essa emergência de crianças *índigo* parece muito recente, mas ela data dos anos 1970, 1980 ou 1990, e o critério *índigo* não limita a evolução atual de uma parte da humanidade, seja ela jovem ou menos jovem.

Crianças que atualmente seriam classificadas como *índigo* certamente encarnaram muito antes de nossa época. Sendo a vida um longo processo, esse tipo de fenômeno acontece geralmente por levadas lineares e é provável que essas crianças tenham começado a vir há várias décadas, mas em um número tão pequeno que passaram despercebidas.

Sempre existiram precursores e muitos são os adultos que apresentam características idênticas às dessas crianças. Pouco importa que essas pessoas sejam ou não *índigo*, pouco importa a cor de suas auras, elas trabalham para uma mudança de paradigma e isso é o essencial. O único detalhe interessante é que, atualmente, esses precursores se manifestam em número exponencial.

Astrologicamente, durante a Lua Nova de novembro de 1983, produziu-se uma grande concentração de planetas entre as constela-

ções de Escorpião e de Sagitário, alinhamento que nunca tinha sido visto antes no céu, pois os astrólogos da Antiguidade não conheciam a maior parte dos planetas em questão, e apenas os computadores são capazes de realizar tais cálculos astronômicos. Mas, hoje, esses cálculos mostram que essa grande concentração já foi produzida em outras épocas, como no Renascimento italiano, que assistiu ao surgimento de inúmeros personagens cujos temas de nascimento apresentavam as mesmas características das crianças que nasceram entre 1983 e 1997.

Essa concentração anterior presidiu o nascimento de indivíduos cujos temas mostram aspectos dinâmicos e inovadores, que foram dotados para transcender os medos e os limites de sua época a fim de engendrar coletivamente um mundo novo.

A astróloga Irene Andrieu dedicou-se especialmente ao alinhamento de 1983. "Enquanto eu continuava a trabalhar nesse estudo, vi nascer e crescer essas crianças da grande concentração. Elas representavam a realidade daquilo que nenhum mapa astrológico poderia mostrar. Elas eram a prova viva da coerência entre as tendências dos grandes acontecimentos e as dos homens e das mulheres nascidos durante o mesmo período. Tudo acontece como se a história de um instante se tornasse a história de sua vida. Cabia a eles prolongar ou transformar seu sentido por meio de suas próprias realizações individuais e coletivas." (Cf. *Histoire des enfants de Van 2000* [Historia das crianças do ano 2000], editado pela Editions du Rocher.)

Para ela, todos os indivíduos nascidos durante esses 15 anos da grande concentração vão reagir globalmente, em alguns momentos de sua vida, aos mesmos tipos de impulsões. Eles são solicitados por seus planetas natais. "Podemos nos perguntar por que nossas crianças dispõem de um destino tão especial, como se tivessem marcado um encontro para viverem juntas uma grande etapa da humanidade. Pois indivíduos portadores de configurações tão raras parecem realmente convocados a abalar a história do mundo."

Para Irene Andrieu, parece realmente existir um projeto coletivo de evolução sobre a Terra, mas cabe a nós tomarmos consciência disso e participar. O estudo dos ciclos repetitivos lhe mostrou que existiram períodos em que o nível de consciência social e intelectual era igual ou superior ao nosso, mas a seguir conheceram-se graves retornos à barbárie.

"A grande concentração que nos diz respeito se estende por um período crítico de 15 anos. As crianças que a possuem em seus temas de nascimento já constituem centenas de milhares. Pode-se compreender que muitas delas não sairão da massa para se forjar um destino excepcional, mas todas serão mais ou menos marcadas. [...] Pode-se pensar que algumas crianças que nasceram durante esse período deixarão uma marca muito forte na história nos próximos quatro séculos. Pois tantos nascimentos de personalidades coerentes entre si no plano do comportamento e das direções de espírito devem necessariamente induzir transformações que dirão respeito a todos os seres humanos sem exceção. A grande concentração atual é muito rara para que a época não deixe marcas significativas na história."

Aquelas que poderiam ser consideradas como precursoras das *índigo* não hesitaram em se distanciar das instituições pré-formatadas e obsoletas que nos governam e que, para a infelicidade do planeta, gerem nossas vidas.

Outrora, esses precursoras eram seres excepcionais, representavam um fenômeno marginal que suscitava poucos despertares de consciência entre a massa ao redor. Eles eram, no máximo, qualificados como originais e, no mínimo, loucos, até mesmo débeis mentais, para nossa razão racional e nossa ciência que acredita saber tudo. E auspicioso que esses seres singulares se multipliquem e que uma nova geração tome o bastão nesta nossa época em que devemos escolher entre a sobrevivência da Terra e a pilhagem cotidiana de suas riquezas por um "bem-estar" muito aleatório, prometido por uma minoria inconsciente, mas bem mais poderosa.

O importante é que essas crianças concordam perfeitamente com o chefe indiano Luther Standing Bear que dizia: "O homem que está sentado na entrada de sua tenda, para meditar sobre a vida e seu sentido, soube aceitar uma filiação comum a todas as criaturas e reconheceu a unidade do Universo; com isso, ele infundia ao seu ser a própria essência da humanidade. Quando o homem abandona essa forma de desenvolvimento, ele desacelera seu aperfeiçoamento".

Portanto, é hora de reencontrar nossa filiação e de continuar nosso desenvolvimento, nossa evolução.

SEGUNDA PARTE

O Fim de um Mundo



A manipulação midiática

"Nosso trabalho consiste em dar ao povo não o que ele exige, mas o que nós decidimos que é necessário lhe dar!"

Richard Salent

(Antigo presidente da CBS News)

Como já assinalamos anteriormente, de acordo com o dr. Breggin: "Não são as crianças que têm problemas, mas o mundo em que elas vivem".

Todos os dias, a mídia nos repete que nossa vida nunca foi tão agradável, tão saudável, tão rica, tão longa, enquanto a verdade é bem diferente. Muitas vezes nos falam de manipulação genética, mas sobre a manipulação midiática nunca nos falam, e quem, no entanto, destila a desinformação a todo segundo e em todos os lugares do planeta?

Isso se deve em grande parte ao fato de que nossa civilização atual está baseada na mentira, na intriga e no lucro; cada um é manipulado e, por sua vez, manipula os outros.

Todos os dias, tomamos conhecimento de que um princípio, considerado durante muito tempo irrefutável, estava errado. Estamos afogados em um mar de informações contraditórias entre as quais é difícil separar o verdadeiro do falso. E como a maior parte das pessoas tem a memória curta, elas facilmente esquecem o que tinha sido anunciado pouco tempo antes, tanto pelos engajamentos eleitorais quanto pelas promessas científicas de um mundo perfeito, aperfeiçoado pela mão do homem. Elas também ignoram as contradições tão significativas que cegam aqueles que ainda acreditam nessa "verdade científica" ou na "verdade política".

A grande maioria da humanidade persiste em engolir todas as belas palavras que lhe são destiladas pelo viés da mídia e das promessas dos amanhãs sem nuvens. "Durmam tranquilos, cidadãos, sob a égide da 'ciência', os poderes múltiplos velam por nós, confiem em nós." Felizmente, essa confiança começa a se desfazer, mas ainda muito devagar.

Disfarça-se a informação, não somente para esconder os colossais interesses, mas também porque o poder nos considera, muitas vezes, infelizmente, com razão, como irresponsáveis que podem ser neutralizados por belas palavras. Basta, para se ter uma ideia, ligar a televisão ou, simplesmente, escutar os discursos lenientes de

nossos governantes que se dirigem a nós como os mestres aos seus alunos menos dotados. Nos últimos tempos, chegamos mesmo a eleger, em alguns países considerados, no entanto, liberais, governantes que realmente estão longe de representar as aspirações de seus administrados.

Além do mais, nessa sociedade de competição, a violência se expande e o medo tornou-se cotidiano: medo da vida, da morte, da doença, do desemprego, do desconhecido, da diferença. Com esse medo, nós nos esquecemos do amor, no sentido mais nobre do termo, pois entramos em uma era de guerra. Sempre encontramos um inimigo para combater: micróbios, vírus, insetos, ervas "daninhas", genes "ruins" e mesmo "o outro", quando ele nos parece diferente daquilo que é admitido e admissível.

Todos os dias, mesmo reconhecendo os progressos científicos, econômicos e sociais de nossa época, que, logicamente, deveriam nos trazer a felicidade e a segurança, a mídia instila e então mantém o medo nos cidadãos: angústias sociais e médicas, temor do câncer, da Aids ou do colesterol e, mais ainda, medo do envelhecimento e da morte.

Nossa medicina, ao mesmo tempo moderna e arcaica, engendra sem cessar novas doenças sem, no entanto, curar aquelas que já existem; nossos governos promulgam leis muitas vezes iníquas que alienam cada vez mais nossas liberdades; nossos estudos se assemelham a uma lavagem cerebral, e a mídia que se autocensura difunde impunemente contraverdades.

Repetem-nos que estamos continuamente ameaçados por fatores externos, que nossas vidas parecem um percurso semeado de armadilhas e de catástrofes programadas contra as quais devemos estar bem seguros - felizmente, nossos governos estão aí e nos protegem - e, a seguir, espantamo-nos com o rosto triste exibido pelos povos ditos civilizados e, particularmente, os franceses.

Por outro lado, os verdadeiros perigos, aqueles que deveriam assustar ou, pelo menos, fazer com que os cidadãos reflitam, quase

sempre são deixados de lado ou apenas citados rapidamente. Por isso, raramente se evocam os riscos ligados à exploração abusiva do planeta por um punhado de indivíduos loucos, perigosos, que não se importam com os dejetos nucleares e a poluição mundial, ou que brincam de aprendizes de feiticeiro com a clonagem, a genética e os vírus.

Há mais de 30 anos, entramos em uma crise mundial que não diz respeito apenas à única economia que dirige os habitantes de nosso planeta e que é evocada sempre que acontece uma crise profunda. Essa crise é de uma extensão excepcional, aparentemente jamais vista na história da humanidade. Ela tem relação com todos os aspectos de nossa existência, de nossas relações sociais e internacionais, de nossos meios de existência, de nossa qualidade de vida, de nosso ambiente, de nossa saúde, da educação de nossos filhos. Ela é, ao mesmo tempo, material, psicológica e espiritual.

Uma parte da população do globo morre de tanto comer, a outra parte morre de fome. A superpopulação e as tecnologias industriais participam de uma irreversível degradação do meio ambiente. Essas indústrias lançam anualmente no mercado mundial mais de um milhão de novos produtos químicos que poluem a terra, o ar, a água e nossa saúde, evidentemente.

Graves patologias sociais se multiplicaram nestes últimos anos de maneira galopante: violência incontrolável, crimes, suicídios, particularmente entre os jovens. Nossa saúde não vai muito melhor e as patologias médicas estão em plena expansão.

A economia mundial não é muito mais brilhante, o desemprego tornou-se o mal do século, a inflação galopa e as riquezas são injustamente divididas, a pauperização ganha terreno. Além do mais, os especialistas desses flagelos se mostram impotentes para dominá-los e até mesmo compreendê-los.

Os economistas não são mais capazes de gerenciar as catástrofes econômicas, os médicos estão desamparados diante de novas doenças emergentes, os psiquiatras não compreendem mais as ações

violentas de certos indivíduos aparentemente "normais", a polícia é incapaz de prevenir os crimes, as transgressões e toda espécie de terrorismo.

Além do mais, no plano humano, não estamos vivendo um retorno à barbárie? Outrora, quando ainda não era "civilizado", o homem matava para se alimentar ou sobreviver; hoje, ele mata, sem qualquer motivo, apesar de sua "evolução", para relançar a economia, conquistar mercados, impor suas ideias ou sua religião, ou até mesmo, às vezes, por simples prazer. Percebam, a esse respeito, a tauomaquia ou as caças ao longo das quais se massacram animais criados em gaiolas e jogados na natureza às vésperas de sua soltura, pois a caça selvagem tornou-se rara demais em certas regiões. Os homens "primitivos" sabiam poupar a caça em certas épocas e em certas regiões, a fim de preservá-la.

"O homem engrandeceria se fosse menos violento. Ele poderia enfim sair da pré-história", dizia Théodore Monod.

Essa degradação de nossa qualidade de vida vem, em grande parte, de nossa visão fragmentada do mundo e da visão de curto alcance da humanidade atual.

Cortados de nossas raízes, banhando na poluição química e eletromagnética, interconectados com uma inextricável rede de informações e de vigilância, estamos ameaçados de apocalipse. Nossa civilização prometeica é tanto capaz de se autodestruir quanto de criar, graças ao gênio genético,* que de genial só tem o nome, ao passo que antigamente esse poder de criação e de destruição era reservado às forças supremas que alguns chamam de Deus e que, de todo modo, nos ultrapassam.

Para sobreviver em nosso mundo hostil, o homem deve se impor pela força e pelo dinheiro. Ele deve permanecer sempre o melhor: sempre jovem, sempre belo, sempre rico. Seu "sucesso" social e seus desejos, sempre mais ambiciosos e cada vez mais insaciáveis, nunca lhe dão tempo para ouvir a si mesmo. De fato, ele evita qualquer reflexão sobre as verdades fundamentais e as verdadeiras questões

existenciais. As atuais condições de vida fizeram com que os homens, especialmente aqueles que moram nas grandes cidades, mergulhassem em um estado de deterioração psicológica alarmante. Basta, para julgar, conhecer a quantidade de antidepressivos absorvidos pela população de nossos países ricos. Essa situação aberrante ilustra nossa decadência e o fracasso de nossa sociedade.

Hoje em dia, consumimos tranquilizantes diante de uma contrariedade qualquer, porque não suportamos mais nosso parceiro ou não desejamos mais ser diariamente confrontados com um trabalho enfadonho ou não suportamos mais a nós mesmos sem ousar confessá-lo. E preciso ressaltar que a França detém o triste recorde

*N.T.: Engenharia genética

mundial do consumo dessas drogas e se mantém sem esforço no topo dessa lista.

Diante dessa conjuntura, deveríamos desenvolver todas as nossas defesas naturais inibidas por nossa medíocre qualidade de vida, a fim de recobrar a saúde moral e física e, sobretudo, nossa verdadeira personalidade.

Em sua época, Anatole France ressaltara que "a coragem mais rara é a coragem de pensar". A situação, desde então, piorou, pois não somente não pensamos por nós mesmos, mas a "sociedade" pensa por nós e ninguém lamenta isso, preferindo essa solução fácil. No entanto, cada um pode tranquilamente constatar a extensão dos estragos e a falência de nossa civilização.

Jacqueline Bousquet, doutora em ciências, pesquisadora honorária no CNRS [Centro Nacional de Pesquisa Científica (França)], denuncia essa cegueira: "Quem de nós sabe que o cérebro primitivo, o hipotálamo, responsável por nossa vida vegetativa, não é capaz de discriminação e acredita cegamente no que lhe dizem os órgãos dos sentidos por intermédio do mental consciente? Isso prova que aquilo em que acreditamos profundamente se imprime em nosso corpo, muitas vezes à nossa revelia, e como não pensamos por nós

mesmos, permitimos muitas vezes aos outros que pensem por nós. E se mudássemos isso?".

Para pensar "corretamente" hoje em dia, é preciso pensar como os outros, mesmo que estes não sejam exatamente modelos do gênero e que seu pensamento seja pasteurizado e estandardizado. Entrar no "molde", identificar-se com as "normas", é o objetivo, confesso ou não, da maior parte da humanidade.

Há muito tempo, Sêneca constatava: "É um erro viver de acordo com o mundo do outro e fazer uma coisa somente porque outros a fazem". E certamente um erro, mas ele se perpetua e acaba por se tornar verdade aos olhos de alguns.

Desde essa época, a situação degradou-se muito, e atualmente se torna imperativo reagir contra essa "mediocracia" sobre a qual Arthur Koestler falava tão apropriadamente, tentar quebrar as correntes que o poder e a sociedade nos impuseram e rejeitar todos os sistemas que diminuem a individualidade. Para isso, devemos aceitar o sacrifício de nosso modo de vida leniente que, assim como o álcool ou os calmantes, é uma droga.

O homem é o produto de seu meio, da educação que recebeu, dos hábitos e dos pensamentos da sociedade da qual faz parte. Ele obedece cegamente às leis que o poder lhe impõe, às normas de uma moral instituída pela sociedade. Hoje em dia, ele conseguiu sufocar até mesmo suas veleidades, alinhar seus gostos, literários, picturais ou musicais, aos modelos que lhes são propostos, temendo muitas vezes confessar seu verdadeiro pensamento com o risco de parecer original, portanto, "anormal".

Paradoxalmente, isolado em uma multidão incessantemente mais densa e mais anônima, o homem se encontra totalmente condicionado por nossa sociedade de consumo e pelo canto de suas sereias. Seus raros momentos de lazer são monopolizados pela televisão, por rádios ou pelos jornais que manipulam a informação ou o cortam do mundo real. E por essa razão que cada um, ocupado demais consigo mesmo, não tem mais tempo de cuidar do outro,

esquecendo muitas vezes que não somos indivíduos isolados, mas uma parte da espécie humana, que por sua vez é uma parte do cosmos.

Nossos valores atuais são puramente individualistas, e o objetivo daqueles que querem se distinguir da massa limita-se a serem reconhecidos, notados, sem tentar, para isso, ser extraordinários. Em nosso mundo de competição, nosso "Eu" esquece os verdadeiros valores, a verdadeira felicidade, o verdadeiro amor, e despreza os pontos de referências morais ou religiosos que motivavam nossos ancestrais e davam um sentido à sua existência. Sozinhos, alguns raros indivíduos dotados de uma forte personalidade ousam se destacar dessa lamentável conformidade.

Já estaria na hora de mudar essa maneira de agir. Mesmo tirando o maior proveito das descobertas reais e vantajosas da ciência, deveríamos tentar observá-las em seu contexto ético, filosófico e psicológico, pois nossas necessidades espirituais são tão exigentes quanto as de nosso corpo. Recusemos sacrificar nossa dignidade humana ao interesse econômico, nossa liberdade de pensar à armadilha do ganho e do poder, e nossa vida cotidiana ao "o que vão dizer".

A esse respeito, em sua obra *Discurso sobre a dignidade humana*, Picco della Mirándola, que consagrou sua curta, porém rica, vida pregando a concórdia por meio do respeito ao outro, dizia: "Nascermos capazes de nos tornarmos o que quisermos". Esse espírito superior, nascido durante o Renascimento sob uma Grande Constelação, faz parte desses seres vindos ao mundo para servir de guia à humanidade. Podemos com certeza considerá-lo como precursor das *índigo* que professam essa superioridade do espírito sobre a matéria.

No século XVI, a ciência tinha experimentado, com razão, a necessidade de se tornar autônoma em relação à religião para progredir sem obstrução e em toda liberdade de ideias, sem imperativo religioso e dogmático, mas seu desenvolvimento foi tal que o problema inverso se coloca atualmente. Sendo, pouco a

pouco, substituída pela religião e pela filosofia, a ciência domina e dirige a evolução de nossa sociedade materialista.

Outrora, a ciência inventava as técnicas para verificar seus postulados, ao passo que hoje ela se tornou um poder manipulador e essencialmente técnico que estagna no nível da mais baixa realidade, desprezando tudo o que a supera, tudo o que não pode explicar materialmente. Esse poder aterrorizante se erige como referência, como mestre absoluto, decidindo o que é possível e o que não é e fechando os olhos para verdadeiras aberrações, com o objetivo de não questionar todo o seu modo de pensar e todos os seus dogmas.

Por isso, devemos nos alegrar quando constatamos que as *índigo* ousam desafiar esses dogmas, essas ideias divulgadas de geração em geração sem nenhum questionamento; que elas tenham bastante personalidade para pensar por si mesmas sem influência externa, e que sua ambição maior seja a de "salvar o Planeta" que está agonizando.



A sobrevivência da Terra

"Sob a roda, que sem fim persegue sua ronda, Duas espécies de pessoas vivem sem tormento: Aquelas que sabem os segredos do mundo, E aquelas que os ignoram totalmente."

Omar Khayyan

Muitas profecias vindas de tradições diferentes estão de acordo para anunciar, em um futuro muito próximo, o fim de nossos valores, a queda das religiões, bem como abalos que afetariam nossas percepções atuais, nossas maneiras de ver, de pensar e de reagir.

Joachim de Flore, monge cisterciense do século XII, anunciava para nossa época "a entrada no tempo do Espírito". Por sua vez, Edgar Cayce advertia que iríamos sofrer grandes mudanças no começo deste século. Quanto a João XXIII, citando as profecias de Malaquias, ele predizia que a cristandade desapareceria em 2033.

Os índios Hopis pressagiavam o aparecimento de uma nova humanidade em que o homem se reuniria às forças do Universo, como prevêem há muito tempo os inuites do Alasca, os maoris da Nova Zelândia, os dogons da África, os kahunas das ilhas Havaí, os maias do México e da Guatemala e outros ameríndios. Segundo suas exegeses, o calendário maia deixava claro que iremos além das tecnologias, e então voltaremos aos ciclos naturais da Natureza e do Universo por volta do ano 2012.*

Quanto aos kogui da Colômbia, eles são muito precisos e afirmam que "o último ciclo" começou em 19 de fevereiro de 2000 e terminará em 18 ou 19 de fevereiro de 2013.

Não queremos esmiuçar aqui as várias profecias mais ou menos conhecidas cuja lista jamais será completa, mas ninguém pode negar que estamos em um impasse do qual devemos sair se desejamos sobreviver. O homem não tem mais muito tempo para escolher entre sua destruição e sua evolução, mudar sua maneira de viver e de pensar, parar de obedecer cegamente às leis que o poder lhe impõe, despertar e sair do embrutecimento no qual a mídia e a publicidade o mantêm. É urgente redefinir os limites dos poderes

*N.E.: Sugerimos a leitura de 2012 -A Era de Ouro, de C. Torrer e S. Zanquim, e O Código Maia, de Barbara Hand Clow, ambos da Madras Editora.

de uma certa ciência em todas as suas aplicações que ameaçam tanto o meio ambiente quanto a sobrevivência do homem e do planeta.

Desde setembro de 1989, durante o congresso de Vancouver, cientistas já tinham manifestado sua inquietação: "A sobrevivência do planeta tornou-se uma preocupação maior e imediata. A situação atual exige que medidas urgentes sejam tomadas em todos os setores - científico, cultural, econômico e político - e que a humanidade como um todo seja sensibilizada. É preciso que façamos causa comum com todos os povos da Terra contra um inimigo comum, isto é, contra tudo o que ameaça o equilíbrio de nosso meio ambiente ou reduz o patrimônio que deixaremos às gerações futuras".

Claro, não é preciso esperar que nossos dirigentes velem pela sobrevivência da Terra e por aqueles que a povoam, homens e animais. Atualmente, chegamos a uma etapa crucial e, se não prestarmos atenção, as manipulações de toda espécie, genéticas, políticas ou psicológicas, podem ter consequências temíveis, mas não temidas o bastante.

Podemos apenas contar com as forças do espírito para combater o obscurantismo atual sobre esses assuntos, e tudo o que representa a mínima esperança a esse respeito não pode ser negligenciado se desejamos poupar as próximas gerações dos sofrimentos inúteis, gerados por nossa atitude covarde em relação à mentira institucional.

Ao longo do século XX, a ciência realizou enormes progressos técnicos que nos permitem gozar de um conforto inimaginável antes, mas também nos ofereceu meios e uma potência de destruição também inconcebíveis que ela dificilmente consegue controlar, e a humanidade pode atualmente exterminar a si mesma.

Em nossa época, quando essa ciência reina como senhora todopoderosa e gerencia nossas existências, pedimos aos "decidi-dores da ciência", que na maior parte do tempo são apenas técnicos, que definam o bem e o mal, a vida e a morte, de se substituir à religião e à filosofia.

Ora, se é verdade que nossa sociedade está longe de ser bem informada, nem os próprios cientistas o são de maneira sistemática. Primeiro, porque muitas vezes eles ignoram o que está além de seu estrito campo de investigação; depois, porque, nem sempre, mesmo neste campo, eles têm uma visão global da realidade. Quanto mais a ciência progride e se especializa, mais os pesquisadores tendem a trabalhar exclusivamente em seu campo de pesquisa, o que entrava o avanço da ciência em geral.

Uma grande parte de nossos cientistas não é mais capaz de ter um julgamento global, de considerar todos os parâmetros, pois a maior parte lhes escapa. Como observa Roland Conte, um dos autores da *Théorie des hautes dilutions* [Teoria das altas diluições], em relação à alopatia que "olha o doente através de uma peneira e constata que o indivíduo é uma sucessão de imagens que correspondem aos furos, sem ver as relações que existem entre elas", nossa ciência funciona da mesma maneira. Quando se tornam hiperespecializados, os cientistas não são mais capazes de controlar ou até mesmo de conhecer o conjunto do saber em seu campo de atividade. Aliás, eles também são escravos desse poder técnico, burocrático e cego que pode decidir sobre a vida ou a morte da pesquisa de um assunto muito preciso.

As barreiras não existem apenas entre cada disciplina, mas também no interior de cada uma. Como um dia nos relatou um amigo biólogo: "Não apenas nem sempre estou a par dos novos dados da física, como, muitas vezes, não sei nem o que se passa no laboratório de biologia vizinho ao meu". Assim, nossa ciência atual torna-se cada vez mais reducionista e a inteligência que dirige o sistema é incapaz de integrar novos dados quando estes superam sua compreensão e suas estruturas.

Quanto mais os fundos públicos privilegiam as pesquisas que não perturbam excessivamente o consenso científico, mais a situação é emperrada, enquanto a característica da ciência deveria ser o de poder questionar incessantemente as ideias recebidas.

Além do mais, nossa ciência atual está a serviço dos governos, dos financistas e dos industriais; essa dependência falseia a noção de objetividade e de humanismo que deveria acompanhar todas as pesquisas, para ceder lugar à política, ao lucro da Bolsa. E esse lucro que transforma o ser humano em uma mercadoria que se pode comprar ou jogar de acordo com as necessidades explica por que as divergências entre a ciência e a ética não param de crescer.

Quanto a alguns cientistas, eles têm a ambição de amenizar as "imperfeições" do mundo tal como ele é. Não reconhecendo mais os limites, eles decidiram tomar o lugar de Deus.

Le Monde diplomatique, de agosto de 1996, publicou um artigo de Denis Duelos, sociólogo e diretor de pesquisa no CNRS,* sob o título: "A Autofagia, grande ameaça do fim do século". Esse pesquisador explicava que a característica principal de nosso sistema é a de realmente "comer a si mesmo", já que incita cada vez mais as sociedades a se entrededorar. As empresas se absorvem umas as outras, os mercados se abocanham entre si e os sindicatos estão reduzidos a pedir o compartilhamento do emprego. Por sua vez, os cidadãos sofrem, sob a forma de poluição generalizada e de trágicas pandemias, as consequências dessa reciclagem enlouquecida, última fase da velha lei do lucro.

Atualmente, sob o império dos *lobbies* industriais, os dirigentes políticos e científicos não se preocupam minimamente com as consequências, a médio ou a longo prazo, com suas decisões, e os desafios econômicos atuais os levam a sacrificar o homem no altar do lucro. No entanto, apesar da emergência de múltiplos escândalos, a maior parte dos cidadãos permanece inconsciente de sua importância e tende a esquecê-los assim que um novo centro de interesse aparece no horizonte. Aliás, também se recusam a admitir que eles são o alvo de uma luta na qual os escândalos da vaca louca

*N.T.: CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), Centro Nacional de Pesquisa Científica.

ou do sangue contaminado** são apenas ninharias. Quantas vezes nos trataram como "anarquistas", sob o pretexto de que denunciávamos verdades incontestáveis, mas ocultadas pela mídia!

Resumindo a situação, a ambição de explorar o mundo e algumas riquezas que ainda restam faz com que corramos sérios riscos, pois a vida acaba sendo reduzida apenas a seus aspectos materiais e mensuráveis. As aquisições tecnológicas dessa ciência tão peremptória criam incessantemente novas necessidades, de acordo com uma espiral industrial que os pesquisadores não dominam e que conduz os consumidores muito além de suas necessidades e, sobretudo, de suas possibilidades.

Assim como dizia Homero: "Aos deuses, como aos homens, algumas fronteiras foram estabelecidas, que limitam normal e sistematicamente seu poder". Sempre é possível ultrapassar esses limites, mas com o risco de logo provocar reações em cadeia.

Segundo os raros responsáveis - mas não culpados - que um dia serão julgados, todos os escândalos atuais decorreriam da fatalidade. Desde a última guerra mundial, estamos confrontados a esse "responsável, mas não culpado" que foi apoderado pelos poderes científicos e políticos. A maior parte dos próprios carrascos nazistas declarou que obedeceu às ordens que jamais foram discutidas, nem consideradas em seu horror. "Eles não sabiam", a grande maioria afirmava, ao passo que a ignorância não deveria mais ser evocada quando subimos na escala das responsabilidades.

Todavia, nossa sociedade dita "liberal" é de tal forma constituída que, quanto mais subimos na hierarquia, mais somos responsáveis e

** N.T.: O caso do sangue contaminado transformou-se em "escândalo" quando no mês de abril de 1991 foi publicada uma reportagem provando que o Centro Nacional de Transfusão de Sangue (CNTS) distribuiu deliberadamente, de 1984 a 1985, alguns produtos sanguíneos contaminados com o vírus da Aids aos portadores de hemofilia. Após abertura de uma investigação, os juízes desconsideraram os resultados e não aceitaram a abertura de um processo contra os implicados.

menos somos passíveis de sermos julgados; todos os últimos escândalos nos comprovam isso. É por essa razão que tomamos conhecimento sem esboçarmos uma reação da não aceitação escandalosa da denúncia feita contra os peritos responsáveis no caso do sangue contaminado. Abandonadas, as vítimas ficaram horrorizadas. Mas que peso tem alguns milhares de seres humanos na balança econômica de um país?

Como dizia tão bem Martin Luther King: "Não se esqueçam jamais de que tudo o que fez Hitler na Alemanha era perfeitamente legal". Na França, todos os culpados são desculpados, pois permanecem no âmbito da legalidade. No entanto, aqueles que ocupam cargos particularmente lucrativos por causa de suas responsabilidades são forçosamente culpados, ou porque não possuem a qualificação exigida, ou porque não são capazes de se cercar de peritos científicos competentes e íntegros.

Michel Random, escritor e filósofo, declara que "existem hoje duas ciências que felizmente não têm mais nada em comum, uma ciência reducionista e sem consciência e uma ciência holística e visionária que associa o real à consciência. Essa segunda ciência é provavelmente aquela que pode dar um novo sentido ao nosso presente e ao nosso futuro. Claro, ela sabe da presença do gás na câmara, mas abre a janela enquanto ainda há tempo".

Jacqueline Bousquet, já citada, escreveu uma carta aberta aos "decididores" que condicionam nossa vida e aos seus conselheiros científicos:

"Vocês nos conduziram a um impasse em todos os campos, e o público, quase em sua totalidade, se dá conta de que, por uma espécie de *feedback*, ou de choque atrasado se vocês preferirem, nos cabem as consequências de suas decisões, ou melhor, de suas indecisões e de sua ausência de moral. É preciso urgentemente dar ao humano uma dimensão espiritual, senão sua tecnicidade galopante o destruirá, pois ele não é digno de possuí-la.

Somente os cegos voluntários recusariam ver que não sairemos da crise sem fazer uma dolorosa revisão de nossos comportamentos egoístas e desumanos. Vocês que nos governam, não pensem que sairão dessa situação criando medidas e dizendo que não estarão mais aqui quando o insuportável estiver aqui. Eleja está aqui! Tomem as decisões que se impõem e, principalmente, mudem seus conselheiros, eles são mais responsáveis do que vocês pelo que está acontecendo. Assim vocês trabalharão para a salvação pública e poderão talvez parar essa máquina que, tendo se tornado louca, anuncia o fim de um sistema".

Podemos apenas aprovar essas afirmações, pois, em vez de focar nos direitos e nas exigências de cada um, devemos urgentemente tomar consciência do papel que nos cabe representar no seio de um grande Todo que representa a evolução do planeta e de toda a humanidade, evolução que dá um sentido real à nossa existência.

Infelizmente, sob o pretexto de proteger o indivíduo em nome da sociedade que deve pagar por ele, o Estado substitui o cidadão para tomar decisões que este último nem sempre aprova, mas que nunca discute. No entanto, não devemos perder de vista que a obsessão de nossos dirigentes é converter a liberdade de cada um em dados econômicos, o que os leva a fazer o jogo dos *lobbies* e a infelicidade da Terra.

A questão de nossa sobrevivência se coloca imperativamente, pois somos as células de um corpo planetário ameaçado de extinção.

Flávio dizia aos 4 anos: "Cada mundo é uma parte de Deus. Mas Deus está também no espaço. Deus é tudo, tudo o que existe; tudo o que se toca e não se toca, tudo o que se vê e não se vê. Deus não morre nunca, mas para estar vivo é preciso ser uma parte vinda de Deus. Parece que sou uma parte saída do coração de Deus. O coração é só uma maneira de falar, porque Deus não tem corpo".



Somos aprendizes de feiticeiro

*"Ali onde o dinheiro é a medida de todos os valores,
será impossível conduzir uma política de justiça e de
bem-estar."*

Thomas More

(Grande Chanceler da Inglaterra sob Henrique
VIII)

Não são tanto os crimes da ciência que é preciso temer, pois todo cientista consciencioso se coloca constantemente algumas questões de ética, mas sim os crimes do poder sob o manto da ciência, pois a alta tecnologia que preside nosso destino é um instrumento que torna legal a pilhagem de nosso planeta.

Muitas publicações denunciam essas destruições, mas quando são tomadas separadamente não assustam ninguém. Portanto, é importante fazer um levantamento geral da situação para reconhecer quanto a situação se agravou nas últimas décadas e quanto ela é exponencial.

O "gênio" genético

Atualmente, os biólogos, que nem mesmo conseguem concordar sobre o começo e o fim da vida, esforçam-se, no entanto, para modificar o genoma humano, abrindo assim as portas aos delírios mais loucos, o que pode causar terríveis catástrofes. Qual será o resultado sobre a humanidade dos enxertos de genes que se generalizam, tanto em plantas quanto em animais, sem falar dos heteroenxertos em humanos?

Quanto à nossa espécie, quando a terapia genética for efetuada em grande escala, não apenas o patrimônio genético do indivíduo, mas também o de seus descendentes poderá ser modificado, "aperfeiçoando", assim, a raça, e alguns pesquisadores, americanos e japoneses, estão se dedicando a patentear os genes que descobrem.

Essa possibilidade de eugenismo corre o risco de desembocar em perspectivas, aterrorizantes. Estamos próximos das experiências de alguns nazistas, como o famoso dr. Mengele. No momento, essas práticas são proibidas pela convenção europeia, mas, por meio de algumas publicações, percebe-se em alguns cientistas uma inquietante vontade de aperfeiçoar a espécie humana. Ao querer substituir Deus, o homem não conhece mais seus limites e acaba provocando muitas formas de abusos.

Mas nossos dirigentes são cúmplices, uma vez que em 1999 o ministro responsável pela pesquisa científica encorajou os trabalhos de sequenciamento dos genes, e o ministro da Economia e das Finanças propôs uma substancial ajuda fiscal à France-Biotech para promover essas "técnicas inovadoras". Mas a França é ainda - graças a Deus - neófito nessa competição internacional, ao passo que o governo inglês e, principalmente, o governo americano apostaram muito no gênio genético, tanto no que diz respeito aos cuidados médicos quanto ao agroalimentar.

A maior parte das manipulações de plantas pela engenharia genética visa torná-las resistentes aos insetos e aos herbicidas. Mas é preciso saber que a introdução de um gene de espécie estranha em uma planta modifica o seu equilíbrio interno e ela pode, então, secretar novas substâncias tóxicas ou alérgenos, capazes de provocar doenças ainda desconhecidas. Desse modo, a firma Monsanto, líder mundial da agroquímica, envia para a Europa milhares de toneladas de uma soja capaz de resistir aos herbicidas mais corrosivos. Misturada à soja normal, sem qualquer declaração formal, esse produto industrial entra na composição de inúmeros alimentos sob forma de lecitina. A empresa Monsanto, que

infelizmente começou a se dedicar à área agroalimentar, é perita no campo da destruição em massa, pois foi ela que colocou no mercado o famoso Agente Laranja, arma terrível utilizada durante a guerra do Vietnã.

A esse respeito, recentíssimos estudos demonstram que atualmente essa dioxina é encontrada em quantidade perigosa nos alimentos dos vietnamitas, ainda que seu uso tenha sido proscrito há mais de 30 anos. Mais de um milhão de pessoas foram expostas a esse agente tóxico, mas os Estados Unidos ainda "não concluíram os estudos sobre os efeitos secundários". Existem evidentemente poucas chances para que esses trabalhos sejam publicados um dia.

O comércio das plantas transgênicas está em expansão em quase todos os lugares no mundo. Na China, cultivam-se cereais, legumes e tabacos resistentes a certos vírus em imensas áreas e sem qualquer controle. Mas a grande estrela permanece o colza, que, sozinho, representa um terço das experiências com plantas transgênicas no mundo. Na Europa, seu consumo permanece proibido, mas, desde 15 de fevereiro de 1996, pode-se cultivá-lo legalmente, autorização que dissimula evidentemente um desejo de comercialização.

Esse tipo de colza corre o risco de cruzar com plantas selvagens da mesma família e acabar produzindo híbridos, portadores do gene de resistência a alguns herbicidas. Após inúmeros cruzamentos entre plantas manipuladas, o surgimento de instabilidades do genoma poderia ser muito bem observado e, desse modo, de transformações de proteínas sintetizadas. A engenharia genética age no DNA deixando um amplo espaço ao acaso, assim é absolutamente normal que ele produza reações em cadeia muitas vezes imprevisíveis.

Os geneticistas permanecem incapazes de prever os riscos engendrados por essas manipulações, mas inúmeros são aqueles que declaram que, de todo modo, se um perigo surgir no horizonte, "sempre dará tempo de retirar o produto do comércio". Ora, por causa da complexidade do código genético, já é impossível prever

os efeitos da introdução de um novo gene em um organismo simples como uma bactéria, mas o problema se complica em um organismo mais complexo. Os efeitos tóxicos serão transmitidos a todas as gerações futuras da espécie, o que é infinitamente mais grave do que uma simples contaminação química, pois ninguém consegue acabar com isso.

As culturas transgênicas podem engendrar uma proliferação de plantas mutantes sem que se possam prever as consequências que isso poderia acarretar sobre o meio ambiente. Seja como for, sabemos muito bem que essas mutações ameaçam a polinização necessária à agricultura. Além do mais, a multiplicação das plantas autopesticidas poderia causar o surgimento de insetos mutantes mais resistentes a todos os pesticidas, e sua disseminação se tornaria um perigo para os ecossistemas.

Um relatório da FAO (Organização Mundial da Alimentação e da Agricultura) assinala que recursos preciosos desaparecem rapidamente por causa da manipulação genética dos vegetais. Para nos tranquilizar, alguns ousam adiantar que as misturas de plantas são feitas há muito tempo, mas as hibridações eram feitas dentro do limite das espécies. Agora, a biologia molecular, extremamente mecanicista, re-ducionista e materialista, considera que "os DNAs são jogos de mecânica", como denunciou o professor Jean-Marie Pelt.

Claro, os efeitos desses desvios apenas serão visíveis, como sempre, apenas daqui a alguns anos. Somos, portanto, cobaias para uma experiência efetuada em escala planetária e sobre a qual ninguém, nem mesmo os cientistas mais competentes, pode prever os efeitos a longo prazo.

Tudo isso é realizado sob a fachada de uma necessidade absoluta de alimentar a humanidade daqui a alguns anos, mas, pelo contrário, ao substituir dessa maneira as espécies tradicionais, esses métodos acarretarão uma maior dependência dos países ainda subdesenvolvidos em relação aos países industrializados. As

grandes sociedades de biotecnologia que produziram essas novas plantas terão, então, a garantia de controlar completamente os mercados mundiais. Dessa maneira, a situação será ainda pior do que esta que se pretende melhorar e milhões de homens morrerão de fome.

Mais uma vez, podemos constatar que nos contam qualquer coisa sob o disfarce humanitário e que a única verdade é que todas essas manipulações beneficiarão essencialmente alguns *lobbies* industriais que sonham em se tornar os senhores do mundo! Infelizmente, eles estão no caminho certo, uma vez que, depois de alguns anos, na agricultura intensiva que utiliza grãos híbridos, o fruto de uma semente nem sempre está apto a se reproduzir no ano seguinte.

Porém, o pior perigo é a invasão de nosso meio ambiente natural por esses vegetais transgênicos e, o que também não é reconfortante, a degradação da biocenose natural que provocará consequências imprevisíveis. Seria possível então o surgimento na natureza de seres monstruosos, principalmente animais ou insetos particularmente agressivos.

No momento, ainda não é permitido introduzir animais geneticamente manipulados em nossa cadeia alimentar, mas as experiências se multiplicam para "aperfeiçoar" as criações e, mais uma vez, corremos o risco de ver o transgênico se espalhar na natureza sem que possamos frear essa difusão. O mesmo acontece com os peixes transgênicos que correm o risco de proliferar nos mares em detrimento das populações selvagens, uma vez que se multiplicam mais rapidamente do que os outros e são mais resistentes a algumas doenças.

Atualmente, "pesquisadores" aperfeiçoaram uma nova técnica que permite introduzir nas plantas e nos animais genes cancerígenos para o homem. Esse método que se chama hipermutabilidade permite acelerar mutações que normalmente levariam milênios para aparecer. Alguns cientistas que, no entanto, trabalham nesse campo estão assustados com os riscos que isso pode ocasionar à

humanidade. Com efeito, o que aconteceria se um gene perigoso escapasse e contaminasse a cadeia alimentar? A empresa americana Morphotek, que aperfeiçoou essa técnica, preocupa-se pouco com os cânceres que não deixarão de se multiplicar nos humanos.

Os vírus ou as bactérias utilizados como vetores para a transgênese são teoricamente "desarmados", o que significa que seu potencial patogênico foi neutralizado. Ainda que os biólogos moleculares afirmem que estes têm apenas poucas chances de ser reativados, não se pode excluir que uma recombinação entre o vetor e um vírus selvagem possa ser produzido e engendrar um vírus patogênico. Com efeito, uma vez que esses vetores são utilizados para transferir genes entre espécies, eles podem muito bem atravessar a barreira das espécies e, as possibilidades de recombinações sendo infinitas, seus perigos são consideráveis. Não devemos nunca perder de vista que os "peritos mais competentes" nos repetiram com todas as letras e durante anos que o ESB* "jamais" atravessaria a barreira da espécie! E, no entanto!

A emergência de novas doenças em virtude dos vírus cuja origem é desconhecida deveria ser um convite à maior prudência nesse campo, pois os genes, recombinados e transferidos, podem infectar todos os organismos.

Além do mais, organizações extremistas ou grupos armados -que tendem a se multiplicar - poderiam atacar as instalações especializadas em engenharia genética para conseguir a matéria-prima para a construção de armas biológicas.

"As plantas foram criadas por Deus e o homem não tem o direito de mudá-las, senão, então, ele próprio mudaria", afirma Nicolas, de 11 anos, que mais tarde deseja "ser um 'verdadeiro' agricultor que respeitará a natureza e o ritmo das estações".

*N.T.: Doença da vaca louca, na sigla em francês.

A doença substituiu a saúde

Em relação à saúde, a situação não é muito melhor. "Estamos no início de uma epidemia de epidemias", declarou Anne Platt, a autora de um relatório muito pessimista do World Watch Institute que assinala que não apenas as doenças infecciosas não desapareceram, como se previa há mais de 30 anos, mas que a mortalidade e a morbidez por causa dessas doenças aumentaram consideravelmente. E não são apenas os países do Terceiro Mundo que são atingidos, ainda que figurem em primeiro lugar.

"Os homens fazem tudo o que é necessário para ficarem doentes e assim permanecer: comem mal, comportam-se mal e pensam mal", constata Emilie, de 15 anos. Desde a mais tenra idade, ela recusa os terapêuticos químicos e acha que sabe se curar por si mesma. Seus pais não a influenciaram de forma alguma nesse comportamento, foi também ela que os dissuadiu de se cuidar pela medicina clássica. "Vocês sabem bem que, quanto mais medicamentos vocês tomam, mais ficam doentes", diz ela com frequência.

O vírus ebola, desconhecido há 20 anos, desencadeou no Zaire, em 1995, uma epidemia de febre hemorrágica, mortal em cerca de 80% dos casos. O hospede natural do vírus ainda permanece um mistério.

Infecções pelo hantavírus, às vezes na origem de uma síndrome pulmonar fatal em mais de 50% dos casos, foram detectadas em mais de 20 estados americanos, bem como no Canadá, na Argentina, no Brasil e no Paraguai.

Uma nova síndrome surgiu no inverno passado, o SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome), que seria uma nova forma de coronavírus, que permitiu principalmente que qualquer um dissesse qualquer coisa sobre essa nova infecção, para chegar à suposição de que ela teria sido transmitida por animais ao ultrapassar, mais uma vez, a barreira de espécie.

Novos organismos como *Cryptosporidium* ou novas cepas de bactérias como *Escherichia coli* provocam epidemias de doenças transmissíveis pelos alimentos e pela água, tanto nos países industrializados quanto nos países em via de desenvolvimento.

As doenças venéreas também estão aumentando, bem como o paludismo, ainda que em 1950 sua erradicação estava no caminho certo. Quarenta por cento da população mundial está afetada e um milhão de crianças africanas morrem todo ano. Não apenas o anófele resistiu ao DDT, mas novos casos de paludismo aparecem em importantes áreas de distribuição de pesticida. Por outro lado, essas distribuições destruíram insetos indispensáveis ao equilíbrio ecológico.

O objetivo que a Organização Mundial da Saúde (OMS) firmou em 1978, de garantir "a saúde para todos de hoje até o ano 2000", é relegado ao nível das utopias, e Joshua Lederberg, Prêmio Nobel, da Universidade Rockefeller, de Nova York, inquieta-se com "a dramática progressão da resistência aos antibióticos".

"Estamos à beira de uma crise mundial em razão das doenças infecciosas. Nenhum país está realmente a salvo, ninguém pode ignorar a ameaça", declarava o dr. Hiroshi Nakajima, diretor geral da OMS em Genebra, por ocasião da abertura da 49ª Assembleia Mundial da Saúde. Várias centenas de milhões de pessoas estariam ameaçadas no mundo, e as doenças infecciosas que surgirem no Terceiro Mundo podem se espalhar pelo mundo inteiro.

Os retrovírus nos ameaçam tanto quanto as doenças infecciosas. Entre esses retrovírus infecciosos, o HIV tem um lugar preponderante e, no *Le Quotidien du médecin* de 22 de dezembro de 1998, o professor Luc Montagnier ressaltava que: "Os retrovírus aprenderam a se transmitir horizontalmente, de pessoa a pessoa, e a se inserir nos genes do organismo". Assim, na guerra sem trégua que mantemos contra os vírus ou os retrovírus, constatamos a cada dia que eles aprendem a se defender, a se adaptar, a se alterar e que resistem cada vez mais à nossa todo-poderosa ciência química.

O professor Petrov aciona outro alarme em relação ao crescimento do déficit de imunidade. Ou seja, as defesas naturais do organismo contra os ataques microbianos tendem a se enfraquecer. Esse déficit de imunidade se amplifica ainda mais que "as zonas perigosas tendem a se espalhar". Ele esclarece: "A humanidade tem a escolha entre duas possibilidades: promover a pesquisa imunológica fundamental para tentar vencer tão rapidamente quanto possível as imunodeficiências e as alergias, ou assistir passiva e impotente à proliferação dessas desordens em toda a população do globo". Entre as desordens, o professor Petrov enumera as agressões virais e bacterianas, as alergias, os cânceres, as doenças parasitárias e entéricas e, evidentemente, a Aids.

A esse respeito, as mais recentes publicações sugerem que 20 a 30% dos doentes infectados pelo HIV o são por vírus resistentes aos inibidores das proteases, e, com a suspensão da triterapia, a carga viral se eleva rapidamente com a retomada de uma multiplicação intensa do vírus HIV. Escondem de nós que a resistência aos tratamentos propostos se acentua de maneira inquietante, o que nos leva a temer um recrudescimento da epidemia.

O câncer

Em nossa época, o câncer é uma das maiores ameaças que paira sobre nossa saúde, e 270 mil pessoas são atingidas todo ano por essa doença. Ao longo de sua existência, um francês a cada dois e uma francesa a cada três serão confrontados com o câncer.

Repetem-nos que essa assustadora progressão se deveria principalmente ao aumento da duração de vida, pois antigamente se morria antes que o câncer aparecesse, mas é falso! Com efeito, em seu suplemento de dezembro de 1983, *Le Quotidien du médecin* publicou um estudo segundo o qual 35,7% da mortalidade total na França para o ano de 1981 se devia ao câncer para a faixa de idade entre 25 e 64 anos; para além dessa idade, essa taxa diminuía. Outro

estudo, que data de 1991 e publicado pelo CREDES,* demonstra que, para o conjunto dos cânceres, em 20 anos, a mortalidade progrediu 137% entre os jovens, enquanto aumentou apenas 65% entre as pessoas de idade. Essas publicações provam claramente que o assustador desenvolvimento dos cânceres não tem nada a ver com o aumento da população idosa e que, mais uma vez, nos contam qualquer coisa sob o disfarce da ciência.

Além do mais, foi igualmente constatado um aumento alarmante dos cânceres do cérebro entre os que têm menos de 15 anos, mas essa descoberta não mereceu a primeira página. A mídia também tem ocultado a progressão de 16% das leucemias entre os jovens de zero a 24 anos, bem como o aumento explosivo de alguns cânceres nos últimos 20 anos para essa mesma faixa de idade: 57% para os linfomas, 83% para o cérebro, 165% para as glândulas endócrinas, 536% para os tecidos moles e até mesmo 2.200% para o fígado e as vias biliares.

Na memória do homem, nunca o câncer ameaçou tanto nossa juventude. Por quê? Podemos nos perguntar se os poderes públicos às vezes incluem essa pergunta quando desejam trazer uma verdadeira resposta a essa questão.

Mas, como constatava o biólogo Jacques Benvéniste em um artigo publicado em 22 de maio de 1996 no *Le Monde*, apesar da conscientização de alguns de seus pares: "A maioria continua recitando com toda irresponsabilidade o triunfante credo cientista e renovando, de década em década, as promessas de amanhã mais promissores".

Alguns famosos cancerologistas franceses, que não se enclausuram nos laboratórios farmacêuticos, não hesitaram em exprimir sua dúvida quanto às curas obtidas pelas vias clássicas.

*N.T.: Centre de Recherche, d'Étude et de Documentation en Économie de la Santé (Centro de Pesquisa, de Estudo e de Documentação em Economia da Saúde).

Assim, em 4 de outubro de 1985, o professor G. Mathé declarava ao *L'Express*: "Se eu tivesse um tumor, não iria a um centro anticancerígeno". O professor Henri Joyeux, cancerologista em Montpellier, parece compartilhar essa opinião: "Oitenta e cinco das quimioterapias são contestáveis, às vezes, inúteis".

Quanto à cirurgia, o professor Lucien Israël declarou a esse res-peito: "A impotência da cirurgia para curar o câncer é ilustrada por um fato chocante: 20% dos operados morrem de uma recidiva local, 80% morrem de metástase a distância" (cf. *Le Cancer aujourd'hui*).

No entanto, os cancerologistas clássicos persistem em prescrever esses métodos renegados pelos mais célebres dentre eles e, quando os doentes morrem em consequência das terapias, eles morrem oficialmente "curados" de sua doença, e isso é o essencial.

Há anos, os internos de Villejuif tinham escrito na parede de sua sala de repouso que "o câncer faz as pessoas viverem mais do que as mata", e essa constatação continua atual.

Deveríamos esperar a salvação da indústria farmacêutica que todo ano fatura a bagatela de 200 bilhões de dólares graças a essa doença tão lucrativa? Suprimi-la significaria matar sua galinha dos ovos de ouro, e sua dedicação em combater aqueles que cuidam "de outra forma", isto é, graças a métodos não ortodoxos, naturais, e principalmente eficazes, confirma bem sua ambição.

Como se pode ainda confiar em tal máfia?

Pessoalmente, Samantha (de 14 anos) não confia de modo algum neles. "Aqueles que matam assim para ganhar dinheiro são realmente culpados. Eles deverão encarnar em condições terríveis para que seus crimes sejam perdoados. Mais tarde, lutarei contra eles ainda que seja pacifista, pois é necessário ajudar a humanidade e é para isso que estou na Terra."

Nossa esperança de vida

Falam-nos incessantemente do aumento de nossa esperança de vida que jamais teria sido tão alta quanto hoje. Mas isso é uma das maiores contraverdades deste século que depende de uma manipulação dos dados. A média é mais elevada graças à higiene e à melhoria das condições de vida de uma grande parte da população, e a mortalidade infantil, dos bebês e das crianças, diminuiu muito.

Um estudo do INSERM,* realizado em 1992, em colaboração com o *Haut Comité de Santé Publique*, e publicado em 1996, demonstra magistralmente que as taxas de mortalidade dos franceses nascidos depois de 1938 são sensivelmente superiores àsquelas dos países vizinhos como a Suécia, mas também do Reino Unido e até mesmo da Itália! Esses dados podem surpreender uma vez que, para as pessoas nascidas antes de 1938, eles eram o inverso, sendo a mortalidade amplamente inferior na França do que nesses países. Paradoxalmente, esse estudo, publicado de forma muito confidencial pelas *Éditions Le Monde*, não foi objeto de comentários da mídia, nem dos poderes públicos. Como estes últimos poderiam, com efeito, explicar essa inversão que desmente suas afirmações peremptórias?

Não somente não vivemos mais do que antigamente, mas estamos cada vez mais doentes e cada vez mais dependentes da indústria médico-farmacêutica. Antes, quando o ser humano atingia idades veneráveis, ele permanecia em plena posse de suas capacidades, tanto físicas quanto mentais, e sem a ajuda de drogas farmacêuticas! Alguns povos "não civilizados" têm uma perspectiva de vida muito superior à nossa, sem qualquer ajuda terapêutica. Assim, os hounzas, que moram nos contrafortes do Himalaia, ao norte do Pa

*N.T.: Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale (Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica).

quistão, vivem até 120 anos, aproximadamente, conservando a visão, a audição e seus dentes, bem como sua capacidade de esforço. E evidente que levam uma vida muito frugal, mas a higiene não é comum e, no entanto, eles se mostram muito resistentes às doenças, e o câncer é desconhecido entre eles.

O mesmo acontece entre os índios que povoam o "Vale dos centenários" na cordilheira dos Andes, perto da linha do Equador. Em 1994, segundo sua certidão de batismo, a pessoa mais velha tinha 117 anos, e no cemitério inúmeras tumbas atestam a longevidade desse povo.

Encontramos as mesmas provas de longevidade entre os abkhases do Cáucaso, os habitantes da ilha Okinawa no Japão e os sikhs da Índia do Norte. Entre os mórmons, encontramos igualmente inúmeros velhos em perfeito estado de saúde em uma idade muito avançada.

Quanto aos nossos próprios centenários atuais, que incessantemente são citados como exemplo, eles são, em geral, pessoas que evitaram ver médicos e tomar medicamentos, pessoas não vacinadas e não tratadas pela química. A população nascida desde a última guerra tem pouca chance de viver por tanto tempo, pois as taxas de mortalidade precoce por doença aumentam em um ritmo tão rápido quanto as despesas de saúde que financiam os gigantescos lucros da indústria farmacêutica.

"Eu não acho que estejamos progredindo, pelo contrário. E é por isso que chegamos em massa sobre a Terra, para tentar salvá-la com todos seus habitantes, em todo caso, aqueles que o quiserem", afirma sem hesitação Conrad, de 7 anos.

Aliás, basta tomar conhecimento das cifras assustadoras de aumento das alergias, da asma, do autismo, do diabetes, do câncer e das leucemias, para compreender a que ponto as defesas imunológicas de nossas crianças diminuíram.

Se as doenças e as infecções continuarem progredindo dessa maneira no homem, corremos o risco de um dia sermos queimados nas

fogueiras como nosso gado, a fim de não infectar aqueles que terão resistido à doença? Neste nosso mundo enlouquecido, isso poderia ser uma solução à supernatalidade, do mesmo modo como a epidemia da vaca louca chegou na hora certa para amenizar a superprodução de gado na comunidade europeia. Felizmente, cada vez mais pessoas se dão conta de que não são as vacas que estão loucas, mas os homens.

Os cidadãos estão agora conscientes de que a maior parte dos "dirigentes políticos" dirige poucas coisas, pois eles são reféns das empresas industriais que financiam suas campanhas publicitárias. Eles irão questionar suas relações com o dinheiro? As instituições científicas irão enfim se libertar de todas as tutelas para colocar em prática a ética que pretendem?

Isso seria surpreendente, ainda mais que a maior parte dos homens políticos e dos tecnocratas não raciocina a curto prazo e se recusa a levar em conta os efeitos perniciosos engendrados por suas decisões atuais, pois estes só aparecerão a longo prazo. Estaríamos tentados a acreditar que esses tecnocratas e aproveitadores não têm descendentes que correm o risco de pagar muito caro por essa inconsequência.

Quanto aos cartéis da indústria, porquanto as somas colossais que faturam em detrimento da saúde pública, é pouco provável que considerações de ética despertem um dia sua consciência.

A estocagem dos vírus

Em nossa época, perturbada pelo terrorismo, a mídia assusta as populações com os perigos de uma guerra bacteriológica que poderia provocar uma epidemia de varíola, vírus considerado como "o mais Perigoso de todos". É falso. Inúmeros vírus são bem mais agressivos e mais contagiosos do que o da varíola, como os vírus ebola, marburgo ou mesmo o bacilo do carbúnculo (antraz), estocados há mais de 30 anos em Fort Detrick, o famoso laboratório

P4 de pesquisas militares de Maryland, onde perigosos "cientistas" conduzem experiências de todo tipo para fabricar temíveis agentes patogênicos.

Por que a mídia "correta", tão disposta a nos "informar", nunca ou quase nunca diz que, nos anos 1980, a França e os Estados Unidos teriam, oficialmente, expedido para o Iraque cepas de carbúnculo, ou antraz, que os iraquianos introduziram nas bombas e nos mísseis? É verdade que, na época, o Iraque era seu melhor "amigo".

Há mais de 50 anos, o exército americano utiliza cobaias humanas para testar todas as espécies de substâncias e foi necessário o protesto de milhares de soldados vítimas do "nazismo" científico americano para que o Senado se ocupasse do caso. "As armas biológicas são tão poderosas que em condições favoráveis podem matar tantas pessoas quanto seus equivalentes nucleares", pode-se ler em um relatório do Office of Technology Assessment dos Estados Unidos.

Durante a Guerra do Golfo, 150 mil soldados foram vacinados contra o antraz sem saber disso e outros 8 mil receberam uma vacina experimental contra o botulismo, não autorizada pela FDA,* sem contar outras vacinas experimentais, entre as quais a cólera e a peste bubônica. Inúmeros deles têm desenvolvido patologias diversas reagrupadas sob o termo "síndrome do Golfo".

Os soldados tinham recebido a ordem de não divulgar essas vacinações, inclusive para seus médicos, sob a ameaça de corte marcial (cf. relatório da comissão do Senado americano para os veteranos, de dezembro de 1994).

O alerta foi dado a partir de 1991 pelos bancos de sangue americanos que recusavam o sangue de qualquer pessoa que tivesse permanecido no Golfo ao longo dos 15 meses anteriores. As vítimas

*N.T.: A Food and Drug Administration (FDA) é a instituição americana que administra os produtos alimentícios e os medicamentos.

ultrapassavam o número de 70 mil nos Estados Unidos e de 4 mil na Grã-Bretanha. Dois mil soldados morreram.

Entre os filhos desses soldados, 2 mil são gravemente anormais (sem braço, sem rins, sem olhos, sem glândula tireóide) ou têm deficiências graves (nanismo, atrofia de metade do corpo, hidrocefalia, trissonomia do 21), sem contar todos os que foram atingidos a ponto de suas vidas não serem mais viáveis. As parceiras desses soldados também desenvolveram diversas patologias. Aliás, essas vacinas induziram um desregramento, ou seja, uma destruição da função reprodutiva do ser humano com riscos cromossômicos irreversíveis.

Os soldados e seus médicos escreveram ao Ministério da Defesa dos Estados Unidos para exigir seus dossiês. Receberam a fotocópia da capa e uma nota especificando que nada além poderia ser revelado e, com essas respostas lacônicas, o Ministério ultrapassou mais uma etapa na enganação. Com efeito, hoje será muito difícil estabelecer a verdade, uma vez que a maior parte dos dossiês desses soldados desapareceu. Ainda que conservados em papel e em disquetes, eles desapareceram ao mesmo tempo tanto na Flórida quanto no Instituto de Defesa Química de Maryland. Desapareceram também as amostras sanguíneas! O general Ronald Blanck, inspetor geral dos serviços sanitários, não tem "a mínima ideia" do que pode ter ocorrido. "São coisas que às vezes acontecem", ousou afirmar durante uma entrevista televisionada. Uma investigação foi aberta e o Congresso retirou do Ministério da Defesa a responsabilidade pelas averiguações, mas os soldados nem por isso ficaram curados e seus filhos têm dificuldade em sobreviver.

Esse exemplo mostra a que ponto as "autoridades" de todos os países desprezam os cidadãos e ousam afirmar barbaridades sem qualquer medo de represálias.

Na Inglaterra, a atitude dos responsáveis é a mesma. Nicolas Soames, ministro das Forças Armadas, não pode "aceitar que exista um elo entre o fato de que soldados tenham servido no Golfo e suas

doenças". Que ele aceite ou não, esse elo existe e todos esses jovens soldados, em plena forma durante seu recrutamento, não ficam doentes ao mesmo tempo pelo maior dos "acazos".

As autoridades negam esses números e afirmam ter "dado as melhores vacinas com o conselho de médicos", no âmbito da proteção do exército. Assim, cada um obedece às ordens de outro e ninguém é responsável. Tudo vai muito bem no melhor dos mundos, e esses 70 mil soldados são sem dúvida todos mentirosos e inventaram suas patologias e as malformações de seus filhos.

Eles pagaram para aprender que não se pode confiar em nenhum governo e ainda menos em alguns militares de alta patente que transformam em cobaias aqueles que deveriam proteger, depois persistem em negar qualquer responsabilidade no assunto. Fiéis à tática geral, eles se contentam em contestar, para e contra tudo, os elos de causa e efeito e pedem às vítimas que provem a relação que poderia existir entre sua doença e o tratamento que lhes foi infligido, ao passo que eles Próprios deveriam fornecer a prova da inocuidade desse tratamento.

Todavia, eles têm razão em não se incomodar, uma vez que provaram muito bem que estão acima das leis e não hesitaram em uma recidiva por ocasião da guerra contra o Iraque, onde outros jovens militares sofreram terríveis prejuízos sem poder estabelecer um elo entre sua partida para a guerra e a súbita degradação de sua saúde, sem qualquer razão válida.

"É preciso enviar amor aos maus, e não ódio, senão este volta para nós", declara Julia, de 5 anos.

Sobre a poluição bacteriológica, não nos esqueçamos de que, já em 1942, os ingleses tinham experimentado na ilha de Gruinard, na Escócia, uma forma de guerra biológica ao inocular o bacilo do carbúnculo em carneiros. A descontaminação começou somente em 1986, e hoje, mais de 60 anos depois "da experiência", a ilha continua proibida. Do jeito que a coisa anda, é mais da metade do planeta que corre o risco de ser proibida.

Assim, apesar da assinatura, em 1993, por 150 países, de uma convenção sobre as armas químicas, o "bioterrorismo" está em pleno desenvolvimento e as armas biológicas podem servir para fins de genocídio, quando não servem como desculpa para declarar guerras impopulares.

"De todo modo, é muito feio fazer a guerra, mesmo se temos inimigos. E preciso se defender, mas não com armas, não matando os outros", afirma Antoine do alto de seus 4 anos.

Os biochips

Há alguns anos, alguns cientistas sugeriram que um dia se poderia introduzir no corpo de um recém-nascido um chip eletrônico que permitiria um acompanhamento bem preciso de sua saúde. Quando fizeram essa proposta muito seriamente, poderíamos nos perguntar se estavam conscientes de que sua sugestão ultrapassava de longe tudo o que tinham imaginado Eugène Zamiatine em *Nós*, Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo*, George Orwell em *1984*, bem como outros escritores de ficção científica.

Já faz algum tempo que a realidade ultrapassou a ficção e chips começaram a ser introduzidos em crianças pequenas ou em velhos atingidos pela doença de Alzheimer para melhor vigiá-los. Dessa forma, pudemos ver no canal de televisão France 3 uma família cujos membros se orgulhavam de ter recebido chips que podiam ser localizados por satélite, o que lhes permitia ter um acompanhamento médico sem ter de se preocupar com isso. Eles não escondiam sua alegria em aproveitar assim os "progresso da medicina".

Os chips já eram utilizados pela medicina veterinária para identificar os milhares de animais por todo o planeta, mas essa vigilância ainda não tinha se estendido ao ser humano. Será que o homem também se tornará um dia um produto manufaturado, com tudo o que essa definição implica?

O dr. José Delgado, pioneiro da estimulação eletrônica do cérebro, adverte-nos: "Uma das possibilidades dos transmissores cerebrais é o de influenciar as pessoas para que se conformem com os sistemas políticos". Um chip eletrônico chamado Rambo já foi utilizado para fazer subir a taxa de adrenalina dos veteranos do Vietnã.

A tecnologia oculta atrás do novo microchip humano é bastante simples e já se fala, de maneira bem oficial, em implantar um chip eletrônico em nossa mão para substituir os cartões de crédito ou nossas chaves, mas também nossos passaportes e carteiras de motorista. Isso não é ficção científica, mas uma realidade que muitos inconscientes esperam com impaciência.

A ficção científica de nossos pais tornou-se realidade. Por que a nossa também não se tornaria?

Infelizmente, poucas pessoas se sentem concernidas por esses escândalos. E quantas concordam com Milan Kundera quando ele escreve: "Ser moderno é ser o aliado de seus próprios covéis"?

Somente as *índigo* ou aqueles que se assemelham a elas - e elas são mais numerosas do que geralmente se pensa - têm um nível de consciência que lhes permite recusar esses "progressos" de nossa sociedade moderna.



A poluição do planeta

"É preciso desconfiar dos engenheiros, tudo começa com máquina de costura e acaba com bomba atômica!"

Marcel Pagnol

Assim, a poluição sob todas as formas, tanto física quanto química e mesmo psíquica, está destruindo a espécie humana, mas a Terra não se porta melhor do que seus habitantes. A camada de ozônio se degrada, as chuvas ácidas queimam e destroem as florestas, a Terra se aquece, com todas as consequências que isso implica.

"O homem é o inimigo de tudo, ele destrói tudo", afirma Rébecca (de 7 anos), que respeita o meio ambiente desde a mais tenra idade sem que seus pais precisassem lhe ensinar.

A poluição e os dejetos nucleares

Ao contrário da nuvem de Chernobyl que contornou as fronteiras francesas, a da La Hague difunde sua radioatividade acima do norte da França, mas também da Bélgica, do Luxemburgo, dos Países Baixos, da Dinamarca e do norte da Alemanha. A organização Greenpeace, que já conduziu uma campanha para medir a poluição radioativa em torno da usina, confirma que "a instalação lança não apenas seus efluentes radioativos na água, mas também emite uma quantidade de poluentes radioativos diretamente no ar".

A central nuclear de Saint-Alban lança no Ródano a água necessária para sua alimentação, poluindo assim os terrenos dos agricultores e dos viticultores da região, em toda ilegalidade e impunidade.

A usina de Sellafield na Grã-Bretanha, não fica atrás da usina de La Hague. Suas cercanias estão tão contaminadas quanto as cercanias da central de Chernobyl. Por meio de um levantamento do solo nas duas regiões, realizado pela Universidade de Bremen a pedido do Greenpeace, concluiu-se que a taxa de radioatividade contida em algumas amostras retiradas em Sellafield é superior àquela que medida nos arredores de Chernobyl. Mike Townsly, do Greenpeace internacional, é taxativo: "Sellafield é uma Chernobyl que gira devagar. O que aconteceu em uma noite em Chernobyl levou 40 anos em Sellafield".

Segundo a Associação internacional dos médicos para a prevenção de uma guerra nuclear, as 23 experiências em superfície que aconteceram na China entre 1964 e 1980 espalharam 48 quilos de plutônio na atmosfera. Quanto às outras 20 explosões subterrâneas, efetuadas a partir de setembro de 1969, elas depositaram 25 quilos de plutônio no subsolo do deserto. Ora, bastam cinco quilos de plutônio para destruir 5 bilhões de indivíduos. E é necessário esperar 24 mil anos para que o plutônio perca a metade de sua radioatividade.

Em todos os países, de tempos em tempos, a imprensa assinala "misteriosas vibrações", tanto na Austrália quanto nos Estados Unidos - algumas são até mesmo sentidas na França -, e muitos são aqueles que acham que são explosões nucleares subterrâneas. Ninguém consegue prever quais seriam as consequências que podem decorrer disso um dia, particularmente nas regiões com forte sismicidade. Os produtos de reação são capturados durante as explosões e gases podem subir pelas falhas.

Jéssica só tem 7 anos, mas está absolutamente consciente desses perigos: "Devemos parar com essas explosões que perturbam o universo, senão iremos matar a Terra e seremos obrigados a partir".

Os dejetos de metais pesados

Por causa da implantação de atividades industriais e militares, as regiões árticas do norte da Europa ocidental se tornaram "captadores" de poluição que destroem os ecossistemas e a situação é catastrófica em várias regiões.

As emissões de dióxido de enxofre aumentam a cada ano e estão na origem de graves problemas de saúde pública. A vegetação está totalmente destruída em várias dezenas de milhares de hectares em torno dos centros industriais, e a imensa floresta de coníferas, já afetada pelas chuvas ácidas, está igualmente ameaçada pela

superexploração ligada às indústrias de derrubada e de transformação da madeira.

Poluídos em grandes superfícies pelo viés das neves contaminadas, os solos contêm taxas elevadas de metais pesados e é comum encontrar nas águas do rio concentrações importantes de lignosulfonatos, fenóis, metanol e amoníaco.

Quantidades de dejetos radioativos foram imersos no mar de Barents e no mar de Kara. Submarinos e quebra-gelos nucleares - desarmados, mas que ainda contêm seus reatores - retornaram para as várias bases, perto de Mourmansk, onde, entre 1969 e 1988, os soviéticos explodiram cargas nucleares tanto para os trabalhos públicos quanto para a exploração mineira.

Quanto à central nuclear de Polyarnyi, ela é classificada como "perigosa" pela Agência Internacional de Energia Atômica. Os relatórios oficiais não mencionam a maioria de suas atividades e se ignora qual é a contaminação radioativa da região.

Rob (de 4 anos) já conhece os perigos nucleares. "Isso foi o que os homens inventaram de mais perigoso. Quando for grande, lutarei para que isso pare. Falo sobre isso com frequência com meu anjo."

O petróleo e os dejetos perigosos

Todo ano, os petroleiros jogam cerca de 2 milhões e meio de toneladas de petróleo nos mares, particularmente por causa da limpeza dos porões e das cubas ao largo. Além disso, 150 mil toneladas são jogadas por causa dos vazamentos, das avarias ou dos acidentes. Nicolas Hulot ressalta que a Marinha nacional francesa "pratica essa limpeza em pleno mar e joga ao largo seus dejetos compactados".

Jason (de 3 anos) afirma que "os maus" estragam o planeta e jogam qualquer coisa, em qualquer lugar. "Eu sei que é muito ruim e um dia eles terão de se explicar diante de Deus."

Por seu lado, o Greenpeace pergunta: "Quantos milhões de pássaros ainda deverão morrer? Quantos milhões de quilômetros de costas serão poluídos antes que a indústria petroléira e os governos do mundo todo se conscientizem da necessidade de proteger o meio ambiente?".

Inúmeros artigos ou programas assinalaram a dramática diminuição de espécies de animais que povoam os mares do globo - 90% dos grandes peixes desapareceram - provocando uma reação bem passageira, rapidamente esquecida em proveito de campeonatos esportivos ou de combates políticos!

Todavia, o petróleo não é o único produto perigoso transportado pelos navios. As associações de defesa do meio ambiente denunciam também as exportações fraudulentas dos países ricos para os países do Terceiro Mundo. Uma convenção que limita e regulamenta o transporte dos dejetos perigosos foi assinada na Basileia, em 22 de março de 1989, por 35 Estados, entre os quais, a França, mas ela só foi aplicada a partir de 5 de maio de 1992. É um prazo clássico para a maior parte das "medidas de urgência". Ela foi ratificada por 84 países, sendo a maior parte membros da OCDE,* com exceção dos Estados Unidos.

Uma nova emenda prevê a proibição total do transporte de alguns produtos tóxicos vindo dos países da OCDE, mas inúmeros Estados se opõem a uma proibição total, pois seus lucros diminuiriam.

A rede Haarp

Enquanto nosso planeta já é atravessado por uma infinidade de radiações artificiais, nos Estados Unidos, a rede Haarp (High-frequency Active Auroral Research) tem como objetivo enviar um feixe de mais de 1,7 bilhão de watts para a ionosfera. A instalação

*N.T.: Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômicos.

está conectada a um dos computadores mais potentes do planeta, o da Universidade do Alasca, a nordeste de Anchorage.

Esse complexo, cujo custo se eleva a 30 milhões de dólares, foi financiado pela Marinha, pela Força Aérea e pelo Departamento da Defesa, e alguns não hesitam em afirmar que o exército americano estaria reeditando, em grande segredo e sob uma forma mais econômica, mas muito mais perigosa, seu projeto de "Guerra nas Estrelas". Comparada a essa potência monstruosa, a bomba atômica parece uma bola de canhão.

O objetivo da Haarp é gerar um escudo protetor global capaz de fazer a triagem entre os mísseis inimigos, nucleares ou convencionais, e de impedir todas as comunicações de rádio e de satélites em uma zona determinada. Segundo estudos de especialistas americanos em armamento, também será possível se comunicar com os submarinos em mergulho profundo situados nos cantos mais recuados dos oceanos e detectar e então destruir todo míssil ou avião que entrar no espaço aéreo americano. A rede pode escanear a crosta terrestre em profundezas extremas: assim, nenhum país terá meios de esconder a implantação de bases secretas subterrâneas que escondem armas nucleares.

Tudo isso pode parecer útil para alguns, mas é preciso conhecer o outro lado da medalha.

Haarp funciona ao dirigir um feixe de ondas com altas frequências para a ionosfera, essa camada situada acima da estratosfera e constituída pela atmosfera e por partículas ionizadas, altamente carregadas de energia. Situada a uma altitude que varia entre 48 e 600 quilômetros de nossa crosta terrestre, essa camada é vital para o nosso planeta, pois representa um papel fundamental de escudo, assim como a camada de ozônio. Ela nos protege das liberações nocivas do Sol.

Aliás, as pesquisas conduzidas há um século evidenciaram o fato de que esse "manto energético" que protege a Terra também pode se

tornar uma arma estratégica de primeiríssima importância. O bombardeamento de uma determinada zona da ionosfera com essas altas frequências tem como efeito criar um enorme espelho virtual que, agindo como uma antena, enviará frequências extremamente baixas para a Terra, como faria um imenso forno de micro-ondas, ao penetrar o solo, os mares e os corpos.

Em 1975, o senador americano Gaylor Nelson obrigou a Marinha nacional a publicar o resultado das pesquisas que provam que essas baixas frequências podem modificar a química do sangue no ser humano. Elas também podem influenciar os comportamentos humanos como se faz com a psicotrônica.

A Haarp também é capaz de interromper qualquer forma de comunicação hertziana, de modificar a meteorologia, de provocar terremotos ou explosões tão poderosas quanto uma bomba atômica! O perigo é muito maior já que não temos qualquer garantia de que o buraco assim criado não aumentará, o que poderia engendrar uma destruição maciça da ionosfera no conjunto do planeta. A vida sobre a Terra não seria então possível. Esse já é o caso em Marte e em Vénus onde o campo magnético muito fraco e a magnetosfera quase inexistente não permitem uma atmosfera propícia à vida.

Além do mais, todos os dias, seus emissores queimam cerca de 95 toneladas de diesel, produzindo mais de 7 toneladas de materiais poluentes.

Em resumo, o projeto Haarp pode mudar o clima da Terra com todas as consequências que isso implica; ele pode perturbar os ecossistemas e, principalmente, mudar nossos estados emocionais e abalar nosso comportamento.

Courtenay (de 10 anos) fala com frequência sobre essa questão com seus pais. "Se isso funcionar, eles vão nos obrigar a lhes obedecer e a pensar como eles. Eu me oporia a isso com todas minhas forças."

Além do mais, nenhum dos inconscientes que manejam esses raios pode prever o que aconteceria se alguns bilhões de watts se espalhassem na ionosfera durante uma tempestade solar.

A penúria de água

Enquanto a água é o princípio mais essencial para o homem, uma vez que seu corpo é constituído em 70% de água, a indústria e a agricultura jogam em nosso meio ambiente muitos dos poluentes encontrados nessa água vital, e os poderes públicos concedem derrogações às companhias das águas que ultrapassam os limites oficiais.

E assim que os rios se tornaram vastas latas de lixo, saturados de inseticidas e de substâncias particularmente tóxicas, mas também de metais pesados utilizados para fins industriais, nitratos, dioxina. Quem pode medir os efeitos desses venenos a longo prazo?

Mas se a poluição é um risco maior, a penúria é ainda mais ameaçadora, ç nosso século pode conhecer conflitos geopolíticos e comerciais ligados ao domínio da água, indispensável à vida. Essa carência se deveria à poluição de inúmeros lençóis freáticos e ao assustador desperdício dos países ricos, com a cumplicidade das indústrias, da agricultura, do turismo intensivo e da inconsciência das pessoas. Mais de um bilhão e meio de seres humanos já não têm acesso à água potável e a metade da humanidade não dispõe de uma rede de esgoto eficiente.

Se não tomarmos medidas urgentes, essa situação só pode se agravar, pois as reservas não são ilimitadas. Toda pessoa responsável sabe que corremos o risco de pagar muito caro por uma ausência de discernimento em todos os campos e, em particular, no da água.

Segundo especialistas, até 2025, o mundo só terá acesso a um quarto das águas potáveis em relação aos recursos de 1950. Todas as águas de superfície serão consumidas daqui a cem anos, e toda a água disponível no ciclo da água da Terra estará inteiramente esgotada até o ano de 2230.

Federico Mayor, antigo diretor geral da Unesco, julga que "esse recurso raro, essencial para a vida, deve ser considerado um tesouro

natural que fa? parte da herança comum da humanidade" e ele evoca "uma nova ética da água", fundada sobre a solidariedade.

A igualdade não existe nesse campo - como em tanto outros pois, por exemplo, um habitante dos Estados Unidos utiliza em média 900 litros de água por dia enquanto um africano deve se satisfazer com 30 litros. Da mesma forma, um habitante de Gaza se contenta com 59 metros cúbicos anuais quando um islandês gasta 630 mil litros cúbicos no mesmo período. Claro, a penúria restabelecerá a igualdade a esse respeito, mas esse meio é desejável?

Arthur declarava aos 3 anos: "Eu sempre fecho a torneira quando me ensaboo ou escovo os dentes. Você sabe que a água é rara? Existem até mesmo pessoas que não têm, nem mesmo para beber".

O aquecimento planetário

Alycia tem 15 anos, é uma incontestável *índigo* e já participa de todas as manifestações para a salvação da Terra. Ela se recusa a comer carne ou produtos originários da agricultura intensiva, milita contra a introdução dos organismos geneticamente modificados na alimentação e foi ela quem "informou" seus pais sobre as catástrofes que nos ameaçam.

Todo ano, segundo a FAO [Organização de Alimentos e Agricultura dos Estados Unidos], 9 milhões de hectares de florestas desaparecem da superfície do globo, ao passo que a desertificação suprime 6 milhões de hectares de terras cultiváveis, isto é duas vezes a superfície da Bélgica. As organizações internacionais se mobilizam contra essa catástrofe, agravada pelas mudanças climáticas, mas a maior parte dos governos permanece surda aos seus gritos de alarme. Quanto aos Estados Unidos, eles se recusaram a ratificar os acordos de Kyoto para reduzir as emissões de CO₂ acusado de ser responsável pela destruição da camada de ozônio, sob o pretexto de que isso reduziria o PIB dos americanos.

Segundo a evolução do clima, ao longo das próximas décadas, a atmosfera terrestre deveria se aquecer em alguns graus, em grande parte por causa do aumento da concentração do gás carbônico, em razão da atividade industrial.

Tanto nas Montanhas Rochosas quanto nos Andes ou no Himalaia, o gelo derrete de maneira inquietante. Isso produzirá, a médio ou longo prazo, chuvas diluvianas e a transformação do nível do mar, com todas as consequências que poderão decorrer disso.

Os países desérticos e semiáridos deverão enfrentar problemas socioeconômicos sem precedentes, cujas repercussões se farão rapidamente sentir para além de suas fronteiras. O reaquecimento planetário pode muito rapidamente transformar nosso meio ambiente, e qualquer ruptura de equilíbrio do ecossistema pode colocar em risco a nossa sobrevivência na Terra.

Além do mais, o rebanho bovino produz anualmente 100 mil toneladas de metano, molécula ainda mais perigosa do que o CO₂. Nosso consumo excessivo de carne é, portanto, também prejudicial ao ecossistema de nosso planeta.

O desaparecimento das espécies

Não nos esqueçamos de que apenas 2% das espécies que apareceram no planeta ainda existem atualmente. Por que 98% dessas espécies desapareceram definitivamente? No começo do século XIX, existiam ainda 30 milhões de espécies sobre a Terra. Foram necessários milhões de anos para elaborar uma fabulosa variedade de formas de vida, desde as amebas unicelulares até os golfinhos. Por outro lado, bastaram apenas cem anos para a humanidade reduzir esse número à metade por causa de sua inconsciência.

Outro fenômeno inquietante é a diminuição da fertilidade nos homens, que também estariam ameaçados de extinção! Essa degradação, estudada há várias décadas, é inegável e é provável que, daqui a 20 anos, nos países industrializados, 80% dos homens

poderão estar incapazes de transmitir a vida, com as consequências que se imagina.

Isso também acontece com diferentes espécies animais cuja esterilidade cresce de forma exponencial.

Ofélia deixou sua família aos 18 anos para ir à Austrália, onde participa da proteção dos golfinhos e de toda espécie ameaçada pelo homem. "Eu poderia ter continuado meus estudos, mas é mais urgente lutar para salvar todos esses pobres animais que são nossos irmãos do que aprender coisas supérfluas que talvez não sirvam para nada, pois a Terra está ameaçada de desaparecimento."

E evidente que esse quadro é bem negro, mas ele representa apenas um vago sobrevoos sobre a situação atual. O que nossos netos fizeram para merecer essa herança?

"Não são aqueles que fazem o mal que tornam o mundo insuportável, mas aqueles que observam e deixam isso acontecer", dizia Albert Einstein. Podemos continuar deixando que qualquer coisa aconteça em nome de uma ciência que é ultrapassada por suas próprias descobertas e que, há muito tempo, perdeu a noção de consciência?

A sobrevivência de nosso planeta depende essencialmente da ação e das reflexões individuais, e cada um deve fazer sua escolha. Ou continuamos a poluir os homens e a Terra somente para o lucro de uma pequeníssima minoria de pessoas que detém a maior parte da riqueza mundial ou então tomamos consciência de nossos erros e reagimos rapidamente.

Em um artigo publicado em 1966 na revista *Planète*, Louis Pauwels já denunciava os riscos desencadeados pela revolução tecnológica que modifica nossa concepção do mundo e nos penetra graças às facilidades que elas nos propõem. Pauwels temia que o homem acabasse por rejeitar o que ele possui de mais pessoal, que esqueça que é um ser pensante: "Trata-se, portanto, de salvar essa essência do homem. Trata-se de manter o despertar do pensamento". Ele deplorava para que, todos os dias, os hábitos bem enraizados sejam

abolidos. "A revolução técnica parece ter como efeito principal o desenraizamento, até em nossa profunda intimidade. Sem cessar, aquilo que estava próximo é tirado de nós. O mundo se desloca sob nossos pés, metamorfoseia-se diante de nossos olhos. Começamos a ignorar, entre a terra e o céu, onde é a agradável morada do homem. Em nosso íntimo, não sabemos mais onde moramos e nem mesmo se moramos."

Não somente devemos salvar o que resta do planeta, mas devemos também salvar a liberdade de pensamento que igualmente está ameaçada.

Nosso espírito cartesiano, do qual nos orgulhamos tanto, prejudica a compreensão dos ecossistemas e diminui nossa consciência ecológica. Conseqüentemente, não podemos esperar que a salvação venha de nossos homens de ciência nem de nossos intelectuais, fechados em uma autossatisfação serena e em uma cegueira que eles mantêm com um cuidado muito especial. Eles nos conduziram para a catástrofe e são realmente incapazes de nos tirar dela.

E de nossas crianças, e somente delas, que depende o futuro do planeta e, conseqüentemente, o nosso.

E preciso acrescentar a todas essas considerações materialistas que nossos espíritos estão ainda mais poluídos do que nossos solos e nossos mares. Nos mercados de interesse nacional, alguns *lobbies* têm assimilado a corrupção como meio de ação privilegiado, e milhares dos que tomam as decisões estão fora de qualquer controle. Em uma obra corrosiva, Éva Joly, magistrada, denuncia com coragem e lucidez um mundo consternado mas ameaçador com o qual foi confrontada, no qual uma elite reivindica a impunidade porque ela é mais forte do que a lei, e onde somente os cidadãos comuns teriam deveres.

"Nossas crianças não merecem isso. No entanto, se deixarmos que a ordem do mundo se decomponha, quer elas cresçam em Nova York ou em Buenos Aires, na periferia de Kyoto ou de um lado ou de

outro do Reno, elas realmente viverão sem sabê-lo sob a férula de senhores desconhecidos, ao mesmo tempo injustos e invisíveis." Ela coloca, enfim, uma boa questão: "E nesse mundo que queremos viver?".

"Claro que não!", respondem em coro as *Índigo*.



Nossas crianças irão salvar o mundo?

Quando os homens aceitam como verdade incontestável o que os outros lhes apresentam como tal e não a verificam, eles caem na superstição."

Leon Tolstói

Sob a égide da Unesco, cientistas vindos do mundo todo se reuniram em Tóquio, no outono de 1995, para tentar "reconciliar o saber e a sabedoria" e determinar se as novas tecnologias estão a serviço do homem ou o homem a serviço das tecnologias. Esses mesmos cientistas, e outros mais, já haviam se encontrado duas vezes, em Veneza e em Vancouver, para fazer o balanço sobre os progressos científicos desse século, que "mostraram que essa

concepção mecanicista do Universo era indefensável de um ponto de vista estritamente científico".

Os participantes lembraram que a própria física é regida pelo famoso princípio de incerteza e que a experiência confirma que o Universo não pode ser mais percebido como previa a ciência do século XIX. As estruturas que naquela época eram consideradas indivisíveis nos revelam hoje novas estruturas. Os recentes telescópios, cada vez mais potentes, levam-nos descobrir milhares de galáxias suplementares, e os limites que atribuímos ao Universo recuam incessantemente, tanto no plano macrocósmico quanto no microcósmico, mas a visão que temos dele é restrita pelo nosso racionalismo.

O diretor geral da Unesco, Frederico Mayor, defendia em Tóquio: "Cada um de nós tem sua razão de ser e sua função no equilíbrio cósmico. Assim como a saúde de nosso corpo não tolera que uma única célula seja alterada sem que sua sobrevivência seja, da mesma forma questionada, somos as células de um corpo planetário. A questão de nossa sobrevivência está colocada. Necessitamos de uma ética e de uma responsabilidade individuais e coletivas que transcendam as clivagens ricos-pobres, ateus-crentes ou Oriente-Occidente".

Ao longo desse coloquio, Henry P. Stapp, físico e pesquisador na Universidade de Berkeley, lamentou: "Nós nos consideramos menos responsáveis por nossos atos ou, de forma alguma, responsáveis porque a ciência nos ensinou a nos considerarmos não como agentes de um poder criador livre para escolher entre várias possibilidades, mas como mecanismos com controle remoto, subordinados às forças sobre as quais não temos qualquer domínio. Depois de ter minado o que há muito tempo fundava a moral, a ciência parece não ter nada semelhante a oferecer para substituí-la".

Muito tempo antes dos desvios atuais de nossos cientistas loucos, Georges Bernanos estigmatizava a passividade e a ausência de responsabilidade da grande maioria dos habitantes do planeta:

"Penso há muito tempo que, se um dia os métodos de destruição cada vez mais eficazes acabarem por riscar nossa espécie do planeta, não será a crueldade a causa de nossa extinção e, evidentemente, menos ainda a indignação que a crueldade desperta, nem mesmo as represálias e a vingança que ela atrai para si... mas a docilidade, a ausência de responsabilidade do homem moderno, sua aceitação vil e servil do mínimo decreto público. Os horrores a que temos assistido, os horrores ainda mais abomináveis a que vamos agora assistir, não mostram que os rebeldes, os insubordinados, os refratários são cada vez mais numerosos no mundo, mas que há cada vez mais homens obedientes e dóceis".

Essa aceitação do inaceitável, essa docilidade de que Bernanos fala, não poderia de forma alguma ser imputada às crianças *índigo* que manifestam sua rebeldia desde a mais tenra idade. E seu horror à mentira, também inato, pode ser uma boa ajuda para que mudemos nossa visão da vida e nossa civilização, principalmente baseada na mentira e na desinformação.

Em sua obra *5.000 dias para salvar o planeta*, o diretor da revista americana *The Ecologist*, Edward Goldsmith, escrevia: "Jamais duvidem de que um pequeno grupo de cidadãos que reflete e que é determinado possa mudar o mundo. E justamente por duvidar que jamais pudemos fazê-lo evoluir. Ou mudamos agora por escolha deliberada ou mudaremos mais tarde - se ainda houver tempo - por necessidade, e sofreremos as consequências disso!".

Valeria mais a pena, efetivamente, mudar por escolha deliberada. Acontece que o ideal das *índigo* é salvar o planeta. Esse ideal não vem da ordem moral, mas do ideal da sobrevivência. Sua chegada à Terra não é, sem dúvida, fruto do acaso. Neste período de perigos extremos, essa conscientização de uma nova geração chega na hora certa, antes que soframos as consequências de atos inconsiderados.

"Todos nós vivemos no mistério", constatou Goethe. "Não sabemos o que se move na atmosfera que nos cerca, nem como ela se relaciona com nosso espírito." E nesse âmbito que as crianças desse

milênio podem nos ajudar. Elas nos trazem sua visão do outro lado e sabem o que se move na atmosfera que nos cerca.

Além do mais, e isso é primordial, ao ignorar o medo e ao detestar a mentira, caso conservem seu potencial de sabedoria quando forem mais velhas, elas nos livrarão dos dogmas, das ideias recebidas e das enormes mentiras sobre as quais está fundada o que chamamos nossa "civilização".

Elas vão, enfim, representar o papel do menininho que foi o único a ousar gritar a evidente realidade no conto de Andersen: *O rei está nu*.

A crise que ameaça essa civilização não pode ser comparada a um acidente temporário depois do qual reencontraremos nossos velhos hábitos. Ela acentua a interdependência de todos os indivíduos, de todas as culturas, de todas as nações, e a necessidade de abordar os problemas no plano mundial e não em função de interesses locais e pessoais.

Em quase todos os lugares do mundo e já há algum tempo, alguns cientistas avisados tocam os alarmes, mas a maior parte da comunidade científica recusa-se a ouvi-los. As catástrofes que nos ameaçam e que eles denunciam não vêm mais da ciência, mas da moral e da filosofia, muitas vezes até mesmo do simples bom senso, e, nesse campo, não existe qualquer razão para que o cientista especialista seja mais competente do que o simples cidadão.

Há muito tempo, a ordem da natureza presidiu a evolução da espécie humana. Mas, há um século, impondo sua filosofia "racionalista" e ateia, o materialismo limitou o mundo à matéria e rejeitou o Inexplicável, o Inalcançável, ou seja, o Espiritual. Nossa ciência triunfante continua estagnada no nível da mais baixa realidade, desdenhando tudo o que a ultrapassa e que ela não pode explicar quando olha de sua luneta.

Essa concepção mecanicista do mundo desvalorizou a filosofia e a metafísica, em proveito da doutrina niilista bem representada por Charpak, seus comparsas da União Racionalista e de outros "posi-

tivistas" que se referem ainda a Jacques Monod e ao seu *O Acaso e a Necessidade*, obra, no entanto, obsoleta aos olhos das descobertas da física moderna. Essas descobertas confirmam que "a natureza tem horror ao acaso", como já afirmava Spinoza há quase 350 anos, ou Voltaire que pensava: "O acaso é o sinônimo de Deus quando ele não quer assinar". Henri Poincaré era ainda mais formal: "O acaso é apenas a medida de nossa ignorância".

Por seu lado, Einstein afirmava que "a natureza não joga dados", e Stephen Hawking, considerado o sucessor de Newton, e que se tornou célebre por seus trabalhos sobre a origem do Universo, considera que "a evolução de nosso universo certamente não é fruto do acaso".

Alguns astrofísicos ousam emitir a hipótese de que o universo foi criado com o objetivo da chegada da vida e do homem. O astrofísico Dyson, professor em Princeton, compartilha esse ponto de vista: "Quanto mais examino e estudo detalhadamente sua arquitetura, mais descubro provas de que, sem dúvida, ele esperava nossa chegada".

Na nova edição de sua obra *La Mélodie secrète* [A Melodia secreta], Trinh Xuan Thuan, professor de astrofísica, é pródigo nesse mesmo sentido: "A cosmologia moderna também nos ensinou que o Universo foi regulado com uma precisão extrema para que a consciência (fundada na bioquímica do carbono) aparecesse. Essa regulação pode ser atribuída ou ao acaso ou a um Grande Arquiteto. Eu apostei na segunda hipótese. Fiz essa aposta não como homem de ciência, mas como homem de fé. A ciência e a religião não são absolutas; pelo contrário, elas nos trazem visões complementares do mundo, que enriquecem nossa existência".

Trinh Xuan Thuan gosta de comparar a regulação inicial do universo à habilidade de um arqueiro que conseguiria acertar sua flecha no centro de um alvo quadrado de um centímetro de lado, distante mais de 15 bilhões de anos-luz. Se for um efeito do acaso,

esse "acaso" é especialmente hábil. O exemplo dispensa comentários.

No livro *Escritos da Maturidade*, Einstein também não hesitava em abordar o problema de Deus: "Ainda que os campos da religião e da ciência sejam nitidamente delimitados, existe entre eles poderosas relações e dependências recíprocas. A situação pode ser resumida por uma imagem: a ciência sem religião é manca, a religião sem ciência é cega".

As crianças *Índigo* têm ideias bem definidas sobre a questão. Aos 4 anos, Flávio Cabobianco já dizia à sua mãe: "Eu te amo porque somos pequenas partes de Deus. Todos os humanos são pequenas partes de Deus. Deus está em todos os mundos, ele está separado em partes, ele está em todos os lugares, está também no vazio".

No entanto, os dogmas sobre os conceitos do tempo, do espaço, da matéria e da energia ainda dominam as reflexões dos "racionalistas" que têm um orgulho tão grande de seu espírito "cartesiano" que se sentem obrigados a negar a existência de tudo o que poderia questionar essa vaidade de ter razão "a qualquer custo". Eles têm um impacto muito mais importante, uma vez que muitas pessoas não têm consciência da mudança radical exigida pelas mais recentes descobertas da física quântica, que têm transformado completamente a imagem que fazemos do Universo.

E certo que à luz dessas descobertas, muitos cientistas de altíssimo nível presumem que a matéria não é "material", que a consciência do homem não é emitida por seu cérebro e que a complexidade dos seres vivos é tal que é difícil explicar sua gênese recorrendo apenas ao processo darwiniano.

Quando Trinh Xuan Thuan fala do finalismo do Universo, ele não hesita em abordar a questão de Deus. "O campo de Deus é o do misterioso e do invisível, o do infinitamente pequeno e do infinitamente grande. Atualmente, esse campo não pertence mais exclusivamente ao teólogo. Ele também é do cientista."

O homem é, materialmente falando, apenas uma combinação de bilhões de bilhões de partículas "inanimadas". No entanto, ele vive. E realmente a prova de que um Ser supremo acrescentou a vida e a consciência a essa combinação de átomos. O acaso e a seleção natural jamais puderam explicar a passagem da ameba ao homem em várias centenas de milhões de anos, e existem demasiados "elos que faltam" na teoria darwiniana para responder às principais questões da evolução.

Assim, o novo espírito científico não pode mais descartar com desdém, como fez durante vários séculos, a ideia de um Criador, de um Grande Arquiteto, de uma força cósmica pensante, ou seja, a ideia de Deus, ainda que alguns se empenhem em chamá-lo de outra forma.

Atualmente, a exemplo de Protágoras nos célebres *Diálogos*, de Platão, inúmeros físicos pensam que "o homem é a medida de todas as coisas".

John Wheeler, professor de física em Princeton, afirma que nossa existência como indivíduos humanos dependeria, de uma certa maneira, da existência de todos os outros observadores conscientes. Conseqüentemente, o Universo existiria graças à consciência coletiva de todos os observadores passados, presentes e futuros.

Anna dizia aos 5 anos: "Sabe, aquele livro sobre as quatro dimensões, eu sei onde é a quarta. Ela está dentro de mim".

Aos 7 anos, Flávio Cabobianco não colocava questões a esse respeito, ele explicava simplesmente: "Nós vivemos em um plano do Universo, na base de uma espécie de torre, na região mais física. Mas existem muitos outros níveis e tudo está ligado. O Universo nasceu quando Deus decidiu fazer uma experiência, a evolução. Nós temos um pequeno universo no interior.

Podemos imaginar o Universo como uma torre com diferentes níveis. Nenhum nível é superior ou inferior ao outro. Não existe nem alto nem baixo, e em cada parte está representada a totalidade.

O nível astral é o nível intermediário entre o nível físico e a Fonte. É um nível sutil, por onde passam as almas para retornar à Fonte. Quando morremos, passamos definitivamente para esse nível. Podemos também alcançá-lo enquanto estamos vivos graças a um certo tipo de ondas mentais ou durante o sono. Nesse nível, há o espaço, mas não o tempo."

Quando Ihe pediam precisões sobre a Fonte, ele respondia: "Não tem tempo, nem espaço. Não tem polaridade. E onde a energia exerce um efeito de espelho e se reflete em todos os outros níveis. Ela é tudo: o superior e o inferior, o conhecido e o desconhecido, o grande e o pequeno. Existem outras coisas que eu sei, mas não sei como explicá-las. Todas as almas, para ir a qualquer um dos níveis, devem sempre passar pela Fonte".

Como Flávio, Anna às vezes se sentia incapaz de explicar com palavras o que sabia ou via. "Sei bem o que vejo, mas existem pessoas que não veem nada."

Rébecca se sente muitas vezes frustrada pela incompreensão que Ihe testemunham as outras crianças. "Tento explicar aos outros, mas eles não compreendem. Não serve para nada."

Muitas *índigo* se revoltam contra a ideia de que se possa dar a Deus, aos anjos, aos criadores celestes uma aparência humana. Para eles, a alma nem sempre adquire a mesma aparência.

"Em outros lugares além da Terra, não se tem necessidade de olhos, nem de orelhas para ver e ouvir", declara Vanessa, de 4 anos.

Quanto à noção de Paraíso, as *índigo* se recusam a acreditar no que Ihes é ensinado pelo catecismo.

"Perguntar onde fica o Paraíso é uma questão absurda, o que conta é a ideia que se tem de seus habitantes. Ali onde os sentidos são perfeitos, ali é o Paraíso", dizia Anna.

"O Paraíso não é um lugar, é apenas a perfeição infinita", esclarece Nicolas, de 7 anos.

Eles recusam igualmente o conceito de alma criada no nascimento de cada indivíduo e da Redenção.

Para Flávio: "A alma tem muitas manifestações em dimensões diversas. Mas ela jamais pode ter outra manifestação no mesmo mundo. Eu, por exemplo, tenho uma manifestação em que devo explicar às outras dimensões mais sutis como é esse planeta tão material.

Ao mesmo tempo, na Terra, tenho que explicar que o mundo sutil existe. É por isso que sou um 'informante' do nível missionário. Os seres missionários são aqueles que exercem uma influência sobre as mudanças de nível como esse que estamos vivendo agora na Terra nesse período. Alguns seres como eu agem encarnados no plano físico, e outros ajudam a partir de um plano menos material. São estes últimos que alguns chamam de extraterrestres. Na realidade, eles não são nem inferiores nem superiores a nós, são diferentes."

Todas essas afirmações nos conduzem à física atual, para a qual a noção de "matéria inerte" não tem mais sentido. A própria biosfera aparece atualmente como uma entidade autorreguladora que controlaria o entorno físico-químico.

Geoffrey Chew, da Universidade de Berkeley, elaborou a teoria do "*bootstrap* cósmico", na qual o Universo se assemelha a um tecido dinâmico de acontecimentos em interconexão. As propriedades de uma parte desse tecido decorreriam das propriedades das outras partes e sua interação determinaria a estrutura do tecido inteiro. Assim, não somente somos solidários com os outros homens, mas também com os animais, com as plantas e com todos os constituintes do Universo.

Gérard de Nerval já o tinha compreendido: "Tudo vive, tudo age, tudo se corresponde... O coro dos astros participa das minhas alegrias e das minhas dores".

Flávio Cabobianco aderiria a essas declarações quando tinha apenas 8 anos: "A maior parte dos seres humanos vive toda sua existência esquecendo a totalidade à qual pertence. Eles apenas têm consciência da unidade superior quando são bebês, e às vezes a recuperam pouco antes de morrer. Eles buscam a felicidade no

exterior porque a perderam no interior. Eles sofrem por causa de seus desejos e também por causa de sua dependência em relação aos outros seres humanos. Uma criança recém-nascida sabe que é parte do Todo. Caso se tente lhe ensinar a ideia do "meu", ela não entende; ela não pode dissociar o "meu" do Todo e acha então que tudo lhe pertence. É preciso deixá-la compartilhar. Há um único Eu para o Todo, ainda que o Eu individual seja de uma variedade infinita".

Ele também concordava com o astrônomo americano Harlow Shaplay, falecido em 1972, que declarava: "Somos irmãos das mais antigas rochas e primos das nuvens".

Esses novos conceitos revelados pelos físicos vão ao encontro daquilo que a tradição oriental sempre ensinou. O observador está necessariamente implicado no mundo que ele observa. O ensinamento do Budismo tibetano parece se confundir com as descrições dos campos quânticos que os físicos modernos nos oferecem. Sem que tenham qualquer conhecimento científico, os filósofos orientais utilizam termos idênticos àqueles empregados pelos físicos atuais para descrever sua concepção do mundo e a não separabilidade quântica. Todavia, a solidariedade do homem com o Universo não é uma ideia reservada à tradição oriental, os gregos também ensinavam isso, bem como Paracelso, Pico della Mirandola e muitos outros.

O pensamento místico fornece, portanto, um âmbito coerente às teorias científicas modernas, particularmente às da física, que não deveriam mais, como o fez durante séculos, decompor o mundo em unidades autônomas que existem separadamente. A ciência se encontra atualmente confrontada aos fenômenos que confirmam o saber milenar por tanto tempo relegado ao domínio dos mitos. Paradoxalmente, apesar da união racionalista, quanto mais a ciência progride, mais tende a confirmar a realidade desses mitos. A medida que avança, seus limites recuam e suas certezas diminuem.

Todavia, impregnada por nossa educação essencialmente individualista, a ciência persiste em se abstrair de qualquer princípio de ordem superior, contrariamente a Flávio, que dizia, aos 4 anos: "Deus fez a forma do ser humano e também fez a forma de todas as coisas que existem. Deus fez as ideias das coisas e, sem ideias, não existem coisas".

Antes da revolução quântica, o professor Charles Richet, Prêmio Nobel de medicina, já constatava que é impossível compreender alguns fatos sem mudar o paradigma. Em seu *Traité de métapsychique* [Tratado de metafísica], ele confessou: "E então, por que não dizer abertamente, toda essa ciência da qual nos orgulhamos tanto é apenas o conhecimento das aparências. O fundo das coisas nos escapa. A natureza íntima das leis que governam a natureza viva ou inerte é inabordável à nossa inteligência".

Hoje em dia, os físicos quânticos adotam o mesmo ponto de vista e afirmam que a realidade última, da qual as partículas dependem, sempre nos escapará e apenas podemos conhecer as aparências.

Para Bernard d'Espagnat, uma vez que ninguém pode saber o que são os constituintes de nosso universo quando eles não são submetidos ao nosso olhar, sempre será impossível descrever o real ao se fazer abstração daquele que o descreve. O próprio objeto da ciência física parece ser "algo construído" da intersubjetividade humana ou -em outros termos - de uma consciência coletiva.

Espagnat se pergunta se não estamos assistindo a uma espécie de restauração da antiga simetria matéria-consciência. Como podemos conceber que os átomos possam fazer parte de uma estrutura consciente a um certo momento e de um objeto inerte em outro momento? Em que estágio se pode falar de consciência em relação a eles? Para Karl Popper, a consciência é um fenômeno emergente, não de átomos, mas de sistemas superiores.

Muitos cientistas pensam que a consciência humana poderia ser apenas uma expressão da consciência do Universo.

Flávio explicava, aos 5 anos: "O um é a vida. O zero é o nada. O zero não é um número, é o infinito dos números. E tudo, o zero e o um, o pleno e o vazio, é Deus".

As vibrações do ar são convertidas em ruídos e sons por nossa consciência. A ficção dos átomos contra nossa pele é sentida como uma sensação tátil, as substâncias químicas nos dão uma sensação de sabor ou de odor, percebida por nossa consciência. Nossa vontade e nosso espírito dão sinais ao nosso corpo físico, que logo reage.

Sem dúvida, temos dificuldade em compreender o parentesco entre Espírito e Matéria, porque utilizamos conceitos que pertencem a um único aspecto do cosmos e nós os aplicamos para descrever outros aspectos aos quais eles não são aplicáveis.

Enquanto sua mãe lhe pedia para não mexer o pé enquanto ela o vestia, Flávio lhe respondeu: "É meu pé, mas não eu, eu não sou meu pé, não sou meu corpo. Também não sou minha cabeça. Sou mais do que meu corpo. Quero dizer que isso não é a verdadeira realidade".

Essas afirmações nos evocam estranhamente as perguntas de Jean Jaurès em sua tese de 429 páginas intitulada *De la Réalité au monde sensible* [Da realidade ao mundo sensível], que ele apresentou em 1891, na Faculdade de Letras de Paris. "Meu corpo é meu corpo, mas ele não é eu. Ora, se ele não é eu, quer esteja, mesmo estando unido a mim, misturado a mim, a situação em que me encontro é equívoca e falsa. Por um lado, essa matéria unida ao espírito é, para ele, uma serva e uma amiga; por outro lado, é uma estrangeira. Em que estado contraditório e incerto estará o mundo feito de matéria e de espírito?"

Esse brilhante político também tentava definir a fronteira entre o espírito e a matéria quando questionava: "O mundo sensível que vemos, que tocamos, onde vivemos, é real?". Por seu lado, Rimbaud dizia: "Eu é um outro".

Hoje, uma parte da comunidade científica está elaborando incríveis teorias sobre outras possibilidades espaço-temporal e também sobre as energias fundamentais, os campos biogravitacionais auto-organizadores, a relação da consciência com a gravidade e a consideração da variável oculta que falta na organização da matéria. As estruturas convencionais, quer sejam científicas, psicológicas, religiosas ou sociológicas, desabam em um ritmo acelerado, e não se pode deixar de pensar que esse acontecimento não tenha uma incidência no pensamento humano ou, em todo caso, sobre o pensamento das jovens gerações.

"Os novos seres têm um centro mental maior. Os bebês que nascem agora vêm de uma escola mais avançada do que Marte, como o Sol. Essas almas novas vão ajudar para que a Terra não sofra uma mudança brusca demais; elas vão produzir boas ondas", dizia Flávio Cabobianco quando tinha 6 anos.

Dois anos mais tarde, ele confirmava: "A humanidade está mudando. A conexão com o mundo espiritual está mais aberta. Hoje, todas as crianças podem se manter unidas a essa fonte espiritual, à sua essência".



A evolução da matéria

"O que está formado logo se transforma, e se quisermos chegar a uma certa visão viva da natureza, temos que nos manter tão móveis, tão maleáveis quanto o exemplo que ela nos propõe."

Goethe

Metamorfose das plantas

Há cerca de 15 bilhões de anos, a matéria progride para estados de organização cada vez mais elaborados. Em sua visão da evolução da matéria, Pierre Teilhard de Chardin acha que o homem é o eixo principal, a chave da evolução para o que ele chama o "ponto Omega", objetivo supremo da evolução do homem e do cosmos. Para Teilhard, o homem detém a energia necessária para participar da harmonização desse universo.

Mas o que representa precisamente o fenômeno humano? Jean Jaurès também explicava a questão da evolução da humanidade: "Por que a evolução teria chegado ao homem atual e normal em seu último grau?". Segundo Teilhard e o famoso biólogo inglês Julián Huxley, o homem ainda está em sua infância em relação à evolução. Ele deve se tornar "ultra-humano" e cooperar com a obra de Deus, que não pode se completar sem ele.

O filósofo indiano Sri Aurobindo compartilha desse ponto de vista e declara que a existência humana ainda não chegou ao seu fim e que o homem como conhecemos hoje é apenas um esboço daquilo que ele será um dia.

O professor Michel Bounias, bioquímico e biofísico, falecido precocemente em 2003, julgava que: "O erro trágico das religiões talvez tenha sido deixar que o homem acreditasse que ele deveria esperar sua salvação da misericórdia e da potência divinas - mas Deus está preso por correntes das quais, ao contrário, cabe a nós libertá-lo".

Enzio, de 13 anos, declara: "Vim para a Terra para ajudar a humanidade a evoluir. No momento, estou aprendendo a viver neste planeta tão duro, tão denso, mas um dia mostrarei aos outros como se vive nos outros lugares".

Assim, o Universo estaria nascendo. Os homens não se encontram, portanto, no centro de um cosmos finalizado, mas participam de um processo de cosmogênese. O homem evolui ao mesmo tempo que o Universo e a evolução de seu espírito se faz por meio da matéria, pois, caso se possa acreditar no dr. Deepak Chopra: "Não somos

seres humanos que fazem, no momento, uma experiência espiritual. Pelo contrário, somos seres espirituais que vivem uma experiência humana".

Durante séculos, nossa cultura ocidental foi condicionada pelo ponto de vista materialista que considerava o Universo uma gigantesca máquina composta por elementos inanimados. As recentes descobertas da ciência, que revolucionaram nossa visão do cosmos, têm igualmente aberto novas perspectivas sobre nós mesmos.

Finalmente a ciência provou que a matéria como a conhecemos não existe, que ela, na realidade é, como dizia Einstein, apenas uma forma condensada da energia. Para alguns físicos, essa energia em perpétua interação, isto é, a matéria, seria apenas luz condensada. Portanto, é evidente que, se a matéria não é mais verdadeiramente material, é ridículo se agarrar ao materialismo para negar o que existe, mas que ainda não é explicável pela nossa razão racional e cartesiana.

O astrofísico inglês V A. Firsoff, membro da Royal Society, denuncia essa atitude em sua obra, publicada em 1967, *Life, Mind and Galaxies* [Vida, Mente e Galáxias]: "Afirmar a única existência da matéria e rejeitar a do espírito é a mais ilógica das afirmações, absolutamente estranha às descobertas da física moderna que demonstram que não existe matéria no sentido racional do termo".

Ao desejar introduzir a noção de espírito na matéria, alguns cientistas, e não os menos importantes, esperam que uma visão holística vá permitir resolver problemas que parecem insolúveis no momento.

Atualmente, um número cada vez maior de "cientistas", particularmente físicos e psiquiatras, dedica-se aos fenômenos inexplicáveis, portanto, considerados "paranormais"; e, por não poderem explicá-los cientificamente, eles os estudam tentando fazê-los entrar no âmbito de seu conhecimento. "Se eu tivesse outra vida, eu a consagraria ao estudo do ocultismo mais do que à psicanálise", escrevia Freud a seu amigo Ernest Jones.

Carl Gustav Jung* não esperou por uma próxima vida para estudar o que ele chama "o saber absoluto do inconsciente". Em sua obra *Ma vie* [Minha vida], ele constatou: "Ao lado de muitos casos de premonição espontânea, de percepções não espaciais e outros fatos análogos, dos quais relatei exemplos extraídos de minha vida, elas (as experiências) trazem a prova de que às vezes a psique funciona para além da lei causal espaço-temporal; conseqüentemente, as representações que temos do espaço e do tempo e também da causalidade são incompletas. Uma imagem total do Universo exige, por assim dizer, uma nova dimensão; somente então seria possível dar uma explicação homogênea da totalidade dos fenômenos. E por isso que, ainda hoje, os racionalistas persistem em pensar que as experiências parapsicológicas não existem; elas seriam fatais à concepção que eles têm do Universo".

É, em grande parte, graças às suas experiências pessoais que Jung elaborou a teoria da sincronicidade - que se distanciava com muita audácia das concepções mecanicistas do Universo - com o físico Wolfgang Pauli, pai do "Princípio de Exclusão", um dos conceitos-chave da física moderna.

Nossos preconceitos, originários de um antropomorfismo ilimitado e defendidos pela física mecanicista, ainda estão bem enraizados em nossa consciência, mas sabemos, no momento, que tomamos a estrada errada; somos apenas um elo na evolução do cosmos e, sem dúvida, estamos apenas no começo da evolução do homem no Universo. A astronomia destronou o homem do lugar que ele acreditava ocupar no centro desse universo, uma vez que é somente um representante de milhares de seres vivos.

No entanto, esse homem que, para Pascal, não passa de um ser frágil, é um "ser frágil pensante". E é o pensamento que deve permitir ao homem aperfeiçoar sua condição atual para conseguir

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Pensamentos de Jung sobre Deus*, de Ronald R. Dyer, Madras Editora.

chegar a um grau mais elevado de consciência. O homem, que não passa de uma infinita poeira no Universo, é, contudo, o único ser que se questiona e se pergunta por que e como ele existe.

Os gregos já tinham tentado descobrir realidades eternas por trás de nosso universo de formas e de aparências. Pitágoras pensava que existia um reino transcendental de números e de harmonia, sem dúvida mais real do que o nosso. Por sua vez, Platão sugeria que nosso mundo era originário de outro universo com realidades imutáveis.

Com apenas 3 anos, Flávio Cabobianco já exprimia, com suas palavras de criança, sua visão da organização do Universo e de seus diferentes planos de existência. Seus conceitos metafísicos surpreendiam ainda mais seus pais, uma vez que ele jamais recebeu um ensino particular sobre os assuntos dos quais fala com boa vontade: Deus, a reencarnação, o carma, o espaço e o tempo, os mundos espirituais de onde ele vem.

Seguindo o exemplo de Sócrates, que dizia: "Sei que nada sei", os grandes físicos modernos sabem permanecer modestos e conhecem os limites de seu saber. Já os seus precursores confessavam que não sabiam muita coisa do Universo.

J. Robert Oppenheimer, que representou um papel preponderante na pesquisa nuclear, afirma que: "A ciência não oferece lugar para o dogma. Um cientista é livre para se colocar qualquer questão, para questionar qualquer afirmação, para buscar qualquer prova, para corrigir qualquer erro. Ali onde, no passado, a ciência serviu para erigir um novo dogmatismo, esse dogmatismo revelou-se, por sua vez, incompatível com a evolução da ciência e, finalmente, o dogma cedeu, ou a ciência e a liberdade sucumbiram juntas".

Por seu lado, *Sir* John Eccles, Prêmio Nobel de fisiologia e de medicina, confessava: "Temos de aprender a viver com os problemas que vão além de nossa compreensão atual, em vez de negar espontaneamente sua existência ou sua realidade".

É verdade que a ciência moderna não tem mais certeza de deter as respostas corretas para as questões que ela coloca, e os pesquisadores sérios sabem que suas afirmações são apenas aproximações. No entanto, é por meio dessa ciência que o homem busca respostas capazes de conciliar o que ele sabe e o que ele pressente.

Para o físico David Bohm,* que foi o protegido de Einstein, o mundo material que percebemos com a ajuda de nossos sentidos ou de instrumentos variados que aumentam o alcance de nossos órgãos sensoriais é apenas um aspecto da realidade que ele batizou "ordem manifesta". Ele chamou "ordem implicada" a matriz que a gera e que não é acessível nem aos nossos sentidos, nem à investigação científica. Esse modelo de Universo introduz uma mudança radical na compreensão do espaço e do tempo. O espaço conteria uma enorme quantidade de energia. Esse pano de fundo energético que engendra o mundo fenomenal no qual vivemos seria a própria fonte da vida.

Para Bohm, o vazio é o ponto de partida de todas as coisas no Universo, um fluxo sutil, incessante e inesgotável, que não pode ser descrito por nossa linguagem, enquanto o pleno corresponde à nossa realidade visível. No entanto, ele também não pode ser descrito por palavras, pois forma um todo em que a matéria e a consciência são indissolúveis. Tudo se interpenetra, cada parte é o todo. O homem está em interação com os outros homens e com a natureza.

David Bohm pensa que nossa tendência universal a fragmentar o mundo ao ignorar a interconexão de todas as coisas é responsável pela maioria de nossos problemas, tanto na ciência quanto na vida cotidiana. Não somente esse sistema não funciona, mas pode até mesmo conduzir à extinção da espécie humana. Ele também acha que a consciência é a forma mais sutil da matéria. Para ele, o fato de

*N.E.: Sugerimos a leitura de O Pensamento como um Sistema e A Totalidade e a Ordem Implicada, ambos de David Bohm, Madras Editora.

dividir o Universo em coisas vivas e não vivas é ridículo. A matéria animada e inanimada está inseparavelmente intrincada e a própria vida é solidária da totalidade do Universo. "Mesmo uma rocha está de alguma forma viva", diz Bohm, "pois a vida e a inteligência estão presentes não apenas em toda a matéria, mas na energia, no espaço, no tempo e no tecido de todo o Universo. Cada célula de nosso corpo contém o cosmo inteiro, como cada gota de água ou um grão de poeira".

"Você sabe", explicava Ian (de 3 anos) à sua mãe, "eu falo com a árvore e ela me responde. Ela também tem uma alma".

Heloise (de 11 anos) também se dirige às árvores, que igualmente lhe respondem. Às vezes ela permanece horas, deitada contra a casca, acariciá-las.

No seio de nosso universo holográfico, cada parte individual encerra a essência do todo. Essa essência, ou informação, não seria transmitida segundo os modelos do tempo linear, mas pelas partículas individuais que permaneceriam reunidas como elementos da realidade global e indivisível. Nosso universo seria, portanto, o reflexo holográfico de um "hiperespaço" circundante que poderia, por sua vez, refletir outro universo ainda mais vasto, à maneira como são imbricadas as bonecas russas. As partículas que parecem separadas estariam religadas, por meio de um passado comum, no nível da ordem implicada que conteria tudo o que é fundamental e universal. Encontramos aqui o mundo dos "arquétipos" de C. G. Jung.

As especulações de Bohm se aventuram muito longe no inimaginável. Ele chegou à conclusão de que somos nós que construímos o espaço e o tempo.

A NASA descobriu a teoria do campo unificado e confirmou as teses de Bohm e de Pribram sobre a natureza holográfica do Universo. Em cinco anos, entre 1994 e 1999, a NASA estima ter aprendido tanto sobre a física quanto as civilizações que nos precederam há 6 mil anos. Ela está no' centro do mais importante

renascimento científico de nossa história, superando até as recentes descobertas sobre a relatividade e a física quântica, e esse afluxo de conhecimento é exponencial.

Encontramos nessas teorias científicas a visão do cosmos de William, Blake,* poeta e pintor visionário, para o qual cada célula de nosso corpo, assim como cada folha, cada gota de água ou cada grão de poeira, contém o cosmos: "Ver um Mundo em um grão de areia e um Paraíso em uma flor selvagem, segurar o Infinito na palma de sua mão e a Eternidade em uma hora".

Marcos Cabobianco tem também uma visão bem definida do cosmos e a certeza de fazer parte de um Todo. "Deus é tudo, e tudo o que existe é partícula emanada de Deus", diz ele.

Quanto a Etienne Guillé, doutor em ciências, professor de fisiologia-bioquímica, professor e pesquisador na Universidade de Paris-Sud, ele não percebe o homem como uma individualidade isolada, mas como um ser religado ao céu e à terra. Ele denuncia os malefícios de nossa sociedade moderna e devastadora e demonstra que soluções são possíveis.

Essa unicidade e a interação de todas as coisas, demonstrada pela física moderna, é ensinada há milênios pelos filósofos orientais, hinduístas, budistas, taoístas, que aconselham ultrapassar o conceito de indivíduo isolado para se identificar com o cosmos e com a realidade fundamental.

Os hinduístas se referem à ordem implicada como ao Brahma, origem da realidade visível. A exemplo de Bohm, que afirma que a ordem implicada tanto pode se chamar Espírito, os hinduístas nomeiam consciência esse mesmo nível de realidade. Para eles, a consciência não é apenas uma forma sutil da matéria, ela é, principalmente, mais fundamental do que a matéria. Em sua cosmogonia, é a matéria que emerge da consciência. Como ensina os

*N.E.: Sugerimos a leitura de *O Matrimônio do Céu e do Inferno*, de William Blake, Madras Editora.

Vedas, o mundo físico nasce da projeção dos poderes da consciência. Como esse universo material é apenas uma emanção da realidade transitória e não real, os hindus o nomeiam maia, isto é, a ilusão.

"Esta vida é uma ilusão. O que estamos vivendo é uma ilusão. Porque existe apenas a alma que está com Deus", confirmava Flávio, quando era apenas uma criancinha.

Encontramos o mesmo conceito na tradição judaica. A Cabala ensina que a criação inteira é uma projeção ilusória dos aspectos transcendentais de Deus. No *Zohar*, comentário do século XIII da Torá, a criação é descrita pelo verbo *boro*, que implica a ideia de "criar uma ilusão".

O conceito holístico dos xamãs de inúmeros países está em perfeita harmonia com o conceito holográfico de Bohm. Os xamãs reconhecem a interconexão de todas as coisas e sustentam que o pensamento pode afetar outras partes do Universo. Em todos os lugares do mundo, as tradições xamânicas ensinam que existe um fluxo vital, que é a essência de todas as coisas, subjacente das formas visíveis do mundo.

A ideia hinduísta de Maia considera todas as formas como fluidas e em incessante transformação. Quanto à sabedoria chinesa, ela faz da mudança a própria essência do Universo e descarta a noção de repouso absoluto. E com razão, sem dúvida, que o nome do *I-Ching*, livro fundamental do pensamento chinês, foi traduzido como *Livro das Transformações*. O Budismo* acentua o aspecto dinâmico e cambiante da matéria. Para ele, o cosmos é vivo, movente, ao mesmo tempo material e espiritual.

Quanto ao Budismo zen, ele reconhece a indivisibilidade da realidade. Todavia, nessa doutrina, as respostas definitivas não podem ser encontradas nos conceitos intelectuais, mas apenas em um nível de experiência não conceitual.

No século XVI, o poeta John Donne resumia de modo encantador esse conceito de pertencimento ao Todo: "A Morte de qualquer homem me diminui". E o poeta escocês James Thomson confirmava: "Não se toca uma flor sem perturbar uma estrela".

Fritjof Capra, professor de física das partículas elementares na Universidade de Berkeley, diplomado pela Universidade de Viena, também refletiu sobre as similitudes entre as leis da física moderna e a mística oriental. Para ele, as partículas subatômicas que, de acordo com a maneira como são observadas, aparecem ora como partículas, ora como ondas, não são "coisas", mas interconexões entre coisas, e essas "coisas" são, por sua vez, interconexões entre outras coisas, e assim por diante. A teoria quântica revela uma unicidade fundamental do Universo e demonstra a impossibilidade de recortar o mundo em unidades menores, dotadas de uma existência independente.

Seus trabalhos reconduzem à ideia do *bootstrap*. No Universo, qualquer coisa está conectada com todo o resto e é determinada pelas propriedades de todas as outras. Para compreender um fenômeno qualquer, é preciso, portanto, compreender todos os outros, o que vai ao encontro do pensamento filosófico oriental.

A tese holográfica de Karl Pribram, confirmada por espetaculares observações, particularmente no campo da neurofisiologia, confirmaria que a realidade objetiva, de nosso mundo fenomenal, não seria de forma alguma aquela que concebemos há muito tempo. E a famosa experiência do físico Alain Aspect confirmou a "Indivisibilidade do Todo" defendida por Niels Bohr. As partículas que foram reunidas em um determinado momento, e então se separaram, comportam-se, depois dessa separação, como se sempre tivessem dependido uma da outra. Cada uma parece saber o que a outra se torna mesmo quando uma grande distância acentua sua separação. Essa experiência demonstra, portanto, que o tecido de

partículas subatômico que compõe nosso universo parece possuir propriedades holográficas.

Para Pribram, a teoria holográfica é muito próxima da maneira que os místicos e que as filosofias orientais concebem a consciência: "Será necessário um certo tempo antes que nos familiarizemos com uma ordem de realidade diferente daquela do mundo das aparências. Parece-me que algumas das experiências místicas descritas há milênios começam a se mostrar cientificamente plausíveis. Elas anunciam a possibilidade de penetrar uma ordem de realidade (holográfica) que se encontra atrás do mundo das aparências".

Assim, dois pensadores científicos internacionalmente célebres, Pribram e Bohm, chegaram às mesmas conclusões, mesmo trabalhando separadamente em duas disciplinas bem distintas. Outros cientistas, e não qualquer um, como os físicos Bernard d'Espagnat e Brian Josephson, compartilham esse mesmo ponto de vista.

Roger Penrose, criador da teoria dos buracos negros, declara: "A consciência me parece tão importante que não posso simplesmente acreditar que ela tenha surgido acidentalmente por causa de alguns cálculos complicados. É somente o fenômeno pelo qual a própria existência do Universo se faz conhecer".

Como podemos conceber que os átomos possam fazer parte de uma estrutura consciente em certo momento e de um objeto inerte em outro momento? Em que etapa pode se falar de consciência em relação a eles?

Para Trinh Xuan Thuan, "o espírito é complementar à matéria, assim como o aspecto 'partícula' da matéria é complementar ao seu aspecto 'onda'".

E, segundo Karl Popper, a consciência é um fenômeno emergente, não de átomos, mas de sistemas superiores. Muitos cientistas pensam que a consciência humana poderia ser apenas uma expressão da consciência do Universo.

Se o próprio Universo evolui de maneira sensata, é razoável pensar que acontece o mesmo com a Terra, isto é, Gaia. E a James Lovelock que devemos a teoria de Gaia. Para ele, a Terra poderia ser considerada uma entidade autorreguladora que possuiria a capacidade de preservar sua saúde ao controlar seu entorno físico-químico. De acordo com seus trabalhos, a atmosfera, a química dos oceanos, a desagregação das rochas e a estrutura geológica da Terra, todos esses sistemas estão em relação uns com os outros e interagem de maneira a preservar essa surpreendente estabilidade sem a qual a existência e a contínua evolução dos organismos vivos seriam impossíveis. Esse entorno é comparável a um organismo vivo que denominamos igualmente biosfera.

Uma das atividades reguladoras da biosfera consiste em preservar a temperatura planetária nos limites necessários à vida biológica. Nesse processo, a concentração dos "gases estufa", como o gás carbônico nas camadas superiores da atmosfera, parece representar um papel muito importante.

Segundo a hipótese da causalidade formativa, proposta pelo biólogo Rupert Sheldrake, o campo organizador de Gaia pode ser percebido como um campo mórfico. "Esses campos estimulam os organismos em todos os níveis de complexidade - das galáxias às girafas, das formigas aos átomos. Eles estruturam, integram e ordenam os componentes dos organismos, de modo que o sistema completo se desenvolva em harmonia com seus objetivos e finalidades próprios; eles preservam a integridade do sistema e permitem que ele se regenere após uma lesão. [...] Essas atividades reguladoras, como as dos campos mórficos nos sistemas em todos os níveis de complexidade, implicariam um agenciamento de processos, de outra forma, indeterminados e probabilistas."

Segundo Sheldrake, os campos mórficos evoluem no tempo e no espaço e sua ressonância não implica uma transferência de energia de um sistema ao outro, mas antes uma transferência de informação não energética.

Ele compartilha o ponto de vista de Lovelock sobre o cosmos com sua força criadora e sobre a natureza que não é uma máquina, uma entidade inerte, mas um ser vivo do qual fazemos parte. Para ele, uma infinidade de campos molda os diferentes tipos de átomos, de moléculas, de cristais, de organismos vivos, de sociedades, de costumes e de modos de pensamento. Esses campos são regiões de influência não materiais que se estendem no espaço e se prolongam no tempo. Eles encerrariam uma memória de suas existências físicas anteriores, que é cumulativa, o que explica que todas as espécies de fatos se tornem cada vez mais habituais por repetição.

Desse modo, o campo mórfico de Gaia, que conteria uma memória inerente, permitiria a ela edificar hábitos por meio de esquemas de atividade repetitivos. Esses trabalhos também conduzem a uma compreensão mais rica da natureza humana, moldada pela memória coletiva, ligada à Terra e aos céus, à toda forma de vida, e aberta à potência criadora expressa pela evolução. A teoria de campo primordial unificado de Gaia corresponde à antiga noção de alma da Terra.

Mas, quaisquer que sejam os conceitos relativos à natureza de Gaia, a sobrevivência da humanidade depende da dela. Voltamos sempre ao mesmo ponto. Ao longo das eras geológicas que precederam a nossa, os períodos glaciais se sucederam, modificando permanentemente o clima e as condições de vida. Algumas dessas mudanças puderam ser desencadeadas pelas variações da atividade solar.

É graças ao campo gravitacional da Terra que a Lua gira em torno de nosso planeta e esse campo religa este aos campos de gravitação do Sol e dos outros corpos do sistema solar.

Por sua vez, *Sir James Jeans*, astrônomo e físico inglês, afirmava que "a mais sensacional descoberta da física do século XX é o reconhecimento de que não estamos mais em contato com a realidade última. Somos prisioneiros de nossa caverna, com as costas voltadas para a luz e podemos ver apenas sombras na parede". Como já

aconselhava Platão, por que não tentar abandonar as sombras na parede e nos voltarmos para a luz?

E uma pena que o vasto campo da ultraconsciência tenha sido explorado apenas pelos místicos, pois, nesse estado, além da consciência, as propriedades do espírito são muito diferentes daquelas que ele possui em seu estado normal. Essa exploração, caso pudesse ser feita cientificamente, talvez nos provasse que não somos quem acreditamos ser. Mas essa exploração não atrai muito os cientistas bem acomodados em suas evidências e em seus dogmas.

Em seus *Entretiens* [Escritos], Goethe constatava: "Se alguém prossegue com uma novidade que contradiz ou ameaça derrubar o credo recitado e transmitido há anos, os ânimos se levantam contra ele e todos se unem para esmagá-lo. Os homens resistem quanto podem, agem como se estivessem surdos ou incapazes de compreender, falam da nova concepção com desprezo, como se ela não merecesse o mínimo exame e não fosse digna de um olhar: eis como as verdades novas aguardam muito tempo antes de poder abrir um caminho".

Com 5 anos, Anna tentava definir a incapacidade dos homens em compreender alguns conceitos: 'As questões estão em caixas e as respostas que os humanos dão são exatamente do tamanho das caixas. É difícil explicar. As respostas cabem exatamente nas caixas, o mesmo ocorre com as dimensões. Se você coloca uma questão em duas dimensões, a resposta também é em duas dimensões. E como uma caixa, não se pode sair. As questões as enchem até a borda e depois param, é uma prisão".

Em sua obra *Hiperespaço*, publicada nos Estados Unidos em 1994, o físico americano Michio Kaku emite a hipótese de dimensões paralelas, um hiperespaço que desafia a razão. "Mas, por definição", ele constata, "as revoluções científicas desafiam a razão. Se nossas definições 'racionalis' do Universo fossem exatas, a ciência teria resolvido seus mistérios há muitos séculos. E o objetivo da ciência é retirar a camada de aparência que recobre os objetos a fim de

revelar sua natureza profunda. Se a aparência e a realidade fossem idênticas, a ciência não teria qualquer razão de ser".

Muitos físicos estão persuadidos de que não podemos descrever nosso Universo com a ajuda de nossas quatro dimensões convencionais que são demasiado reduzidas. Se acrescentarmos uma quinta dimensão, as equações que regem a luz e a gravidade se reúnem como dois pedaços de um quebra-cabeça enquanto suas leis são incompatíveis em nossas teorias com quatro dimensões.

Para explicar nosso mundo das "aparências", Michio Kaku o compara a um tanque no qual nadam carpas. Já que tendo passado toda sua vida nesse tanque, as carpas imaginam que o universo é limitado pelas paredes do tanque e pelos nenúfares que flutuam na superfície do tanque. Tanto elas quanto nós passamos nossas vidas em dois universos diferentes, ainda que separados somente pela superfície da água. "Penso frequentemente que somos como essas carpas, nadando tranquilamente em seu tanque. Passamos nossa vida em nosso próprio 'tanque', certos de que nosso Universo consiste unicamente naquilo que podemos ver e tocar. Como para a carpa, nosso universo é para nós o que é familiar e visível. Recusamo-nos a admitir que possam existir outros universos ou outras dimensões bem perto de nós, quase ao nosso alcance. E porque não podem ver as vibrações que preenchem o espaço que nos cerca que nossos cientistas inventam conceitos como 'forças'. Alguns cientistas riem quando mencionamos outras dimensões simplesmente porque são incapazes de medi-las em seus laboratórios."

Einstein compartilhava esse ponto de vista quando perguntava: "O que sabe um peixe sobre o mar no qual ele evolui durante toda sua vida?".

Dessa forma, nossa visão determinista e mecanicista do Universo, que, no entanto, domina algumas disciplinas científicas, é absolutamente passadista e anacrônica, e não repousa mais em qualquer base real.

Poderíamos resumir as descobertas atuais em algumas frases que deveriam mudar nossa maneira de pensar: a matéria não é mais "material", a consciência e a energia são uma única e mesma coisa, o Universo não pode ter nascido do "acaso", a evolução também não se deve apenas ao "acaso", e a consciência não é emitida pelo cérebro e encerrada em sua matéria.

A observação se detém, portanto, nas aparências do Universo. Sua realidade ainda deve ser compreendida, ela escapa aos nossos sentidos limitados, mas uma visão holística talvez permitisse resolver problemas que parecem insolúveis no momento.

Aos 7 anos, ajudado por seu irmão, Flávio Cabobianco desenhou um esquema do Universo que aperfeiçoou aos 9 anos. Ele o separou em dois níveis, um abstrato, que chamou de "inconcreto", e outro manifesto, concreto, com diferentes planos que vão dos seres primordiais, "matéria-prima das almas", e do *Logos*, realizador do pensamento divino, até o plano inferior, astral, mental, emocional e, enfim, físico. "É o nível mais denso, mais mesclado, mais complexo, não há barreiras. Ele é delimitado pelo tempo e pelo espaço. Nesse nível, os humanos desenvolvem seu ciclo de nascimento-morte. Ali também coexistem entidades astrais positivas e negativas, e seres que organizam as formas da vida psíquica. Esse nível, de nosso ponto de vista, é o nível inferior, a base da Torre do Universo. Mas é também o nível mais alto em densidade e em condensação da matéria. Ou seja, visto do nível do inconcreto, é o ponto em que reina a maior concentração do divino."

Aos 8 anos, ele acrescentou muitos detalhes e, aos 9, comentários sobre seu esquema do Universo. Mais tarde, deram-lhe um computador.

Louis de Broglie escreveu: "Não podemos jamais esquecer quanto nossos conhecimentos permanecem limitados e a que evoluções imprevistas eles são suscetíveis. Caso a civilização humana subsista, a física poderá em alguns séculos ser tão diferente da nossa quanto é da física de Aristóteles. Talvez as concepções ampliadas às quais

teremos então chegado nos permitirão englobar em uma mesma síntese, na qual cada um virá encontrar seu lugar, o conjunto dos fenômenos físicos e biológicos. Se o pensamento humano, que eventualmente se tornou mais poderoso por alguma mutação biológica, pudesse um dia se elevar até lá, perceberia então, sob sua verdadeira luz que ainda não suspeitamos, a unidade dos fenômenos que distinguimos com ajuda de adjetivos 'físico-químicos', 'biológicos' ou mesmo 'psíquicos'".

Quanto a Teilhard de Chardin, em seu *Hino do Universo*, ele homenageava a matéria: "Sem você, Matéria, sem seus ataques, sem seus de-senraizamentos, viveríamos inertes, estagnados, pueris, ignorantes de nós mesmos e de Deus. Você que machuca e que cuida, você que resiste e que se curva - você que abala e que constrói -, você que acorrenta e que libera... Eu a saúdo, inesgotável capacidade de ser e de Transformação onde germina e cresce a Substância eleita. Eu a saúdo, universal potência de aproximação e de união, por onde se une a multidão de nômades e na qual ela converge sobre todas as estradas do Espírito. Eu a saúdo, fonte harmoniosa das almas, cristal límpido do qual é extraída a Nova Jerusalém".

Em seu *Journal*, Julien Green observa: "Nossa alma, que conhecemos tão mal, está muito mais a par do que se passa no invisível do que nossa razão percebe". Tentemos deixar falar nossa alma e conhecê-la melhor, uma vez que ela saberia mais do que nosso cérebro, algo que parece evidente a qualquer ajuizado.

Por sua vez, Louis Pauwels afirma que o espírito da Terra, a alma do vivo, não acabou de emergir e que a consciência individual realmente despertada entra no universal. A vida pessoal, inteiramente concebida e utilizada como instrumento de despertar, funde-se sem prejuízo na vida coletiva. "Afinal, não se diz que a constituição desse ser coletivo é o termo definitivo da evolução. Os pessimistas, diante das grandes mudanças visíveis que essa secreta emergência produz, dizem que é preciso pelo menos tentar 'salvar o

homem'. Mas esse homem não deve ser salvo, ele deve ser mudado. O homem da psicologia clássica e das filosofias em curso já está ultrapassado, condenado à inadaptação. Mutação ou não, é um homem diferente deste que convém entrever para ajustar o fenômeno humano ao destino em andamento. A partir de então, não   questão de pessimismo, nem de otimismo,   questão de amor."

Mas o amor incondicional   um estado que cada vez mais falta ao homem moderno que não tem tempo de amar.

Flávio, que tem tempo para amar, dizia aos 5 anos: "O ódio é o amor comprimido. O amor, ao contrário, não é nem acumulado nem separado, ele é normal".

TERCEIRA PARTE

Eis Chegado o Tempo dos Mutantes



Uma nova humanidade

*"Aquele que não sabe e que não sabe que não sabe,
fuja dele. Aquele que não sabe e que sabe que não
sabe, eduque-o. Aquele que sabe e que sabe que não
sabe que ele sabe, desperte-o.
Aquele que sabe e que sabe que sabe, siga-o."*

Provérbio chinês

A evolução biológica da espécie humana parou há aproximadamente 50 mil anos. Em estrutura e em volume, nosso corpo e nosso cérebro são os mesmos que durante a pré-história, e seu desenvolvimento não tem nada a ver com a genética, ele permanece essencialmente social e cultural.

Nossa civilização nos fez perder o contato com nossas raízes mais do que qualquer outra cultura no passado, e essa separação se manifesta por uma prodigiosa divergência entre nosso desenvolvimento intelectual e nossos conhecimentos científicos por um lado, e nossa falta de sabedoria e de ética, por outro. Acabamos chegando a uma situação absurda, pois, se somos capazes de enviar máquinas ao espaço ou aos planetas distantes, se nossos computadores realizam milagres, permanecemos, no entanto, incapazes de nos dar os meios de controlar os dejetos radioativos ou mesmo de gerenciar as emissões poluentes de nossos carros e de nossas usinas.

Aliás, se ao longo do século XX registramos fabulosos progressos tecnológicos, faz 2.500 anos que não evoluímos um milímetro no plano moral e espiritual.

Hoje em dia, é indiscutível que a hereditariedade é transmitida pelos genes, que são perfeitamente protegidos contra o meio

externo. No entanto, parece que as radiações ionizantes, os raios cósmicos e mesmo alguns venenos podem afetá-los. Assim, temos observado que a frequência das mutações é proporcional à intensidade da radioatividade que hoje é superior àquela do começo do século passado. Assim, entre outras causas, a radioatividade poderia provocar uma modificação dos genes em alguns indivíduos.

Jack Dupré, ao mesmo tempo cabalista e cientista do Conservatório Nacional das Artes e Ofícios, coloca a questão:

"Essas crianças *índigo* seriam assim em razão de alguma mudança banal da Terra, ou então elas e nosso planeta estariam sofrendo a ação de um fator que vai além - e muito! - de nosso imediato entorno? Uma das prerrogativas desses pequenos fenômenos não seria a de revelar e a de encarnar, enfim, a natureza majestosa e sagrada da dita radioatividade (a atividade radiante), o Verbo de São João?"

Em sua obra intitulada *The Nature of Living Thing* [A Natureza do Vivo], dois cientistas americanos, C. Brooke Worth e Robert K. Enders, tentaram demonstrar que uma nova raça de homens, geneticamente diferentes e dotada de poderes intelectuais superiores, está nascendo.

Por sua vez, o geneticista Lewis Terman estudou durante 30 anos as crianças prodígios. Sobre isso, ele tirou conclusões bastante semelhantes. Ao passo que antigamente a maior parte das crianças prodígios perdia seu dom ao atingir a idade adulta, parece que atualmente elas se tornam adultos de uma inteligência incomparável, com uma atividade 30 vezes superior à normal e com um "índice de sucesso" que seria multiplicado por 25. Por outro lado, sua saúde é perfeita, assim como seu equilíbrio, tanto sentimental quanto sexual, e eles parecem ignorar o câncer e escapar das doenças psicossomáticas. O fenômeno é tão manifesto que o dr. Sydney Pressey, da Universidade de Ohio, dedicou-se à instrução dessas crianças precoces que, segundo ele, poderiam prover 300 mil espíritos superiores por ano.

Já em sua obra *O Despertar dos Mágicos*, Louis Pauwels contava que, durante o inverno de 1956, o dr. J. Ford Thomson, psiquiatra do serviço de educação de Wolverhampton, recebeu em seu consultório um garotinho de 7 anos que inquietava muito seus pais e seu professor.

"Ele evidentemente não tinha à sua disposição as obras especializadas, escreve o dr. Thomson. E, se as tivesse tido, teria conseguido apenas lê-las? No entanto, conhecia as respostas exatas aos problemas de astronomia de uma extrema complexidade."

Estupefato com o caso, o médico decidiu medir o nível de inteligência dos alunos ao estudar 5 mil crianças em toda a Inglaterra, auxiliado em sua pesquisa pelo Conselho de Pesquisa Médica do Reino Unido, pelos físicos de Harwell e por inúmeros professores de universidades. Depois de 18 meses de trabalho, pareceu-lhe certo que se produzia "uma brusca elevação da febre da inteligência".

O dr. Thomson esclarece: "Nas últimas 90 crianças de 7 a 9 anos que interrogamos, 26 tinham um coeficiente intelectual de 140, o que equivale ao gênio, ou quase. Creio que o estrôncio 90, produto radioativo que penetra no corpo, poderia ser o responsável por isso. Esse produto não existia antes da primeira explosão atômica".

A respeito das consequências de Chernobyl, um artigo publicado no *Le Monde diplomatique*, de 20 de abril de 1996, assinalava que ratos estudados nesse local trazem em seu DNA a marca de uma "evolução fenomenalmente acelerada", ou seja, "uma evolução comparável àquela que normalmente aconteceria ao final de dez milhões de anos".

Segundo pesquisadores de Harvard, essas mudanças genéticas explicam em parte a abundância de animais na zona de exclusão. Um deles relatava sua impressão: "O campo entorno de Chernobyl será repovoado nos próximos anos, mas muito mais por plantas, insetos e ratos geneticamente adaptados do que por humanos".

E isso não impede os humanos de se adaptarem às novas condições de vida quando escapam do perigo nuclear imediato, isto é, o

câncer. Essas novas gerações de irradiados reforçam ao mesmo tempo e na mesma proporção suas defesas naturais ao se modificar para sobreviver imunizados e protegidos por novos anticorpos.

Nos arredores de Chernobyl, árvores com protuberâncias cresceram ao longo da primavera de 1986. Folhas de plátano dobraram de volume, bem como outras espécies vegetais. Na cidade de Tcharnov, apareceram flores jamais vistas antes.

Alguns dias depois da explosão do reator número 4, camponeses mostravam ovos de galinhas grandes como bolas de tênis.

O mesmo fenômeno havia acontecido em Three Mile Island, nos Estados Unidos, depois da catástrofe da central da Pensilvânia, onde as beterrabas decuplicaram e as folhas do plátano triplicaram de volume.

A poluição radioativa mostrou-se, portanto, um poderoso estimulador de crescimento, como já aconteceu em Hiroshima e na ilha de Bikini, onde novas espécies vegetais surgiram.

Vindas de regiões irradiadas, as baleias podem se comunicar por vibrações a uma distância de dez mil quilômetros e formar nos oceanos verdadeiras redes de comunicação. Elas parecem ter, atualmente, uma consciência telepática que lhes permite a comunicação instantânea.

Assim, é possível que uma nova raça de mutantes tenha adquirido, nestes últimos anos, uma consciência diferente e percepções inusitadas, bem como um corpo novo mais bem adaptado às transformações do meio ambiente.

A NASA já cultivou no espaço linfócitos que produzem as imunoglobulinas que auxiliam na luta contra as infecções e o câncer. Na ausência de gravidade, as bactérias se reproduzem de uma maneira que aumenta a resistência de seus brotos aos antibióticos. Quando há cruzamentos, elas trocam grandes quantidades de DNA por meio de suas membranas, isto é, uma grande parte de seu código genético. Isso produz mutações, mais

frequentes de uma geração à outra, e os bebês bactérias aprendem a viver em meio hostil, a resistir, portanto, aos antibióticos.

Não se exclui que esse comportamento possa se estender ao homem que integra todas as modificações da radioatividade. O que permitiria supor que os acidentes nucleares e os banhos de radioatividade aos quais a humanidade está submetida há mais de 50 anos - e que sempre nos parecem aterrorizantes - seriam apenas terríveis movimentos de aceleração da evolução, cuja finalidade ainda escapa à nossa compreensão.

Não nos esqueçamos de que, em ucraniano, Chernobyl quer dizer "absinto", e Absinto é o nome da estrela que lança seu fogo sobre a Terra, no Apocalipse de João. Em grego, essa palavra significa "revelação". E a Bíblia nos aponta que um grande astro de fogo cai do céu, que um terço das águas se transformou em absinto e que muitas pessoas morreram por causa dessas águas que se tornaram amargas. Essa descrição poderia muito bem se aplicar às catástrofes nucleares e à contaminação da população.

As explosões atômicas geram, sem dúvida, efeitos cumulativos, e as radiações que elas propagam multiplicam suas consequências de maneira exponencial. Além do mais, durante três quartos de século, o rádio foi utilizado em todas as partes do mundo sem qualquer controle sério. Uma vez que não temos qualquer ideia dos efeitos a longo prazo dessa radiação sobre a espécie humana, inúmeras indústrias utilizam normalmente tanto os raios X quanto alguns produtos químicos radioativos. Na realidade, somos absolutamente ignorantes em matéria de mutações.

No entanto, nem todas são necessariamente desfavoráveis. Ao longo de uma conferência atômica em Genebra, *Sir Ernest Rock Carling*, patologista ligado ao Home Office, declarava: "Pode-se também esperar que, em uma proporção limitada de casos, essas mutações produzam um efeito favorável e gerem crianças gênios. Com o risco de chocar a distinta assistência, afirmo que a mutação que nos dará um Aristóteles, um Leonardo da Vinci, um Newton ou

um Einstein, compensará amplamente as 99 outras que terão efeitos bem menos agradáveis".

Sem aderir às ideias eugenistas desse médico, essas propostas não podem nos deixar indiferentes, pois, para ele, mutações são inevitáveis.

Entre essas mutações, a do DNA ainda deve ser estudada, pois as *índigo* parecem ter um DNA particular.

O DNA, ou ácido desoxirribonucleico, presente em cada uma das células do corpo e portador da informação genética da espécie ou do indivíduo, é composto por substâncias químicas que formam uma espécie de alfabeto. As palavras assim criadas por essas letras são apenas os aminoácidos, absolutamente essenciais à vida. Uma vez que seus quatro ácidos nucleicos estão reunidos em grupos de três, o DNA humano comporta, portanto, 64 códons, isto é, 64 combinações possíveis, que permitem codificar 20 aminoácidos. O que indicaria que alguns códons são redundantes, ou que desempenharam uma função do passado, ou, ainda, que se trata de um excedente simplesmente bom para ser jogado na lixeira.

Mas também não está fora de questão pesquisar a utilidade desses códons no futuro. Uma vez que, segundo alguns pesquisadores, as *índigo* pareceriam ter quatro códons diferentes, pode-se imaginar que estes últimos servem para codificar de um a quatro aminoácidos novos, e, portanto, já que esses ácidos são os constituintes principais das proteínas, poderia ser que aparecessem nas crianças novas proteínas, dotadas de propriedades excepcionais e capazes, principalmente, de aumentar as defesas imunológicas. De forma que um aumento de DNA poderia ser codificado entre essas crianças e seus genes poderiam guardar menos íntrons, sinal de superioridade evolutiva. Pode-se assim imaginar que estamos assistindo a uma verdadeira mutação do ser humano.

Há alguns anos, aconteceu no México um Congresso Mundial de Genética cujo principal assunto era a modificação do DNA.

Segundo os participantes, estaríamos vivendo uma modificação evolutiva, mas ainda não sabemos em que consiste essa mudança.

Alguns pesquisadores adiantam até mesmo a ideia de que, além desses quatro códons diferentes, as crianças *índigo* poderiam apresentar uma nova hélice de DNA, o que representaria uma segurança suplementar diante dos problemas de mutações de DNA. Com efeito, essa hélice suplementar poderia substituir uma hélice defeituosa, permitindo, assim, a produção de uma proteína normal, apesar das mudanças que poderiam intervir no genoma.

Mas poderia acontecer também, e essa hipótese é sedutora, de se tratar de um novo campo magnético.

Alguns pesquisadores também emitiram a ideia de que o DNA permitiria mudar a consciência. Então, por que não supor que uma vez que o DNA é um excelente condutor de eletricidade e que forma, portanto, um campo magnético, é graças à sua consciência que as *índigo* conseguem modificar seu DNA? Isso explicaria essa extraordinária resistência que elas apresentam às doenças, inclusive em relação à contaminação pelo HIV

Cada pensamento modifica o potencial de hidrogênio de uma parte do cérebro, que, por sua vez, transforma o potencial elétrico dos fluidos presentes entre as membranas da célula humana. Possuímos uma centena de bilhões de células no corpo, sendo cada uma semelhante a uma microassociação elétrica que analisa as informações recebidas a todo instante. É evidente que essas células podem, então, modificar o estado de um órgão, isto é, o conjunto do corpo, uma vez que este último não é constituído por um certo número de órgãos independentes, mas por um conjunto perfeitamente dependente que emite um campo energético. Não é mais o caso de opor dois aspectos de uma mesma realidade, mas de compreender de que maneira eles se mesclam.

"Alguns estudos provam que a meditação pode reforçar nosso sistema imunológico", anunciava John Fauber no *Milwaukee Journal Sentinela* em 3 de fevereiro de 2003. É a primeira vez que alguns

cientistas conseguem avaliar as mudanças benéficas produzidas pela meditação em nosso sistema imunológico bem como na atividade cerebral.

O estudo foi conduzido pela Universidade de Wisconsin-Madison, em um grupo de 25 empregados da empresa de biotecnologia Promega, em Fitchburg, Massachusetts, que praticaram um programa de oito semanas de meditação. Depois desse período, injetaram-lhes o vírus da gripe, bem como em outras 16 pessoas que não faziam parte do programa de meditação. Quando os anticorpos foram procurados, de um a dois meses mais tarde, aqueles que tinham praticado a meditação tinham uma taxa de anticorpos bem mais elevada do que os outros. "Algumas mudanças duraram quatro meses após o fim dos testes", observa Richard Davidson, professor de psicologia e de psiquiatria da universidade que dirigiu o estudo.

Em média, aqueles que praticam a meditação aumentam seus anticorpos em 5%, mas alguns podem atingir 25%, esclarece o dr. Davidson. O estudo deveria ser publicado no jornal *Psychosomatic Medicine*.

Os pesquisadores presumiam que a meditação poderia melhorar o sistema imunológico há vários anos. Assim, a partir de 1995, um estudo publicado no *British Journal of Sports Medicine* demonstrou que a meditação poderia suprimir os efeitos do estresse no sistema imunológico. Outro estudo, da mesma época, publicado no jornal *Psychological Reports*, demonstrou que a meditação e a hipnose melhorariam algumas células nos homens com HIV positivo.

Por meio das crianças *índigo*, poderíamos estar assistindo a uma mutação da humanidade, a menos que se trate apenas de um epifenômeno, o que seria surpreendente.

As mudanças de DNA são raras, mas já foram produzidas em relação ao sangue humano. Com efeito, há cerca de 15 mil anos, existia um único tipo sanguíneo no homem, qualquer que fosse sua

raça ou a cor de sua pele, era o tipo O. Naquela época, os homens se alimentavam quase que exclusivamente de carne.

Mais tarde, quando se tornaram sedentários, os homens cultivaram grãos e legumes, e sua alimentação se transformou pouco a pouco. Essa mudança de dieta causou uma mutação de seu DNA, e um novo sangue apareceu, entre 25 e 15 mil anos a.C, o tipo A.

Ao longo dos milênios, o tipo sanguíneo humano mudou ainda várias vezes, influenciado pela dieta e talvez também as mudanças do clima. O grupo B apareceu entre 15 e 10 mil anos a.C. nos altos platos do Himalaia, e esse grupo é aquele que possui os limites geográficos mais exatos. Ele é encontrado principalmente na Ásia e é muito mais raro na Europa ocidental. Quanto ao grupo AB, ele representa menos de 5% da população mundial e existe apenas há um pouco mais de mil anos.

Desse modo, temos atualmente quatro grupos sanguíneos, mas ignoramos se um novo grupo vai aparecer por causa de nossas mudanças alimentares e do meio ambiente. Nosso sangue veicula uma infinidade de memórias genéticas, de informações legadas por nossos ancestrais e é ele que determina nossa resistência às agressões exteriores, quer se trate de vírus e de bactérias, ou de agressões químicas ou psicológicas.

Voltando às recentes mutações genéticas, a primeira delas foi descoberta na China em 1974, em um rapaz que podia "ver" com suas orelhas. Na mesma época, outras crianças manifestaram as mesmas possibilidades. O porta-voz do governo chinês afirmou então que, quando vendavam os olhos dessas crianças, elas podiam ver sem esforço com suas orelhas, seu nariz, sua boca, suas axilas, suas mãos ou seus pés. Cada criança era diferente, mas todas "viam" perfeitamente.

Dessa maneira, na China, as crianças dotadas de poderes paranormais são legião. Paul Dong e Thomas E. Raffill repertoriaram em sua obra *China 's Super Psychics* [As superpsíquicas da China] o que acontece no Oriente em relação a essas novas crianças psíquicas.

Quando a direção da revista americana *Omni* ouviu falar desse fenômeno, ainda que estivesse persuadida de que se tratasse de uma fraude, enviou para esse país uma equipe para observar alguns desses pequenos gênios que acabamos de revelar. Seguros de suas suspeitas, os enviados da *Omni* testaram as crianças com os mais rigorosos cuidados, ao verificar os mínimos detalhes, e o artigo foi publicado no número de janeiro de 1985.

Um dos testes consistia em escolher ao acaso um livro em uma pilha, para, em seguida, abri-lo em uma determinada página, também ao acaso. A página era então rasgada e amassada, depois enrolada como uma bolinha e, enfim, colocada sob a axila de alguém. Enquanto suas palavras eram anotadas, as crianças decifraram cada palavra do texto como se elas o lessem. As frases eram perfeitamente idênticas! A equipe da *Omni* teve de admitir a realidade do fenômeno, mas ninguém conseguiu explicá-lo. Outras revistas, entre as quais a prestigiosa e muito séria *Nature*, também enviaram especialistas para testar essas crianças e tiveram de reconhecer a autenticidade do fenômeno.

Segundo Paul Dong, esses jovens também deram provas de outras capacidades psíquicas igualmente bastante difíceis de admitir. Desse modo, durante uma demonstração particularmente espetacular, enquanto cada um dos quase mil espectadores havia recebido um botão de rosa na entrada, uma garotinha de cerca de 6 anos andou sozinha até o meio do palco e ficou de frente para o auditório. Sem dizer uma palavra, ela fez um pequeno sinal com a mão e cada botão começou lentamente a se abrir até se tornar uma rosa desabrochada. Esse fato aconteceu várias vezes.

Paul Dong relata também como 5 mil jovens crianças, todas testadas com cuidado pelos representantes do governo chinês, conseguiram desmaterializar pílulas que se encontravam no interior de uma pequena garrafa selada, para materializá-las novamente sobre a mesa, ao lado do frasco vazio, mas ainda selado. A sessão foi gravada por uma câmera.

Segundo os oficiais chineses que dirigiram a experiência, esses jovens superdotados teriam sido capazes de mudar uma molécula de DNA diante de uma equipe científica munida de aparelhos que puderam gravar esse feito extraordinário. Em seu livro, Paul Dong cita outras faculdades psíquicas manifestadas por essas crianças.

Enquanto o número desses jovens superdotados aumentava consideravelmente na população, o governo chinês levou dez anos para admitir esses prodígios; mas, em 1997, ele havia identificado mais de 100 mil "superpsíquicos". Quando finalmente compreendeu o que representavam essas surpreendentes faculdades, ele abriu escolas para ajudar essa extraordinária geração.

Atualmente, nesse país, cada vez que se descobre uma nova criança com esse tipo de poder, ela é enviada a uma dessas escolas. A esse respeito, um fato é relevante: quando crianças "normais" são colocadas na presença desses superdotados, elas se tomam capazes de realizar os mesmos feitos.

Isso nos lembra o que aconteceu, há mais de 20 anos, com Uri Geller, o célebre sensitivo israelense, ou, na França, com Jean-Pierre Girard, ambos capazes de entortar objetos de metal simplesmente olhando-os. Ao longo de alguns programas de televisão, centenas de jovens que assistiam a eles haviam, por sua vez, entortado objetos de metal, simplesmente ao ver o fenômeno acontecer diante deles. Por sua vez, foi ao observar Uri Geller na televisão que Jean-Pierre Girard descobriu seus próprios dons.

O mesmo tipo de acontecimento ocorreu na cidade do México, onde cerca de mil jovens também puderam ler com diferentes partes de seu corpo. Essas crianças mexicanas são capazes de ver com as mesmas partes do corpo que as crianças chinesas. Portanto, é possível que a mutação do DNA tenha ocorrido em vários continentes.

Depois dessa proeza, 15 crianças europeias dotadas de poderes supranormais também foram testadas pelo Stanford Institute que nunca pôde detectar a mínima fraude. Os resultados dessas

pesquisas, conduzidas por essa prestigiosa universidade, foram publicados na revista *Nature* de outubro de 1974. O *New York Times* comentou o acontecimento e observou que a comunidade científica tinha sido obrigada a aceitar a existência das percepções extrassensoriais. Todavia, a ciência oficial ainda se recusa a aceitar a veracidade dessa percepção e das capacidades psíquicas.

Drunvalo Melchizédek estudou física na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Em seu livro *Le Secret de la fleur de vie* [O segredo da flor da vida], ele conta como, em julho de 1999, em Denver, no Colorado, uma jovem mexicana de 18 anos, chamada Inge Bardor, pôde demonstrar diretamente sua capacidade de ver com as mãos ou pés.

Seus olhos foram vendados, depois foram colocadas sob seus pés fotografias de participantes que se encontravam na sala. Ela pegou uma foto, primeiro a descreveu corretamente como se a tivesse olhado com os olhos e, em seguida, deu informações que era impossível que ela conhecesse pelos meios normais. Ela também forneceu informações precisas sobre o lugar onde a foto fora tirada e acerca do que se encontrava fora do campo da câmera fotográfica, como a presença de um lago ou de um prédio em particular.

Ela ainda conseguiu descrever a pessoa que havia segurado a câmera, as roupas que ela usava naquele dia e até mesmo o que estava pensando no momento da cena. Quando lhe apresentaram uma foto feita no interior de uma casa, ela foi capaz de passear psiquicamente no interior e descreveu o que ali existia.

Melchizédek conta igualmente que, em setembro de 1999, quando se encontrava na Rússia, teve a oportunidade de discutir sobre essas crianças com muitos cientistas russos que lhe confirmaram, em particular, que o que acontece na China também acontece na Rússia. "Atualmente, milhares de jovens russos demonstram o mesmo tipo de capacidades psíquicas. Estou convencido de que esses três novos tipos de humanos (e talvez mais) constituem realmente um

fenômeno mundial, algo que mudará para sempre a experiência humana sobre o planeta Terra."

Trata-se de uma mutação da espécie humana? Estamos assistindo ao surgimento de seres que ainda se assemelham a nós, mas que já são diferentes?

Entre esses imitantes ainda imperfeitos, algumas notáveis qualidades mentais se mesclam a alguns defeitos físicos, mas as capacidades excepcionais dessas crianças as distinguem das outras e, sobretudo, das gerações precedentes. Se essas crianças não podem mudar o nosso mundo, ninguém mais poderá fazê-lo, pois esses seres se revelam perfeitamente capazes de demonstrar seu poder sobre a matéria. É possível que seu pensamento possa se materializar, tornar-se realidade. Essa ação se explica graças ao teorema de Bell, que confirma que "as partículas estão reunidas de maneira íntima e imediata", isto é, fora do espaço e do tempo no nível do campo magnético.

E, como observa a bióloga Jacqueline Bousquet: "Vamos passar por tempos em que nosso pensamento será 'funcionar no mesmo momento, e, como somos o resultado de nossos pensamentos passados, eles não estarão mais 'não adaptados ao presente', o que quer dizer que nossos conceitos se realizarão muito rápido. Portanto, cuidado com o que aceitamos acreditar, é o momento de acreditar nos milagres!".

Em seu livro intitulado *WalJáng between the Worlds, The Science of Compassion* [Andar entre os mundos, a ciência da compaixão], Gregg Braden se debruça, por sua vez, sobre o problema das "crianças da Aids" que teriam mudado seu DNA por causa do HIV ou vírus da Aids.

"Se nós nos definimos geneticamente, essa nova espécie parece diferente em relação ao DNA, ainda que a aparência física dessas pessoas, que poderão ser nossas amigas ou até mesmo nossos filhos, seja normal e sem características visíveis particulares. No nível molecular e para além daquilo que os olhos podem perceber, essas

crianças começaram a encarnar nelas mesmas possibilidades genéticas que não existiam há alguns anos. Existe, na literatura científica, um fenômeno que se chama mutação genética espontânea. 'Espontânea' porque essa mutação parece ter acontecido ao longo da vida atual do indivíduo para fazer frente a alguma ameaça, e não ter aparecido como um novo código no nascimento. Nesses casos específicos, parece que o código genético aprendeu a se exprimir de uma nova maneira, o que permite ao indivíduo poder sobreviver."

Para a maior parte dessas crianças, o sistema imunológico é muito superior à média, mas sua imunidade contra uma infecção pelo vírus da Aids pode se revelar às vezes até 3 mil vezes superior à normal.

Os resultados de um estudo, publicados na *Science News*, de 17 de agosto de 1996, confirmam que cerca de 1% da população testada desenvolveu atualmente mutações genéticas que a tornam resistentes à infecção pelo HIV

Caso confiemos nas afirmações de Gregg Braden, podemos considerar que 60 milhões de crianças e de adultos em toda parte do mundo, isto é, 1% da população mundial, encontraram um meio de mudar seu DNA e de se imunizar contra a Aids. Seu sistema imunológico revela-se sem falhas. Depois de ser testadas contra outras infecções, pôde-se constatar que elas podem resistir à maior parte das doenças. E evidente que muitas experiências ainda devem ser realizadas.

Alguns pesquisadores também descobriram que um número cada vez maior de adultos mudou exatamente da mesma maneira que essas crianças, reforçando seu sistema imunológico.

Drunvalo Melchizédek explica essa mutação por meio do conhecido exemplo do centésimo macaco. Ao querer retirar os grãos de areia da alimentação que lhe jogavam em uma praia do Pacífico, um jovem macaco começou a lavar sua batata na água do mar antes de comê-la. Pouco a pouco, os outros macacos começaram a imitá-lo e

esse fenômeno de lavagem do alimento se espalhou em um único dia por todas as ilhas vizinhas, povoadas por colônias de macacos. Posteriormente, ele acabou chegando até mesmo ao continente japonês.

Esse fenômeno tem a ver com a teoria do campo morfogenético que existe em torno da Terra e une os seres entre si. Desse modo, inúmeros casos provam que invenções acontecem ao mesmo tempo em pontos muito distantes uns dos outros, e por pesquisadores que se ignoram totalmente.

A partir de um certo ponto - como uma massa crítica de indivíduos denominada "o centésimo macaco" -, é possível que esse princípio se aplique às mudanças do DNA das crianças *índigo*. "E, de acordo com o princípio do centésimo macaco, nós também nos tornaríamos tão capazes quanto eles", conclui Melchizédek.

Aliás, a conscientização já está acontecendo e a mutação dos cidadãos do mundo se realiza lentamente, ao que parece. Já somos muitos a compartilhar o desejo de mudança e cada um de nós sente intuitivamente essa urgência. Um estudo americano tende a provar que 26% dos adultos americanos já teriam efetuado essa grande mutação dos novos tempos, depois de terem se conscientizado da necessidade de cultivar em si mesmos uma dimensão interior, que de bom grado qualificam como espiritual.

Em 1942, o escritor André Breton, pai do Surrealismo, também abordava esse problema: "O homem talvez não seja o centro, o alvo do Universo. Podemos até acreditar que existem, acima dele, na escala animal, seres cujo comportamento lhe seja tão estranho quanto o seu pode parecer a uma mosca ou a uma baleia. Nada se opõe necessariamente a que seres escapem de maneira perfeita ao seu sistema de referências sensorial em benefício de qualquer tipo de camuflagem que queiramos imaginar, mas cuja teoria da forma e o estudo dos animais miméticos colocam por si mesmos essa possibilidade".

Para ele, é evidente que essa ideia desemboca em um amplo campo especulativo. "[...] não seria impossível, ao longo de uma vasta obra, que nunca deveria parar de presidir a indução mais audaciosa, aproximar até tornar verossímeis a estrutura e a complexão de tais seres hipotéticos, que se manifestam obscuramente a nós no medo e no sentimento do acaso."

Emile Duclaux, antigo diretor do Instituto Pasteur, colocava-se o mesmo tipo de questão: "Talvez à nossa volta circulem seres construídos no mesmo plano que nós, mas diferentes, homens, por exemplo, cujas albuminas seriam retas".

Refugiando-se na "lógica", alguns pensam que, se os indivíduos superiores vivessem entre nós, isso se saberia. Em um editorial da revista *Astounding Science Fiction*, publicado em 1941, John W. Campbell demonstrava que isso não é evidente: "Ninguém vai ao médico para declarar que está magnificamente bem. Ninguém irá ao psiquiatra para lhe anunciar que a vida é um jogo fácil e delicioso. Ninguém baterá à porta de um psicanalista para declarar que ele não sofre de nenhum complexo". Também ninguém vai gritar em plena praça que é diferente, sobretudo se ele é realmente mais evoluído que nós e tem consciência disso.

A esse respeito, Louis Pauwels explica, ainda no livro *O despertar dos mágicos*: "Um homem genial, que pertence à nossa espécie, um Einstein, por exemplo, publica os frutos de seus trabalhos. Ele se faz notar. O que lhe vale muitos aborrecimentos, hostilidade, incompreensão, ameaças, o exílio. Einstein, no final de sua vida, declara: 'Se eu soubesse, teria sido encanador'. Acima de Einstein, o mutante é suficientemente inteligente para se esconder. Ele guarda para ele suas descobertas. Ele vive uma vida o mais discreta possível, tentando simplesmente manter contato com outras inteligências de sua espécie."

Para ele, se as mutações são regidas unicamente pelo acaso, existem certamente algumas favoráveis. "Se elas são regidas por uma força natural organizada, se elas correspondem a uma vontade de

ascensão do vivente, como, por exemplo, acreditava, Sri Aurobindo Ghose, devem existir ainda muitas outras. Nossos sucessores já estariam aqui."

Certamente eles não eram muitos quando Pauwels escreveu seu livro, mas parecem ter se multiplicado desde então.

Pauwels continua sua fantasia: "Podemos imaginar o ultra-humano, escala nova da vida no planeta, como um ser racional, e não mais apenas racional, um ser dotado de uma inteligência objetiva permanente, só tomando uma decisão depois de ter examinado lúcida e completamente a massa de informações de que dispõe. Um ser cujo sistema nervoso seria uma fortaleza capaz de resistir a qualquer assalto das impulsões negativas. Um ser com cérebro frio e rápido, equipado de uma memória total, infalível. Se o mutante existe, ele é provavelmente esse ser que fisicamente se assemelha a um ser humano, mas difere dele radicalmente pelo simples fato de controlar sua inteligência e usá-la sem um instante de descanso".

Por sua vez, em sua obra coletiva *La Mutation du futur* [A Mutação do futuro], Michel Random afirma que cada um de nós pode ajudar essa muta o: "Ao repartir equitativamente entre os homens os conhecimentos de que a humanidade já dispõe, e ao encorajá-los às trocas de modo a produzir combina es novas, aumentaremos o potencial intelectual da sociedade humana tão rápida e certamente quanto ao multiplicar o número dos gênios. Essa visão deve ser mantida paralelamente   visão mais fantástica do mutante".

O biólogo Morand escrevia, há muito tempo, a seu amigo Henri Laborit: "O homem que se tornou perfeitamente lógico, abandonando toda paixão como toda ilusão, se tornará uma célula no *continuum* vital que uma sociedade que chegou ao mais alto limite de sua evolu o constitui: evidentemente ainda não chegamos lá, mas não acho que possa existir evolu o sem isso. Então, e somente então, emergir  essa 'consciência universal' do ser coletivo, para a qual tendemos". No entanto, Duclaux, Breton, Morand ou Pauwels estavam a mil léguas de imaginar que essa

mutação estaria tão rápida no coração de uma próxima geração. Estaríamos próximos de chegar a esse limite?

Aos 8 anos, Flávio já estava em contato com essa consciência universal: "Antes de minha vinda para a Terra, eu esperava nessa fonte de luz, para poder penetrar no plano físico. Não sou apenas eu que venho do Sol. Todas as crianças que nascem agora e também todos os adultos que seguem um processo de transformação têm uma conexão aberta com a luz".

Aos 17 anos, Ian tem o mesmo tipo de discurso: "Desde que encarnei nesta Terra, sei que tenho uma missão a realizar. Devo ajudar os humanos a mudar de plano de consciência e a estar prontos para as grandes mudanças que estão sendo preparadas".

Rebécca, que agora tem 7 anos, também sabe que tem uma missão a realizar. "Eu sei que tenho algo para fazer aqui. Eu sabia o que era, mas esqueci. Eu descobrirei quando chegar a hora".

De todo modo, ela já está ciente de que deve ajudar a humanidade a evoluir. "Precisamos de crianças como eu para deter o mal que fazemos sobre a Terra", declara simplesmente.

E Alma, de 23 anos, é pródiga nesse sentido: "Eu sei bem que não sou capaz de mudar o mundo sozinha, mas somos muitos a desejá-lo e acredito que, se trabalharmos juntos, conseguiremos. O segredo é ser persuadido disso. Como dizia Fernão Capelo Gaivota: 'Para voar tão rápido quanto o pensamento para todo lugar que existe, é preciso começar por estar convencido de que já chegamos ao destino'. Richard Bach sabe de tudo isso, e nós mesmos sabemos que conseguiremos ajudar as pessoas a pensar diferentemente, mesmo se isso tomar muito tempo".



Os calendários maias e o Apocalipse

*"Aquele que conhece o homem apenas só a forma que
ele nos apresenta ao nascer não faz a menor ideia
dele."*

Diderot

Muitos são os que estão conscientes da importância dos tempos que vamos viver, mas, referindo-se ao Apocalipse, alguns aproveitam a incerteza que envolve nossa época para inquietar os outros e prever catástrofes, e até mesmo o fim do mundo.

Se em breve corremos o risco de assistir ao fim "de um" mundo, nem por isso a Terra deixará de girar, e devemos guardar na memória que a palavra "Apocalipse" significa "Revelação". Só isso, mas já é um formidável projeto que alguns situam de forma bem precisa no solstício de inverno do ano de 2012, baseando-se nos calendários maias que são atualmente objetos de um grande interesse por parte de milhares de pessoas, pois eles se concentram na famosa data de 21 de dezembro de 2012.

Carlos Barrios é historiador, antropólogo e estudou os famosos calendários durante 25 anos junto aos Antigos da tribo Mam. Ele publicou em espanhol *Kam Wuj* (o Livro do Destino), que faz o balanço sobre o ensinamento maia. Atualmente ele se tornou "Ajq'ij Maya", isto é, um sacerdote habilitado a officiar ao longo das cerimônias e um guia espiritual do Clã da Águia.

Auxiliado por seu irmão Gerardo, Carlos Barrios interrogou mais de 600 maias. "Os antropólogos visitam os sítios dos templos, lêem as estelas e as inscrições e inventam histórias a respeito dos maias, mas

não sabem ler os signos corretamente. Alguns anunciam o fim do mundo para dezembro de 2012. É simplesmente imaginação deles. Os maias não estão contentes com essa interpretação. O mundo não vai acabar. Ele será transformado. Os indígenas têm calendários e sabem como interpretá-los de maneira exata, mas os ocidentais, não."

Os maias - que conheciam Urano e Netuno muito antes da existência dos telescópios - tiveram 77 calendários diferentes, mas, desde 1987, o *Tzolkin* atraiu especialmente a atenção dos especialistas. Tendo como base o ciclo das Plêiades, ele é considerado sagrado e determina importantes mudanças da história da humanidade.

A compreensão maia do tempo e dos ciclos das estações é muito complexa, e as previsões dos calendários, baseadas em uma unidade de tempo que corresponde a um milésimo de uma jornada de 24 horas, são tão precisas que permitiram prever um voo de borboletas, no domingo de Páscoa de 21 de abril de 1519. Naquele dia, vindo do velho continente e se assemelhando a voos de borboletas rasando a superfície do oceano, Hernan Cortez e sua frota de 11 galeões espanhóis desembarcaram no México, perto do atual território de Vera Cruz. Essas "borboletas" infelizmente não trouxeram nem a paz nem a harmonia. Os maias chamaram essa era de "os Nove Infernos", cada um compreendendo 52 anos que decorreram exatamente como os Antigos haviam anunciado; confiscações das terras dos indígenas, privações das liberdades, instalação das doenças, da pobreza e do ódio entre as populações.

Carlos Barrios nasceu no Altiplano, altura da Guatemala, no seio de uma família espanhola, perto do lugar de residência da tribo maia Mam, considerada entre os maias como os Guardiões do Tempo, no nível dos antigos calendários.

"A humanidade vai continuar", ele anuncia, "mas de outra maneira. As estruturas materiais vão mudar. A partir de então, teremos a oportunidade de sermos mais humanos".

De acordo com Carlos Barrios, desde 1987, estamos em um período em que o mundo materialista está desaparecendo, lenta, mas inexoravelmente, levado pela destruição do meio ambiente, pelo caos social, pelas guerras e pelas mudanças climáticas. Tudo isso foi previsto há muito tempo pelos antigos maias. Ele afirma que os Guardiões do Tempo maias consideram 21 de dezembro de 2012 como a data do renascimento, o início do Mundo do Quinto Sol, o começo de uma nova Era.

"Se a humanidade conseguir chegar a 2012 em boas condições, sem ter destruído muito o planeta, chegaremos a um nível mais alto."

A partir de sua compreensão da tradição e dos calendários maias, Carlos Barrios oferece um balanço da situação atual da humanidade: "O tempo não é mais para brincar, mas para agir. Muitas almas poderosas escolheram reencarnar ao longo desse período, e elas vieram com grandes poderes. É verdade para os dois lados, tanto o da Luz quanto o da Sombra. A alta magia está trabalhando nos dois lados. As coisas vão mudar, mas o grau de dificuldade ou de facilidade das coisas por acontecer dependerá de todos nós e de cada um de nós".

Aos seus olhos, a potência da economia liberal é um erro. "Os primeiros cinco anos do período de transição (de agosto de 1987 a agosto de 1992) marcaram o começo da destruição do mundo material. Atualmente os bancos estão frágeis. Eles passam por um momento delicado. Eles poderiam desabar ao longo dos próximos meses sem que possamos mudar alguma coisa. Se os bancos desabarem, seremos forçados a nos centrar em nós mesmos e na Terra." Ele prediz que os polos magnéticos Norte e Sul vão se inverter, que o nível da água vai subir. "Mas no mesmo momento, terras emergirão do oceano, em particular perto de Cuba."

As previsões de Barrios por meio do calendário *Tzolkin* vão ao encontro, entre outras, das de Edgar Cayce sobre esse tipo de precisão geográfica. Ele acrescenta:

"Vivemos em um mundo de polaridade: dia e noite, homem e mulher, positivo e negativo. A Luz e a Sombra necessitam uma da outra; elas estão em equilíbrio. Mas, atualmente, o lado Sombra está muito forte e muito determinado quanto aos seus objetivos. Suas prioridades estão claramente estabelecidas e sua hierarquia, perfeitamente estruturada. A hierarquia da Sombra trabalha para que sejamos incapazes de nos conectar com a espiral do Quinto Mundo em 2012."

Flávio Cabobianco só pode aprovar essas propostas que se assemelham às suas: "Existem mundos onde dois polos se encontram. Um passa toda sua energia ao outro, um dos polos tem um filhote e o outro morre. Assim que o filhote pode obter energia sozinho, esse polo também morre, isto é, muda de nível; mas nos níveis superiores, é ainda mais fácil: não existe sexo, não existem polos, não nascemos e não morremos".

De acordo com Carlos Barrios, o lado Sombra trabalharia para impedir o despertar das consciências, reforçar o materialismo e destruir aqueles que trabalham com a Luz com o objetivo de fazer a Terra caminhar para um nível mais elevado. Seus representantes recusariam a mudança, a união de todos os seres vivos. Temendo o próximo nível de consciência, eles desejariam permanecer no nível atual.

Carlos Barrios explica que o advento da Era do Quinto Sol necessita de um elemento muito especial. Ao passo que os quatro elementos tradicionais, terra, ar, água e fogo dominaram as épocas do passado, doravante existe um quinto elemento que deve ser levado em conta, que marcará a Era do Quinto Sol: é o éter.

"O dicionário define o éter como um elemento rarefeito da atmosfera. O éter é na realidade mais ativo em nosso Universo. Ele penetra todo espaço e transmite ondas de energia em uma vasta gama de frequência, desde os celulares até as auras humanas. O que é 'etéreo' atinge regiões bem além da Terra. O éter, o elemento do

Quinto Sol, é celeste e carece de substância material, mas é também tão real quanto a madeira, a pedra ou a carne."

Segundo Carlos Barrios, pode acontecer uma fusão das polaridades no plano do éter. "Não é mais a Sombra ou a Luz, mas uma fusão estruturada entre as duas. Atualmente, o Reino da Sombra recusa essa fusão. Este reino se organiza para bloqueá-la. Ele procura desequilibrar a Terra e seu meio ambiente para que não estejamos prontos para o alinhamento de 2012. Precisamos trabalhar juntos pela paz e pelo equilíbrio com o outro lado. Precisamos cuidar da Terra que nos alimenta e nos abriga. Precisamos nos concentrar inteiramente, corpo, alma e espírito, na busca da unidade e da fusão."

Durante uma conferência dada em Santa Fé, Carlos Barrios insistiu no caráter crítico dos anos que vamos atravessar. Ele declarou: "Estamos perturbados porque percebemos que não podemos mais continuar a enganar. Nosso planeta será ou renovado ou destruído. Agora cabe a cada um de nós despertar e agir. Cada um tem sua razão de estar aqui embaixo. Nenhum de nós está aqui sem um motivo. Cada ser que se encontra aqui e agora tem uma missão importante. É um momento difícil, mas excepcional. Todos nós temos a oportunidade de evoluir, mas devemos estar prontos para assumir esse momento da história".

Segundo Carlos Barrios, se encarnamos neste período é porque temos um trabalho espiritual a realizar para reequilibrar o planeta. Portanto, é normal que as crianças, *índigo* ou não, participem dessa evolução.

Suas últimas palavras antes de deixar Santa Fé foram: "A maior sabedoria é a simplicidade. O amor, o respeito, a tolerância, o compartilhamento, a gratidão, o perdão, tudo isso não é nem difícil nem complexo. O verdadeiro conhecimento é gratuito. Ele está codificado em seu DNA. Tudo o que vocês precisam está no interior de vocês.

Grandes Ensinamentos disseram isso desde o início dos tempos: Encontre seu coração e você encontrará seu caminho".

As *índigo* parecem conhecer muito bem esse caminho. Elas também se recusam a continuar "enganando". Elas possuem dons in-comuns, como se a Terra as tivesse preparado para a mudança, ao mesmo tempo atores dessa mudança e espectadores da comédia que se desenrola a todo instante aos olhos delas.

Em 11 de setembro de 2001, Rébecca, que tinha 5 anos na época, via na televisão o *Journal*, que anunciava que um avião tinha acabado de destruir uma torre no World Trade Center. Enquanto sua mãe lhe explicava que se tratava de um acidente, ela retorquiu: "Não é um acidente. São os pensamentos que foram emitidos que estão voltando".

Elas são milhões, religadas entre si por uma mesma necessidade de viver de outra maneira, milhões conscientes de ver outra coisa além daquelas que os outros lhes ensinaram a ver. Zombamos delas quando acham que vieram do Sol, mas tudo vem do Sol: os seres vivos, as árvores, o planeta todo, sendo este apenas um pedaço do Sol que esfriou. E se a vida animal nasceu sobre a Terra e a Terra nasceu do Sol, então a vida animal já existia sob uma forma ou outra quando o Sol nasceu. E muito antes. Até o nascimento do Universo.

E para aceder a uma dessas outras dimensões que as crianças *índigo* parecem desejar restabelecer os vínculos que deveriam unir o pensamento consciente, que permite se situar em seu corpo, e a percepção inconsciente, que permite se situar no Universo. E isso sem esperar a mudança que corre o risco de abalar o mundo que conhecemos, quer se trate de uma mudança em razão de uma guerra nuclear ou dos fenômenos que os homens não podem controlar.



Vamos ouvir essas crianças

"Apenas aqueles que veem o invisível são capazes de fazer o impossível."

Professor Lown
(Prêmio Nobel de física em 1987)

Dessa maneira, já é hora de se conscientizar do papel que representamos na evolução da humanidade e do planeta e reencontrar as virtudes da Sabedoria mais do que os poderes do feiticeiro. "É preciso que a humanidade encontre o ritmo do cosmos", dizia D. H. Lawrence.

Entramos em uma nova era em que o homem, que detém um novo saber, deve escolher entre sua evolução e sua destruição. Esperemos que sua escolha lhe permita reencontrar a finalidade de sua vida e sua própria alma para que ele se torne, como preconizava Nietzsche, "o ponto de partida de algo diferente do homem", e não um robô que uma certa ciência reducionista e inconsciente tenta programar.

Todas as crianças *índigo* afirmam, sem exceção, que estão a serviço do universo em que evoluem e que Tudo é solidário com Tudo. Elas estão, dessa forma, particularmente designadas para nos ajudar a preservar a Terra e seus habitantes. Não temos um planeta suplementar e devemos salvar este em que vivemos. Para isso, é preciso parar de confiar os problemas que nos dizem respeito aos "especialistas", pois conhecemos atualmente sua frequente incompetência e o terrível uso que podem fazer dos direitos que lhes concedemos sem preocupação.

E verdade que a violência infantil aumenta em todos os lugares de maneira dramática. A televisão e os videogames, auxiliados pela fraqueza dos pais, são considerados a causa principal dessa violência.

É verdade que eles idealizam a violência, e seus heróis matam dezenas de "inimigos" a cada jogo; o assassinato está na moda. Isso pode influenciar os comportamentos das crianças, mas uma análise aprofundada permite constatar que as causas são múltiplas.

Exigimos das crianças, desde a mais tenra idade, proezas que elas não são capazes de realizar ou que não as interessam. Vimos que as *Índigo* não têm o espírito de competição, o desejo de superar os outros, de ganhar em todos os campos.

Uma vez que possuem outra visão do mundo, médicos e professores declaram que elas apresentam transtornos de comportamento ou de aprendizado e, como tudo que se relaciona com a saúde, física ou psíquica, a química é a resposta a todos os problemas.

Muitas vezes, sob a pressão exercida pela escola que ameaça a criança com a expulsão, os pais desamparados são levados a tomar medidas médicas, pois as drogas psiquiátricas são cada vez mais consideradas uma panaceia, o antídoto para todos os problemas da própria vida. Em suma, anestesiemos uma sociedade que sofre de um mal-estar de viver e cujas crianças são o sintoma essencial.

Contudo, quando decidimos considerar essas crianças com um olhar esclarecido, é perigoso privá-las de medicamentos da noite para o dia, pois a privação pode se revelar particularmente difícil e levar a uma depressão que pode provocar tendências suicidas. Constatamos com frequência casos de suicídios entre crianças, bem como pulsões de violência extrema decorrentes de uma supressão súbita de drogas psicotrópicas.

Em seu livro *Right-Brained Children in a Left-Brained World* [Crianças com o lado direito do cérebro dominante em um mundo com o lado esquerdo dominante], Jeffrey Freed afirma que os problemas de atenção não levam à delinquência, mas ele acha que essa

classificação incorreta e a vergonha que a ela está associada são fatores que levam à delinquência. Para ele, a maior parte dessas crianças marginais rebeldes poderia ter levado uma vida feliz e construtiva se o seu comportamento não tivesse sido considerado um "crime".

Cada um deve se perguntar: engendramos uma raça de crianças deficientes ao expô-las à robotização do ser humano e à inconsciência do verdadeiro sentido da vida ou, pelo contrário, somos confrontados a um fenômeno de consciência em que os futuros construtores de uma nova sociedade nos obrigam a revisar inteiramente todos os nossos valores e nosso sistema de pensamento?

Nossa cultura está impregnada de uma educação essencialmente individualista que não leva em consideração qualquer princípio de ordem superior. Com o risco de destruir uma hegemonia científica estabelecida, devemos abrir nosso espírito à busca da natureza última da realidade e obrigar nosso pensamento a fazer um trabalho pessoal para chegar à Verdade que nossa "razão" e, sobretudo, nosso antropomorfismo nos ocultam.

A inteligência humana atingiu alguns limites que ela não pode ultrapassar sem recorrer às noções perdidas, consideradas mágicas ou místicas. É possível que essas novas crianças, precursoras de uma nova ciência e de uma nova visão do mundo, participem, sem realmente medir sua amplitude, de um movimento que talvez seja considerado no futuro como um dos mais importantes da história da humanidade. Essa conscientização pode mudar o comportamento de vários bilhões de indivíduos. E então talvez sigamos o conselho de Pierre Teilhard de Chardin: *"Começamos a compreender, e é para sempre, que a única religião aceitável para o homem é aquela que lhe ensinará antes a reconhecer, amar e servir entusiasmamente o universo do qual ele é o elemento mais importante"*.

Essa chegada maciça de crianças diferentes e conscientes deveria, portanto, acelerar o processo de despertar da humanidade, mas,

para isso, devemos agir de modo a compreendê-las melhor e, muitas vezes, considerá-las guias e não como alunos.

Essa mudança depende de cada um de nós e de nossa atitude diante dos poderes estabelecidos. Devemos gritar alto e em bom som nossa determinação e nossa decisão de parar de obedecer como cegos às pressões midiáticas e publicitárias.

E evidente que as *índigo* conhecem planos de consciência aos quais alguns poucos têm acesso e, quando lhes administramos drogas para tentar fazer com que se assemelhem a dóceis carneiros, suprimimos seus vínculos com os planos sutis.

Aos 6 anos, Flávio ensinava: "O Sol dá sua energia à Terra. O Sol é uma bola de energia. A Terra é uma escola para os humanos. A Terra é muito física. O Sol é físico e espiritual".

Infelizmente, o desmoronamento de todos os nossos "valores" atuais é necessário para que se estabeleça a conscientização individual e para que nosso sistema de obediência cega seja substituído por um sistema de consciência livre e esclarecida.

O homem se assemelha à Divindade por meio de seu pensamento. Todo pensamento é ação por si mesmo, e somente a matéria se interpõe entre o pensamento e sua realização. Se conseguirmos suprimir o obstáculo da matéria, o pensamento positivo torna-se efetivo. Querer enclausurar o desconhecido no conhecido leva a um impasse. É preciso, portanto, que saiamos dos limites de nosso universo humano para compreender o Universo cósmico.

Como dizia tão bem George Bernard Shaw: "A liberdade significa responsabilidade. E por essa razão que a maior parte das pessoas a teme". Não estaria na hora de pensar e de agir finalmente em toda liberdade, sem coação exterior, sem ideias dogmáticas?

Em *Fernão Capelo Gaivota*, Richard Bach aconselhava: "Seu corpo existe apenas em seu pensamento, que lhe dá uma forma palpável. Quebre as correntes de seus pensamentos e você quebrará as correntes que mantêm seu corpo prisioneiro".

Na maior parte do tempo, as *índigo* sabem se libertar dessas correntes; dessa forma, em vez de considerá-las anormais, vamos imitá-las e quebrar nossas correntes para aprender, enfim, a liberdade.

Bibliografia

ANDRIEU, Irène. *Histoire des enfants de l'an 2000*, Éditions du Rocher, 1996.

BOHM, David. *La Conscience de l'Univers*, Éditions du Rocher, 1987.

BOUGUERRA, Mohamed Larbi. *Les Poisons du tiers-monde*, La Découverte, 1985.

BRADDEN, Gregg. *L'Éveil au point zéro*, Ariane, 2000.

BREGGIN, Dr Peter R. *Talking back to Ritalin*, Common coutage Press, 1998.

CAPRA, Fritjof. *Le Temps du changement*, Éditions du Rocher, 1983.

CAROLL, Lee e Tober, Jan. *Les Enfants indigo*, Ariane, 1999.
_____. *Célébration des enfants indigo*, Ariane, 2002.

CHARRON, J.-E.. *L'Esprit cet inconnu*, Albin Michel, 1977.

CONTE, R., BERLIOCCCHI, H., LASNE, Y. e VERNOT, G. *Théorie des hautes dilutions et aspects expérimentaux*, Polytechnica, 1996.

COLBORN, Théo. *Our stolen future*, Little, Bronx and Co, 1996.

DESBROSSES, Philippe. *Nous redeviendrons paysans*, Éditions du Rocher, 1993.

DUPUY, J.-P. e KARSENTY, S. *L'Invasion pharmaceutique*, Le Seuil, 1974.

- COSTA DE BEAUREGARD, Olivier. *Le Temps déployé*, Éditions du Rocher, 1988.
- DAVIS, Paul e GRIBBIN, John. *The Matter Myth*, Viking, Penguin, 1991.
- DUMAS, André. *La Science de l'âme*, Dervy, 1980.
- DUTHEIL, Régis e DUTHEIL, Brigitte. *L'Homme superlumineux*, Sand, 1990.
- _____. *La Médecine superlumineuse*, Sand, 1992.
- ELMIGER, Jean Dr. *La Médecine retrouvée*, Maloine, 1985.
- FIRSOFF, W. A.. *Life, Mind and Galaxies*, Edimburgo, 1967.
- GIRARD, Jean-Pierre. *Psychic ou le pouvoir de l'esprit sur la matière*, Filipacchi, 1996.
- HAWKING, Stephen. *Une brève histoire du temps*, Flammarion, 1989.
- HEHENKAMP, Carolina. *Le Mystère des enfants indigo*, Exergue, 2003.
- HEISENBERG, Werner. *La Nature de la Physique moderne*, Gallimard, 1962.
- HUXLEY, Aldous. *Les Portes de la perception*, Éditions du Rocher, 1954.
- ILLICH, Ivan. *La Némésis médicale*, Le Seuil, 1975.
- JAMES, William. *Some Problems of Philosophy*. N.Y: Longman Green and Co, 1911.
- JAURÈS, Jean, *De la réalité au monde sensible*, 1851.
- JEANS, James. *Physics and Philosophy*, University Press Cambridge, 1943.
- JUNG, Carl Gustav. *Essai d'exploration de l'inconscient*, Robert Laffont, 1964, Ma vie, Gallimard, 1966.
- KOECHLIN DE BIZEMONT, Dorothée. *Les Prophéties d'Edgar Cayce*, Éditions du Rocher, 1998.

- LÉVY, Joseph Dr. *La Révolution silencieuse de la médecine*, Éditions du Rocher, 1988.
- LONDECHAMP, Guy Dr. *L'Homme vibratoire*, Amrita, 1993.
- MORIN, Edgard. *Science avec conscience*, Le Seuil, 1990.
- KAKU, Michio. *Hiperspace*, Oxford University Press, 1994.
- KAMMERER Paul. *Traité de sérialité*, 1919.
- KOESTLER, Arthur. *Les Racines du hasard*, Calman-Lévy, 1972.
- MELCHIZEDEK, Drunvalo. *L'Ancien Secret de la fleur de vie*, Ariane, 2001.
- MONOD, Jacques. *Le Hasard et la nécessité*, Le Seuil, 1970.
- NICOLESCU, Basarab. *Nous, la particule et le monde*, Le Mail, 1985.
- OPPENHEIMER, Robert. *The Constitution of matter*, Princeton University Press, 1954.
- OSORIO, Georges. *La Conscience après la mort*, Aquarius, 1993.
- PLAYFAIR, Guy. *Le Pouvoir de l'invisible*, Calmann-Lévy, 1976.
- PRIBRAM, Karl. *Language of the Brain*, Englewood Cliffs Nova Jersey, 1-971.
- PRIESTLEY, J.-B.. *Man and Time*. Nova York: Doubleday, 1964.
- RANDOM, Michel (apresentado por). *La Mutation du futur*, Albin Michel, 1996.
- RICHET, Charles. *Traité de métapsychique*, Artha production, 1994.
- _____. *La Grande Espérance*, Montaigne.
- _____. *Notre sixième sens*, Artha, Chiron, 1995.
- ROBINSON, Elizabeth. *Secrets, Truth & Destiny*, Perth Key Publishing, 1998.
- SHELDRAKE, Rupert. *La Mémoire de l'Univers*, Editions du Rocher, 1988.

_____. *L'Âme de la nature*, Éditions du Rocher, 1992.

TALBOT, Michae 1. *L'Univers est un hologramme*, Presses-Pocket, 1994.

TEILHARD DE CHARDIN, P. *Hymne de l'Univers*, Le Seuil, 1961.

THUAN, Trinh Xuan. *La Mélodie secrète*, Fayard, 1991.

VIRTUE, Doreen. *Aimer et prendre soin des enfants indigo*, Ariane, 2002.

VOLLAND, H. *Électrodynamique Atmosphérique*. Nova York: Springer-Verlag, 1984.

WATSON, Lyall. *Supernature*, Albin Michel, 1988.

_____. *The Nature of Things*. Londres: Hodder and Stoughton, 1990.

WILLEM, Jean-Pierre. *Le Secret des peuples sans cancer*, Le Dauphin, 1994.

WILSON, Colin. *Alien Dawn An Investigation into the Contact Experience*. Londres: Virgin Publishing, 1998.



<http://livros-loureiro.blogspot.com.br/>